

ESPIRITISMO & OBSESSÃO



RINO CURTI

LAKE

ESCOLA DE EDUCAÇÃO MEDIÚNICA ESPÍRITA

TOMO 4

VOL. 2

PROF. RINO CURTI

(Presidente da Coligação Espírita Progressista)

ESPIRITISMO E OBSESSÃO

NUCLEO ESPÍRITA CAMINHEIROS DO BEM
DEPARTAMENTO EDITORIAL:

LAKE — Livraria Allan Kardec Editora
Rua Assunção, 43 - Brás - CEP 03005
Fones: 229-1227, 229-0935 e 229-0526
Caixa Postal 15.190 - CEP 01599
São Paulo - BRASIL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do [ebook espirita](http://www.ebookespirita.org) com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [ebook espirita](http://www.ebookespirita.org) disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespirita.org.



www.ebookespirita.org

ÁREA DE ENSINO

LIVROS DAS ESCOLAS

— CURSO BÁSICO

- Vol. 1 — Espiritismo e Reforma Íntima
- Vol. 2 — Espiritismo e Evolução

— CURSO DE EDUCAÇÃO MEDIÚNICA ESPIRITA

1.º Ano — Tomo I

- Vol. 1 — Cristianismo
- Vol. 2 — Mediunato

2.º Ano — Tomo II

- Vol. 1 — Dor e Destino
- Vol. 2 — Desenvolvimento Mediúnico

3.º Ano — Tomo III

- Vol. 1 — Mediunidade em Ação
- Vol. 2 — Mediunidade: Instrumentação da Vida

4.º Ano — Tomo IV

- Vol. 1 — O Passe (Imposição de Mãos)
- Vol. 2 — Espiritismo e Obsessão

— CURSO DE EDUCAÇÃO EVANGÉLICA ESPIRITA

1.º Ano — Tomo I

- Vol. 1 — Monoteísmo e Jesus
- Vol. 2 — Homem Novo

2.º Ano — Tomo II

- Vol. 1 — Do Calvário ao Consolador
- Vol. 2 — Bem-Aventuranças e Parábolas

3.º Ano — Tomo III

- Vol. 1 — As Epístolas de Paulo e o Apocalipse de João (Segundo o Espiritismo)
- Vol. 2 — Espiritismo e Questão Social

INDICE

4.º Ano — Tomo IV

Vol. 1 — Espiritismo e Sexualidade

Vol. 2 — Espiritismo e Liberdade
(em preparação)

— CURSOS DO DIVULGADOR E EXPOSITOR ESPÍRITA

1.º Ano — O Divulgador Espírita

Vol. I — 1.ª parte

Vol. II — 2.ª parte

2.º Ano — O Divulgador Espírita

Vol. III — 3.ª e 4.ª partes

— CURSO DO DIVULGADOR ESPÍRITA

— 3.º e 4.º Anos — Em elaboração

— CURSO DO EXPOSITOR ESPÍRITA

3.º e 4.º Anos — Em elaboração

Apresentação 13

CAPÍTULO I

O CONCEITO DE OBSESSÃO

1 — A Vida é Eterna	15
2 — O Pensamento e Seus Efeitos	16
3 — Os Espíritos Intervêm no Mundo Corpóreo	16
4 — Obsessão: A Noção	17
5 — A Obsessão, do Ponto de Vista Científico	18
6 — A Origem das Obsessões	19
7 — O Surgimento de Uma Obsessão	19
a) — Bibliografia	20
b) — Leituras Complementares	21
c) — Perguntas	21
d) — Prática de Renovação Íntima	21
e) — Aula Prática	21

CAPÍTULO II

HÁBITOS E OBSESSÕES

1 — Causas da Obsessão	23
2 — Fatores Obsessivos	24
3 — Tabagismo	26
4 — Alcoolofilia	27
5 — Toxicomania	27
a) — Bibliografia	29
b) — Leituras Complementares	29
c) — Perguntas	29
d) — Prática de Renovação Íntima	29
e) — Aula Prática	29

CAPÍTULO III

AS OBSESSÕES E A INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS

1 — Obsessão Simbiótica	31
2 — As Quedas em Estados Obsessivos	32
3 — A Intervenção nas Obsessões	33
4 — Um Exemplo de Intervenção	35
5 — Viciações	35
a) — Bibliografia	38
b) — Leituras Complementares	38
c) — Perguntas	39
d) — Prática de Renovação Íntima	39
e) — Aula Prática	39

CAPÍTULO IV

A SUBJUGAÇÃO

1 — Caso de Subjugação	41
2 — As Alucinações dos Alcoólatras	42
3 — A Enfermidade Como Meio de Retificação	43
4 — Sexualidade	43
5 — O Vampirismo nas Obsessões	45
6 — Sexo e Seus Desvios: Questões de Natureza Mental	46
a) — Bibliografia	47
b) — Leituras Complementares	47
c) — Perguntas	48
d) — Prática de Renovação Íntima	48
e) — Aula Prática	48

CAPÍTULO V

AS PRINCIPAIS DOCTRINAS DA REALIDADE

1 — Causas das Obsessões	50
2 — A Crise do Espiritualismo	51
3 — O Realismo Científico	52
4 — O Darwinismo Social	52
5 — O Pragmatismo	53
6 — O Materialismo Dialético	54
7 — O Existencialismo	55

a) — Bibliografia	56
b) — Leituras Complementares	56
c) — Perguntas	56
d) — Prática de Renovação Íntima	57
e) — Aula Prática	57

CAPÍTULO VI

AS LEIS DA EVOLUÇÃO DO ESPÍRITO

1 — Filosofia Espírita	58
2 — Equilíbrio: Lei Fundamental da Vida	60
3 — Falsas Doutrinas de Educação Irrestrita	62
a) — Bibliografia	64
b) — Leituras Complementares	64
c) — Perguntas	64
d) — Prática de Renovação Íntima	65
e) — Aula Prática	65

CAPÍTULO VII

MORAL E VIOLÊNCIA

1 — Reflexo, Instinto e Ação Refletida	66
2 — Pródromos da Idéia Moral	68
3 — Filhos Adotivos	69
4 — Porque Sofremos	71
5 — A Não-Violência	72
a) — Bibliografia	73
b) — Leituras Complementares	73
c) — Perguntas	73
d) — Prática de Renovação Íntima	74
e) — Aula Prática	74

CAPÍTULO VIII

POSSESSÃO PARTILHADA

1 — Sabedoria e Amor	75
2 — O Assunto Sexo	76
3 — Possessão Espontânea	77
4 — O Conluio Obsessivo	79
5 — Orientação Malsinada	81

a) — Bibliografia	81
b) — Leituras Complementares	81
c) — Perguntas	81
d) — Prática de Renovação Íntima	82
e) — Aula Prática	82

CAPÍTULO IX

EMBATES DE CONSCIÊNCIA

1 — Obterás o Que Pedes	83
2 — A Importância das Escolas Espíritas	85
3 — Exame de Consciência	87
4 — Desespero e Prece	88
5 — Mecanismo da Desobsessão	89
a) — Bibliografia	91
b) — Leituras Complementares	91
c) — Perguntas	91
d) — Prática de Renovação Íntima	91
e) — Aula Prática	92

CAPÍTULO X

POR QUE DA OBSESSÃO

1 — Caracteres da Obsessão	93
2 — Porque nos Desviamos	96
3 — Nasce-se Psicopata	98
4 — Médiuns Doentes	99
5 — Socorro Celeste	99
a) — Bibliografia	100
b) — Leituras Complementares	100
c) — Perguntas	100
d) — Prática de Renovação Íntima	101
e) — Aula Prática	101

CAPÍTULO XI

MEDIUNIDADE E DESOBSESSÃO

1 — Tratamento da Obsessão	103
2 — Desobsessão	105

3 — Indução Mental e Oração	107
4 — Mediunidade e Oração	108
a) — Bibliografia	109
b) — Leituras Complementares	109
c) — Perguntas	110
d) — Prática de Renovação Íntima	110
e) — Aula Prática	110

CAPÍTULO XII

CONCLUSÃO — I

1 — Término do Curso	112
2 — O Conceito Comum de Mediunidade	112
3 — O Progressismo da Doutrina	114
4 — O Conceito Atual de Mediunidade	115
5 — A Mediunidade nos Seres Inferiores	116
a) — Bibliografia	119
b) — Leituras Complementares	119
c) — Perguntas	120
d) — Prática de Renovação Íntima	120
e) — Aula Prática	120

CAPÍTULO XIII

CONCLUSÃO — II

1 — Metapsíquica, Parapsicologia e Espiritismo	121
2 — O Porque da Palavra Dogma	122
3 — Os Metapsiquistas	123
4 — Metapsíquica, Parapsicologia e o Aspecto Científico do Espiritismo	124
5 — Desenvolvimento Mediúnico	125
6 — Dons Mediúnicos	127
a) — Bibliografia	130
b) — Leituras Complementares	130
c) — Perguntas	130
d) — Prática de Renovação Íntima	131
e) — Aula Prática	131

APRESENTAÇÃO

Com este volume, encerramos a série de textos didáticos, para a formação do Médiun Espírita.

A mediunidade, como foi largamente exposto ao longo do Curso, é uma faculdade que, no seu sentido comum, possibilita a tarefa de intermediário entre os dois planos — o nosso e o Maior — aceita pelo médium, num compromisso, cujos interesses transcendem os do período de encarnado.

No seu sentido geral, ela é faculdade de comunicação, por meio da qual revela-se ao homem — a todos os homens — existem, para eles, outras vias de conhecimento, além daquelas que se constituem dos sentidos normais. Daí a grande importância de conhecer-lhe as possibilidades e as características.

Embora ela seja uma faculdade inerente a todos os seres, nascida em embrião com a mônada, é no homem que ela começa a revelar-se como esta nova fonte de conhecimento e a mostrar como a mente, de outras formas, possa dominar a matéria.

Os poderes que o homem, neste sentido, adquirirá até o fim do ciclo de suas reencarnações para ingressar em outro reino, são demonstrados por Jesus, quando encarnado. Embora Ele tenha limitado muito seus poderes de manifestação, pois já não pertence a este reino hominal, deixou patente que o homem, ao desenvolver-se em sabedoria e amor, até automatizar o comportamento evangélico, estaria a ingressar no “Reino dos Céus”, o novo reino para o qual o homem passará, após terminar o ciclo das reencarnações, como ser humano, integralmente evangelizado que esteja.

Divisada a meta, o que se espera, é que o homem empreenda a marcha de sua elevação, entendendo que o desenvolvimento de seus poderes mediúnicos é o resultado de seu desenvolvimento intelectual e moral, a comprovação de sua maturidade espiritual. E que, por enquanto, terminado o Curso, o médium passe a desenvolver sua atividade mediúnica com o maior empenho e responsabilidade.

Rino Curti

O CONCEITO DE OBSESSÃO

1 — A VIDA É ETERNA

Individualidade que somos, com um passado multimilenar, encarnamos com uma bagagem que é o resultado das conquistas efetuadas, no âmbito da experiência e do aprendizado.

Surgimos neste plano com um programa definido: o que se entende. Espíritos eternos, rumamos para destinos cada vez mais altos, cuja realização impõe programas de desenvolvimento, nos quais cada um tem problemas de ordem particular a resolver. Algo que pode ser posto em analogia com a situação do aluno na escola. Somos um ser social que a escola situa numa etapa subordinada aos propósitos da vida que nos prefixamos, de conformidade com aquilo que desejamos ser: um obreiro, um comerciante, um sacerdote, um profissional liberal, etc.

A reencarnação é algo análogo, em âmbito mais amplo. Somos espíritos com propósitos definidos, questões a solucionar, dívidas a sanar, aptidões e desenvolver, virtudes a edificar.

A analogia se presta, também, a esclarecer a posição em que nos encontramos em relação aos desencarnados.

Dentro da escola, nos comunicamos diretamente com colegas, funcionários e professores, mas permanecemos ligados à família, às amizades e às relações, fora dela, à condição social que desfrutamos, com as questões a elas relativas, numa vida que é uma só. Não desfrutamos de duas vidas: uma escolar e uma social. Vivemos, porém, uma única vida, com obrigações simultâneas, com aspectos interdependentes e compromissos indissociáveis. Fora do período escolar, nosso comportamento se subordina a interesses outros, que nos situam de maneira diferente.

Similar é o nosso viver: vivemos neste plano dois terços do dia; no outro, um terço. Em ambos, entretanto, vivemos problemas de natureza complementar, em convivência com aqueles encarnados ou desencarnados, que estão conosco enredados, num processo que visa o bem e o progresso de todos.

O que a grande maioria desconhece é esta situação de convivência e intercâmbio com o mundo espiritual. Algo assim como se

um aluno, na escola, dentro do alheamento momentâneo em relação à família, à sua casa, às atividades que exerce e às próprias preferências, o passasse a considerar algo permanente. Que esquecesse tudo aquilo de que depende sua estada na escola: dessa vida que, se lhe proporciona a possibilidade da vida escolar, também a ela se condiciona esperando que ele, aí, tenha sucesso, uma vez que os seus interesses, em ambas, são interdependentes.

2 — O PENSAMENTO E SEUS EFEITOS

O indivíduo, na vida se rege pelo pensamento. Por ele, a mente "... absorve fluido qual a criatura assimila a força emanante do Criador, esparsa em todo o Cosmo, transubstanciando-a sob a própria responsabilidade, para influenciar na criação, a partir de si mesma... produzindo três efeitos principais:

- 1.º — vitaliza o corpo, governando-lhe o modo de ser e a existência;
- 2.º — irradia suas características com poder indutivo sobre outras mentes;
- 3.º — dá origem a verdadeiras formas vivas, dos mais variados tipos, que se difundem no meio, guardando conformidade de atuação com aqueles que com ele se acordam, aglutinando paisagens nas quais os Espíritos, "por densidade", se ajustam.

O segundo efeito é responsável pela comunicação entre os Espíritos. Estes, em condições de receptividade, apassivando-se, absorvem as emissões das outras mentes que se lhe afinam, captam-lhe as idéias e o comando, segundo o grau de passividade, originando fenômenos de caráter intelectual...

... A conjugação mental é determinada pelo pensamento do médium, porque é segundo sua natureza e teor que ele se liga e subordina a esta ou aquela entidade..." ((1), Cap. I)

3 — OS ESPÍRITOS INTERVÊM NO MUNDO CORPÓREO

A faculdade de comunicação entre mentes, que possibilita o fenômeno da recepção e da influenciação do agente pelo paciente, é o que denominamos de mediunidade. Mas este fenômeno não se realiza somente entre os que, comumente, denominamos médiuns e os desencarnados. Ele se verifica entre encarnados e desencarnados e mesmo entre vivos, nas ocorrências cotidianas, ((1), Cap. V).

No momento em que nos fixamos num assunto, exteriorizamos, na onda mental que nos é característica, os quadros que nos nascem no cérebro, estabelecendo comunicação com outras mentes que, em nos escutando as conjecturas, passarão a cunhar pensamentos da mesma natureza, embora cada um na sua própria versão.

Em virtude disto, os Espíritos intervêm no mundo corpóreo. ((2), Cap. IX):

- (Perg. 456) — Podem ver tudo que fazemos.
(" 457) — Podem conhecer os nossos pensamentos.
(" 459) — Influem sobre os nossos pensamentos e ações.
(" 461) — Sugerem-nos pensamentos.

"... Os Espíritos exercem sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico, uma ação incessante. Agem sobre a matéria e sobre o pensamento, e constituem uma das forças da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até agora inexplicados, ou mal explicados, que não encontram solução racional.

As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos convidam ao bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação; os maus nos convidam ao mal; é para eles um prazer ver-nos sucumbir e cair no seu estado..." ((2), Introdução)

"Em todos os continentes, podemos encontrar milhões de pessoas em tarefas dignas ou menos dignas... senhoreadas por Espíritos desenfreados do liame físico, atendendo a determinadas obras, ou influenciando pessoas para fins superiores ou inferiores em largos processos de mediunidade ignorada, fatos esses vulgares em todas as épocas da Humanidade..."

Médiuns somos todos nós, nas linhas de atividade em que nos situamos..." ((3), Cap. 1).

Neste volume, nos fixaremos nestes aspectos do relacionamento entre encarnados e desencarnados, iniciando com a influenciação para fins inferiores, de múltiplos aspectos, considerado sob o título: OBSESSÃO.

4 — OBSESSÃO: A NOÇÃO

A noção de obsessão é estabelecida em ((4), Cap. XIV, n.º 45); em ((5), Cap. XXIII); e em vários livros de André Luiz, que citaremos caso a caso.

Em "A Gênese", diz Kardec: "... Pululam em torno da Terra os maus Espíritos, em conseqüência da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja desses Espíritos é parte integrante dos flagelos com que a humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão, que é um dos efeitos de semelhante ação, como as enfermidades e todas as atribuições da vida, deve, pois, ser considerada como provação ou expiação e aceita com esse caráter.

Chama-se obsessão à ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, que vão desde à simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até à perturbação completa do organismo e das facul-

dades mentais. Ela oblitera todas as faculdades mediúnicas. Na mediunidade audiente e psicográfica traduz-se pela obstinação de um Espírito em querer manifestar-se, com exclusão de qualquer outro. . ."

Em ((5), Cap. XXIII), Kardec estuda a obsessão com maior amplitude, dizendo que "*. . . Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. . .*" agarrando-se àqueles de quem podem fazer suas presas. Trata-se de um fenômeno, "*. . . cujas principais variedades são a OBSESSÃO SIMPLES, a FASCINAÇÃO, e a SUBJUGAÇÃO. . .*"

5 — A OBSESSÃO, DO PONTO DE VISTA CIENTIFICO

Diz André Luiz, em ((6), Cap. XXIV), que "*. . . o estudo da obsessão, conjugado à mediunidade, se realizado em maior amplitude, abrangeria o exame de quase toda a Humanidade terrestre. . .*"

Os fenômenos, que ela abrange, são conhecidos desde a mais remota Antiguidade. É deles que surgem as concepções de anjos maus ou demônios, pelos quais magos e sacerdotes de todos os tempos manipulam exorcismos e orações com o intuito de "*. . . afastar os Espíritos atormentadores, que se comprazem em vampirizar ou exaltar suas vítimas em infeliz comércio entre os dois planos da vida: o corporal e o espiritual. . .*" ((7), Prolegômenos).

Os fatos, embora conhecidos, não eram vistos à luz do conhecimento, cientificamente, elaborado. Eram explicados à luz das concepções filosófico-religiosas, de forma semelhante à concepção que se fazia da estrutura atômica da matéria. Desde Demócrito concebe-se a matéria constituída de átomos, concepção associada a muitas ingenuidades e credices, enquanto a teoria moderna é fundamentada em fatos experimentais observados em todos os campos da física e da química, medidos e tratados matematicamente.

Análogas eram as concepções sobre estes fenômenos, antes do século XIX, no qual inauguraram-se as investigações controladas cientificamente.

"*. . . Foi nesse período que Allan Kardec, convidado à liça da cultura e da informação, empunhando o bisturi da investigação, clareou, com uma Filosofia Científica — o Espiritismo —, calcada em fatos devidamente comprovados, os escaninhos do obscurantismo, oferecendo uma terapêutica segura para as alienações torturantes, repetindo as experiências de Jesus Cristo, junto aos endemoniados de toda a ordem.*"

Classificou como obsessão a grande maioria dos distúrbios psíquicos e elaborou processos de recuperação do obsediado, estudando as causas anteriores das aflições à luz das reencarnações, através da linguagem condizente com a razão, e demonstrável experimentalmente. . ." ((7), Prolegômenos).

6 — A ORIGEM DAS OBSESSÕES

Relacionadas aos indivíduos, obsessões, as há dos mais diversos tipos, numa escala infinita de graduação e variedades, produzindo os mais diferentes desequilíbrios mentais, os mais desastrosos dos quais, constituindo as enfermidades psíquicas clássicas, objeto da Psiquiatria e relativos "*. . . àqueles que desgalgaram até ao fundo do abismo, amargurados e vencidos. . .*"

Milhões há, entretanto, que "*. . . se conservam semiloucos nos lares ou nas instituições. . . incapazes do devotamento e da renúncia, a submergirem, pouco a pouco, no caliginoso tijuco das alucinações. . . De mente desavisada, fixa no sovação da subconsciência, perdem-se no campo dos automatismos inferiores, obstinando-se no conservar estados deprimentes psíquicos. . .*" ((8), Cap. XI)

A obsessão sempre se origina em uma falha nossa. No quadro que ela apresenta, sempre há um explorado e um explorador. Mas, a ligação sempre se origina da falta de vigilância, diante das mazelas subconscientes, ainda não extirpadas dentro de nós e que vêm à tona, sempre que espiçadas pelos estímulos externos, ou pelas associações mentais que resultam da atenção a quadros que as sustentam.

Diz Kardec, em ((4), Cap. XIV): "*. . . Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um espírito mau. . .*"

Visto que somos espíritos em evolução, em marcha para a Espiritualidade superior, em sucessão à animalidade, não há como evitar o surgimento de tais estados perturbadores, na sua incipiência, mas que aí podemos sufocar, mesmo porque trata-se de produtos do nosso psiquismo a se infiltrarem em nossa personalidade e comportamento, que há que sublimar, para crescermos.

Nosso crescimento e luta; nossos inimigos são nossas imperfeições. São estas que nos governam as manifestações menos felizes, geram as influências que nos prejudicam, comprometem-nos a caminhada, criam-nos as inimizades com o semelhante.

7 — O SURGIMENTO DE UMA OBSESSÃO

Pois bem; se não há como evitar o despertamento de tendências inferiores, mesmo porque o sublimá-las faz parte de nosso progresso, como percebê-lo antes que elas nos subjuguem e dêem margem à desequilíbrios ou a obsessões? Pois se estas têm seu ponto de partida nesse despertar e poderão dominar-nos, como alertar-nos a tempo, antes que isto aconteça? Como impedir o desenvolvimento do processo? Como evitar as quedas?

Perceber, quando estejamos adentrando numa obsessão é muito bem explicado em ((7), "Examinando a Obsessão").

Diz-se aí: "... Quando você escute nos recessos da mente uma idéia torturante, que teima por se fixar, interrompendo o curso dos pensamentos..." isto é, quando se produz a fixação mental em algo que, inclusive, queremos evitar, mas que se manifesta persistente, distraíndo-nos, tolhendo-nos a tranqüilidade, surgindo até no meio de uma concentração, em uma atividade ou em uma prece, perdurando mesmo que a queiramos evitar.

"... quando constate, imperiosa, atuante força psíquica interferindo nos processos mentais;...", por exemplo uma cena, uma imagem, uma conversa, uma ofensa, um desrespeito, uma desconsideração, um impulso de revide, vingança, ciúme, revolta;

"... quando verifique a vontade sendo dominada por outra vontade que parece dominar; quando experimente inquietação crescente na intimidade mental, sem motivos reais; quando sinta o impacto do desalinho espiritual em franco desenvolvimento, acautele-se, porque você se encontra em processo imperioso e ultriz de obsessão pertinaz.

Transmissão mental de cérebro a cérebro, a obsessão é síndrome alarmante, que denuncia a enfermidade grave de erradicação difícil.

A princípio, se manifesta como inspiração sutil, depois intempestivamente, para com o tempo fazer-se interferência da mente obsessora na mente encarnada, com vigor que alcança o clímax na possessão lamentável.

Idéia negativa que se fixa, campo mental que se enfraquece, dando ensejo a idéias negativas que virão..."

E eles sempre se iniciam nesse despertar de tendências, que nos predisusemos a sublimar, ou na revisão de experiências em que fracassamos, como, por exemplo, num suicídio. Se alguém se suicidou aos quarenta anos, na existência anterior, nesta, novamente, aos quarenta anos, verá recompostem-se-lhe as situações, a ordem de pensamentos, para as quais se não tiver reconstruído valores que lhe dêem novas forças para superar os apelos, fatalmente reincidirá na falta.

E isto se dá com todas as deficiências de nosso espírito, sejam elas relativas a tendências criminosas, viciosas ou de mero reajuste. Pois "... da mesma forma que as enfermidades orgânicas se manifestam onde há carência, o campo obsessivo se desloca da mente para o departamento somático, onde as imperfeições morais do pré-terito deixaram marcas profundas no perispírito..."

a) — BIBLIOGRAFIA

- (1) — Rino Curti: *Mediunidade: Instrumentação da Vida*
- (2) — Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*
- (3) — André Luiz: *Nos Domínios da Mediunidade*
- (4) — Allan Kardec: *A Gênese*

- (5) — Allan Kardec: *O Livro dos Médiuns*
- (6) — André Luiz: *Mecanismos da Mediunidade*
- (7) — Manoel Philomeno de Miranda (Psicografado por Divaldo Pereira Franco): *Nos Bastidores da Obsessão*
- (8) — André Luiz: *No Mundo Maior*

b) — LEITURAS COMPLEMENTARES

As dos capítulos das obras citadas no texto

c) — PERGUNTAS

- 1.^a — Somos Espíritos. Mesmo no plano material vivemos uma só vida, sob dois aspectos: o material e o espiritual: ambos entrosados entre si. Explique.
- 2.^a — Quais os efeitos que o pensamento produz?
- 3.^a — Os Espíritos exercem, sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico, uma ação incessante. Explique.
- 4.^a — Como definir a obsessão?
- 5.^a — Como é considerada a obsessão no Espiritismo?
- 6.^a — De que decorre a obsessão?
- 7.^a — Podemos perceber quando uma obsessão inicia a insinuar-se em nós mesmos?

d) — PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel — *Seara dos Médiuns*

Estudar e pôr em prática os capítulos:

"Tesouros Ocultos" e "Irmãos Problemas"

e) — AULA PRÁTICA (65 min.)

Título: *Animismo: o fenômeno*

1.^a PARTE: Abertura (20 min.)

A1 — Recomendações para a aula (2 min.)

"*Nas leis do Amor*" (Emmanuel: "Justiça Divina")

A2, A3, A4 — os mesmos de sempre

2.^a PARTE: O trabalho (30 min.)

Entendendo o Animismo como "... o conjunto dos fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação..." salienta-se, entre eles, o da regressão da memória.

Um médium, em transe, pode regredir na memória, sem reconhecer-se e exprimir-se como se tratasse de comunicação, vidência, etc. ... Isto é provocado comumente nas obsessões, pelos obsessores, via hipnótica, com o intuito de prejudicar.

O fenômeno pode ocorrer pela deparação com situações idênticas às do passado, ou pela aproximação de entidades que despertem nele situações pensadas, nas quais o médium, não se reconhecendo, pensa estar observando fatos.

O Animismo, em geral, é tratado como se fora uma mistificação consciente do médium. É um erro, porque quase sempre está associado a estado de perturbação, fase de pouco desenvolvimento do mediano que, em lugar de descanso, nos merece concurso e entendimento.

Muitos entendem que o sensitivo seja mero aparelho de comunicação, o que é um outro engano. Ao colocar-se em sintonia com alguma entidade, há o problema da afinidade, das emoções que nele se despertam, e que fazem com que cada um atue de maneira diferente.

Além disso, ele põe em jogo os próprios recursos mentais que diferem de indivíduo a indivíduo e dependem do seu estado emocional. Ele é uma pessoa como outra qualquer, com seus próprios problemas íntimos e soluções a buscar.

Mesmo no Animismo e talvez mais do que em qualquer outra manifestação mediúmica, o que nos cabe é estender o nosso apoio fraterno, auxiliando e compreendendo, não exigindo dos outros aquilo que nós mesmos não somos capazes de cumprir.

HÁBITOS E OBSESSÕES

I — CAUSAS DA OBSESSÃO

Primeiramente "... *A obsessão consiste na tenacidade de um Espírito, do qual não consegue desembaraçar-se a pessoa sobre quem ele atua.* ..." ((1) Cap. XXIII, n.º 238)

As razões podem ser várias. Por exemplo: vingança, desejo de fazer mal, desejo de impor um falso saber; motivos vários que sempre vingam, enraizando-se em fraquezas do obsediado.

Em ((2), n.º 38), conta-nos o Irmão X acerca de um acontecimento, ocorrido nas trevas entre obsessores.

Um organizador de obsessões, numa reunião com comparsas, refere-se às dificuldades que o Espiritismo lhes cria à atuação, "... *pelos ensinamentos renovadores em toda a parte, horizontes claros na mente humana.* ..." Cria "... *atmosfera semelhante à que se conheceu nos tempos do Cristo.* ..."

Os Espíritos trocam a prece inativa pelo trabalho no exercício do bem, organizando "... *caravanas de socorro aos infelizes.* ...", com prejuízo para os obsessores que necessitam de suas energias, "... *tanto quanto o homem necessita dos recursos do boi.* ..."

Examinando os meios de mudar a situação, descartam vários deles como inócuos, a saber:

- a perseguição, por se tornar benefício ao perseguido;
- os desastres e envenenamentos, pois desde a crucificação do Cristo não valem vítimas públicas;
- a geração de loucura em massa, porque induziria "... *os Espíritos a mais amplos estudos e observações dos princípios que abraçam.* ...", o que forneceria mais luz ao pensamento, "... *luz que não... permite o serviço da sombra.* ..."
- calúnias, discórdias, críticas e escárnios, por ser técnica superada, pois "... *toda pessoa injuriada vence facilmente.* ... *desde que se conserve trabalhando.* ..."

— a dúvida, por provocar "... mais ampla incursão nos domínios da realidade e, quando as pessoas se pronunciassem, atrairiam multidões contra o... esforço..." dos obsessores."

Um expediente, entretanto, que poderia vingar, seria o de treinar milhares "... para a hipnose em larga escala..." fazendo com que "... os espíritas se acreditem santos de carne e osso..."

Mobilizar legiões que "... lhes assoprem lisonja... para a sustentação de elogios mútuos. Faremos que se suponham heróis e reis, místicos e fidalgos reencarnados com títulos honoríficos, garantidos nos mundos superiores, como os beatos do tempo antigo se julgavam donos de poltronas cativas no reino dos Céus. Depois dessa primeira fase, estarão dispostos a serem bonzinhos, a viverem na santa paz com todos. Não mais abraçarão problemas; considerarão a análise desnecessária...". Considerar-se-ão isentos de necessidade de estudo, de burilamento íntimo, do esforço da conquista do saber e da virtude. Incomoda-os a consideração da instrução, porque bem mais difícil é parecer sábios do que bonzinhos. "... Não estimarão perder a companhia dos desencarnados ou encarnados que os bajulem; ao invés de canseira, a serviço dos outros, mergulhando a existência em meditações no colchão de molas, esperando que os anjos lhes emprestem asas para a ascensão aos Espaços felizes; usarão o silêncio para que a verdade não os incomode e aproveitarão a palavra, quando se trate de dourar a mentira que os favoreça.

Cada qual, assim, passará a viver entronizado na pequenina corte dos adoradores que lhes mantenham as ilusões. Colocarão considerações terrestres muito acima dos patrimônios espirituais, para não ferirem a claqué dos amigos que os incensem; abominarão desgostos e aborrecimentos; nada quererão com discernimento e raciocínio; dirão que o mal será apagado pela bondade de Deus e não se lembrarão de que Deus espera por eles para que o bem triunfe do mal, estirando-se em meditações inoperantes acerca dos milênios vindouros; fugirão do mundo para não perderem a veste imaculada; detestarão qualquer empreendimento que vise a movimentar as idéias espíritas nas praças do mundo, a fim de não sofrerem incompreensões e desgastes...

... Em suma... acabar improvisando neles santos de carne e osso por fora, conquanto prossigam na condição de homens e mulheres por dentro... enquanto estiverem preocupados em preservar a postura e a máscara dos santos, não disporão de tempo algum para os interesses do espírito..."

Apelar, enfim, para o orgulho e a vaidade, dois males comuns à imensa maioria, o calcanhar de Aquiles de toda a Humanidade.

2 — FATORES OBSESSIVOS

Os fatores de que dependem as obsessões são inúmeros. Alguns estão enraizados em nossos hábitos, pela nossa ignorância no que

concerne a lei da cooperação, que nos torna, diante do semelhante e dos seres inferiores, um verdadeiro flagelo.

Como dissemos em ((3), Cap. IV), resumindo apólogo descrito em ((4), Cap. 15), uma das grandes causas das obsessões, em geral, reside na nossa alimentação. Sustentamo-nos por ela, a custa das vísceras, do sangue, dos ossos dos animais, seres que, em lugar de extermínio, nos demandam roteiros de progresso e valores educativos.

Oprimimo-los, não lhes guardamos o menor respeito, tratamos-os com fúria e ingratidão. Infligimo-lhes doenças só para satisfazer ao paladar. Engordamos suínos à custa de resíduos; hipertrofiamos o fígado de gansos, a fim de obter patês famosos. Sustentamos indústrias da morte sem o menor condoimento, devastando-lhes a vida, com constante desrespeito às leis pelas quais inferiores e superiores devem exercer a co-criação, através da colaboração e do amor, para a evolução do todo. ((5), Cap. IV)

Enquanto a Natureza espera a compreensão do homem, as forças naturais continuam sofrendo a opressão de todas as vaidades humanas. A grande maioria permanece, ainda, nas formas mitológicas do pensamento das épocas primitivas, sustentando os velhos hábitos em que, selvagens, não lhes ocorria, senão na caça e na depredação, a realização do próprio sustento. Com o crescimento do poder tecnológico, viciados nos sentimentos e nos excessos de alimentação, "... oprimem as criaturas inferiores, ferem as forças benéficas da vida, são ingratos para com as forças do bem..."

Assim como os homens receiam viver sem o cativo dos bois, analogamente os desencarnados "... temem a grandeza do universo e recusam apavorados, ante a glória do Espaço infinito..." ((4), Cap. 15), permanecendo ligados aos encarnados, e sugando-lhes as energias que lhes constituem precioso alimento, crentes de que, sem elas, não poderão sustentar-se.

... É desse modo que as enfermidades do corpo e da alma se espalham nos mais diversos climas. Os homens que se julgam distantes da harmonia orgânica, sem o sacrifício dos animais, são derrotados por gênios insensíveis, que se acreditam incapazes de viver sem o concurso deles..." (idem)

No dia em que o homem efetuar a conquista educativa das leis superiores da bondade... em que... deixará de ser um joguete para a Natureza, convertendo-se em exemplo de sublimação para as entidades inferiores que o procuram... Então a consciência particular inflamar-se-á, na luz da consciência cósmica, e os tristes espetáculos da obsessão recíproca desaparecerão da Terra..." (idem)

Quem devora os animais, incorpora-lhe as características da animalidade, de natureza inferior, que se traduzem em manifestações e influências de baixo teor.

Compreende-se, portanto, como deva ser "... *apetitosa presa dos seres que se animalizam. Os semelhantes procuram os semelhantes. Esta é a lei...*" ((3), Cap. IV)

3 — TABAGISMO

O vício do fumo foi adquirido junto aos índios da América Central pelos espanhóis, que o encontraram nas adjacências de Tobaco, província de Yuratan. Um dos primeiros a cultivar o tabaco na Europa foi Monsenhor Nicot, embaixador da França em Portugal, de onde se derivou o nome de nicotina, dado a principal toxina, nele contida.

"... *O fumo, pelos danos que ocasiona ao organismo, é, por isso mesmo, perigo para o corpo e para a mente...*" ((6), "Examinando a Obsessão")

Os distúrbios provocados nos que se iniciam no vício, tais como as tonteadas, os vômitos, as perturbações bronquiais são o indício do envenenamento que o fumo provoca e da luta que o organismo efetua ao se defender e ao adaptar-se-lhe.

Uma vez o vício estabelecido, a pessoa se torna vítima do tabagismo, uma doença à qual se entrega, abdicando da própria vontade, incapaz de resistir à vontade de fumar, que se transforma em ação obsessiva simples. Que a ação do fumo seja ofensiva, o demonstram as próprias propagandas que trombeteiam a utilização de filtros, ou a consecução de cigarros com muito menos nicotina. Mas, além desta, ele contém outros venenos como o ácido tânico, o málico, o oxálico, a amônia e outros que lhe mobilizam outras importantes defesas do organismo.

Sua ação se torna muito pior para aqueles que detêm certas insuficiências orgânicas, crescendo-as ainda mais.

As mulheres, entretanto, são as mais prejudicadas por sua natureza mais delicada e sensível, principalmente na gravidez, tornando-as mais propensas aos distúrbios da gestação. Além do mais são afetadas na própria fertilidade.

O fumo, "... *Hábito vicioso, facilita a interferência de mentes desencarnadas também viciadas, que se ligam em intercâmbio obsessivo simples a caminho de dolorosas desarmonias...*" ((6), "Examinando a Obsessão")

Intercâmbio obsessivo simples, pois não influi no cunho moral do homem, nem o avilta até à degradação completa, como acontece no vício da embriaguez ou da toxicomania. Mas, se a pessoa se entregar em demasia ao hábito, poderá servir de "piteira viva" para desencarnados, também, viciados, de natureza inferior que, ao servirem-se dele para satisfazer ao vício de fumar, poderão influenciá-lo a fumar muito mais, e estabelecer com ele uma forma de simbiose prejudicial, inoculando-lhe pensamentos deletérios, de ordem moral

inferior, cuja receptividade será tanto maior quanto mais fraquezas a pessoa possa ter.

Trata-se, enfim, de más companhias que, por sua influência perniciosa, poderão acarretar deslizes morais perigosos e associações com delinquentes e viciados.

Mas, nem sempre tais influências provocam situações de domínio caracterizáveis. O domínio psíquico tem diversas gradações, como descrito em ((3), Cap. IV) e em ((7), Cap. 8), e a pessoa pode passar uma existência inteira a desviar-se do que se havia proposto, antes de reencarnar, sem aperceber-se.

Ao desencarnar, os vícios se tornam mais dominantes, acarretando momentos de angústia muito cruciantes que impelem a buscar a saciedade no vampirismo dos encarnados. "... *Infunde pena a angústia dos desencarnados amantes da nicotina...*" ((7), Cap. IV)

O vício do fumo é uma porta aberta para o início de obsessões as mais variadas e, embora obsessão simples, pode servir de trampolim a outras de maior gravidade, pela sujeição a espíritos atrasados.

4 — ALCOOLOFILIA

O álcool, em doses adequadas, tem finalidades úteis, necessária até para o organismo, com valor medicinal.

"... *Embora necessário para o organismo sujeito a climas frios, o álcool, em dosagens mínimas, acelera a digestão, facilitando a absorção...*" O abuso, na sua ingestão é que produz os males conhecidos.

"... *... pelas conseqüências sócio-morais que acarreta quando se perverte em criação criminosa, simples em começo e depois aberrante, é veículo de obsessões cruéis, ensejando, a alcoólatras desencarnados, vampirismo impiedoso, com conseqüentes lesões do aparelho fisiopsíquico...*" ((6), "Examinando a Obsessão")

O uso esporádico não compromete o comportamento do homem sério, justo e responsável, e muito menos pode subordiná-lo à aproximação de desencarnados viciados, protegido que é pela própria postura mental superior. Caso contrário, ninguém estaria a salvo dos ataques do plano inferior. É necessário não radicalizar.

O perigo reside no abuso, no uso constante ou habitual da bebida diária, pelo qual a pessoa passa a ser dominada pelo desejo, entregando-se ao impulso do beber, sem poder contê-lo.

Nesse momento, a criatura se predispõe a fácil influência dos desencarnados viciados, sintonizando-se com aqueles que o subjuguam numa obsessão simples que, iniciando-se assim, pode transformar-se rapidamente em perigosa obsessão.

5 — TOXICOMANIA

O efeito dos tóxicos, em geral, é descrito por Bezerra de Menezes em ((8), Cap. XI).

Analisando pessoa que desencarnara após desastre de automóvel, em consequência "... da ingestão de drogas que se permitira, e detendo-se no exame do Espírito, apontou a área dos reflexos e ações motoras. . .

— *Ei-la praticamente bloqueada, após a excitação provocada pelas anfetaminas que foram usadas, sob forte dose venenosa, que terminaria, ao longo do tempo, por afetar os movimentos, provocando paralisia irreversível. . .*"

As anfetaminas ou bolinhas ((9), pág. 51), "... são substâncias sintéticas que excitam o sistema central. . . Foram muito utilizadas na Segunda Guerra Mundial para fazer os soldados permanecerem mais tempo guerreando. Os estudantes, desavisadamente, utilizam-nas para passarem a noite estudando, às vésperas das provas, sem saberem quanto estão se prejudicando, e que há a possibilidade de se tornarem dependentes desta droga. . .

. . . as anfetaminas. . . tiram o sono e o apetite, dando ao viciado um estado de constante vigília e desnutrição, além da sensação da ansiedade para a busca de uma nova dose. . .

. . . Com o tempo estabelece-se uma sensação de perseguição do tipo paranóico, e o usuário julga-se seguido, acompanhado, com medo e exausto.

Como vimos, os viciados criam dependência psíquica, afetando o físico, pois podem chegar até à paralisia, como no caso em exame.

Esta dependência é muito profunda e tem ação prolongada. Continuando o comentário, Bezerra de Menezes diz que ela desarticula o discernimento e interrompe os comandos do centro da vontade, tornando os seus usuários verdadeiros farrapos humanos, que abdicam de tudo por uma dose, até à consumação total, que prossegue, entretanto, depois da morte. . ."

Isto demonstra que os desencarnados, nesta condição, assim como os alcoólatras buscam "canecos vivos", procuram pessoas que se lhe vinculam obsessivamente, em busca das sensações que perseguem em total descontrole.

Continua o "Médico dos Pobres" a dizer que "... além de facilitar obsessões cruéis, atingem os mecanismos da memória, bloqueando os seus arquivos e se imiscuem nas sinapses cerebrais, respondendo por danos irreparáveis.

A seu turno, o Espírito registra as suas emanções, através da organização perispiritual, dementando-se sob a sua ação corrosiva. Quando isto ocorre, somente através de futuras reencarnações consegue reestabelecer a contribuição de dores acerbadas e alucinações demoradas, o equilíbrio que malbaratou. . ."

Compreende-se que, ao reencarnar, tais Espíritos sejam suscetíveis de reincidir nas experiências lamentáveis da toxicomania: primeiro, por que somente o defrontar-se com novas incitações po-

derão criar a resistência que lhe sublima as tendências; segundo, porque não estão livres de serem assediados por viciados desencarnados que lhe espreitam o comportamento, à espera de uma oportunidade para uma abordagem obsessiva.

E se lembrarmos que o problema das drogas é muito antigo, utilizado em todos os tempos e em todos os povos, para as pessoas poderem alcançar estados emocionais que não conseguem por processos normais, compreender-se-á como, com a influência de vários fatores coadjuvantes, haja tanta incidência de uso de tóxicos, em nossos dias.

— BIBLIOGRAFIA

- (1) — Allan Kardec: *O Livro dos Médiuns*
- (2) — Irmão X: *Contos Desta e Doutra Vida*
- (3) — Rino Curti: *Mediunidade em Ação*
- (4) — Irmão X: *Contos e Apólogos*
- (5) — Rino Curti: *Desenvolvimento Mediúnico*
- (6) — Manoel P. de Miranda: *Nos Bastidores da Obsessão*
- (7) — Irmão X: *Cartas e Crônicas*
- (8) — Manoel P. de Miranda: *Nas Fronteiras da Loucura*
- (9) — Edson Ferrarini: *Tóxico e Alcoolismo*

— LEITURAS COMPLEMENTARES

As dos capítulos das obras citadas no texto

— PERGUNTAS

- 1.ª — Por que surgem as obsessões?
- 2.ª — A obsessão é fenômeno de subjugação mental, fundamentado na hipnose.
- 3.ª — As ilusões são portas abertas para as obsessões. Explique.
- 4.ª — Uma das grandes causas da obsessão reside nos nossos hábitos alimentares. Explique.
- 5.ª — Os desencarnados, crentes de que não poderão sustentar-se sem as energias dos encarnados, lh'as sugam. Explique.
- 6.ª — O tabagismo é doença. Explique.
- 7.ª — Quais as conseqüências do tabagismo?
- 8.ª — Que situações acarreta o tabagismo após o desencarne?
- 9.ª — Fale sobre o alcoolismo e seus males.
- 10.ª — O que são as anfetaminas?
- 11.ª — Descreva acerca da dependência que elas podem provocar.

— PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel: *Seara dos Médiuns*

Estudar e pôr em prática os capítulos: "Bons Espíritos" e "Pedidos".

— AULA PRÁTICA (65 min.)

Título: *O Conceito de Obsessão* (Aula anterior)

1.ª PARTE: Abertura (20 min)

A1: Recomendações para a aula (2 min)

"De Ânimo Firme" — (Emmanuel: "Justiça Divina", pág. 41)

A2, A3, A4 — os mesmos de sempre.

2. PARTE: O Trabalho (30 min)

Antes de tudo, estabelece-se que não há duas vidas, mas uma só: a do Espírito. Mesmo encarnados, vivemos em constante ligação com o Plano Espiritual; e, no sonho, quando não entregues à leviandade, reexaminaremos nossos interesses à luz dos compromissos assumidos e em função de nossas necessidades evolutivas.

No pensamento, temos a regência do nosso viver. Por ele nós alcançamos aos cimos espirituais, ou nos enredamos no cipoal das conseqüências infelizes que nos retardam a marcha. É por ele que governamos nossa organização fisiopsicossomática, e é por ele que aglutinamos as substâncias que contribuirão à formação do meio que nos haverá de acolher, após o desencarne.

É pelo pensamento que influenciemos e somos influenciados por encarnados e desencarnados, sendo, também, por ele que estes nos influenciam, intervindo, mantendo relação constante conosco. É esta influência por meio do pensamento, que nos torna, a todos, médiuns.

O que chamamos de Obsessão é forma inferior de influência, entre Espíritos. Kardec a subdivide em: simples, fascinação e subjugação.

É através dela que se fixaram, entre os homens, no passado, as noções de anjos maus ou demônios. A redor dela se estabeleceram muitas credenças e superstições. É com Kardec que ela passa a ser examinada, pela primeira vez, cientificamente.

Sua origem reside sempre no despertar de tendências inferiores, diante dos estímulos que nos provoca a emotividade e que não sublimamos, ou por prejuízos que acarretamos a outros, e que por isso nos exigem reparos.

O aparecimento das obsessões é constatável. Está sempre relacionado à fixação de idéias que nos domina a vontade, enfraquecendo o campo mental e dando ensejo ao aparecimento de idéias negativas.

Deve ser encarada como doença do Espírito, de tratamento difícil e prolongado, cujo sucesso está sempre condicionado à vontade de reerguimento do obsediado.

CAPÍTULO III

AS OBSESSÕES E A INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS

— OBSESSÃO SIMBIÓTICA

Um exemplo de estado obsessivo simples é narrado em ((1)), Cap. VII. Conta André Luiz de Cláudio Nogueira, um personagem da estória descrita que, mentalizando em nível inferior, adquiriu a companhia de duas criaturas desencarnadas de muito baixo teor, *malandras acalentados, mas perigosos...*, para aqueles *mora- mentes... sem qualquer defesa do espírito...*

Encontrava-se em casa, à vontade, lendo o jornal, com uma *garrafa de uísque "... destoante e agressiva..."* sobre a mesa, *"... deixando emanções alcoólicas que se casavam ao hábito amigo imitando no divã..."*

O quadro mostrava-o como fumante, e *"... hospedeiro involuntário..."* dos dois desencarnados infelizes.

A um dado momento, um deles incitou-o a beber. Embora não tivesse qualquer solicitação sensorial, Cláudio *"... trazia na cabeça a caixa acústica da mente sintonizada com o apelante..."*, a cujo comando se submeteu hipnotizado diante do hipnotizador, *"... con- vindo-lhe que se inclinava para um trago de uísque exclusivamente para si..."*

Importante é fixar a atenção em como o encarnado se reduz a *"massa viva"* da entidade solicitante.

"... a sede de aguardente se lhe articulou na idéia, ganhando forma. A mucosa pituitária se lhe aguçou, como que mais fortemente impregnada do cheiro acre que vagueava no ar. O assistente malicioso coçou-lhe brandamente os gorgomilos. O pai de Marina sentiu-se espoquentado. Indefinível segura constrangia-lhe o laringe, tentando tranquilizar-se."

"O amigo sagaz percebeu-lhe a adesão tácita e colou-se a ele. De começo, a carícia leve; depois da carícia agasalhada, o abraço envolvente; e depois do abraço de profundidade, a associação íntima."

Integraram-se ambos em exótico sucesso de enxertia fluídica. . . Cláudio-homem absorvia o desencarnado, a guisa de sapato que se ajusta ao pé. Fundiam-se os dois, como se morassem eventualmente num só corpo. Altura idêntica. Volume igual. Movimentos sincrônicos. Identificação positiva. . .

A talagada rolou através da garganta que se exprimia por dualidade singular. Ambos os dipsômanos estalaram a língua de prazer, em ação simultânea. . .

Quando Cláudio se dispunha a sentar, a cena se repetia com outro, pois este, também, queria beber. A mesma sugestão, a mesma passividade, a mesma conjugação completa, possível, porque os três vibravam na mesma faixa vibratória, a condição para que as obsessões pudessem atuar. E é desta maneira que várias entidades podem atuar, forçando a presa a beber cada vez mais até o estado total de embriaguês.

E era justamente a afinidade existente entre eles que André Luiz observava. Não havia imposição ou desmando de qualquer natureza na rendição. O dono da casa, simplesmente, aceitava a submissão. Não era vítima. *"Entregava-se por deliberação própria. . ."*

"... Efetuava-se a ocorrência na base da percussão. Apelo e resposta. Cordas afinadas no mesmo tom. O desencarnado alvitrava, o encarnado aplaudia. Num deles o pedido, no outro, a concessão. . ."

2 — AS QUEDAS EM ESTADOS OBSESSIVOS

Diante da cena, as perguntas. André Luiz e Neves, ambos em observação, sem serem notados pelos espíritos inferiores, indagavam da responsabilidade de Cláudio, seguramente incitado, induzido a beber. Mas, aí surge a clássica pergunta que não reconhece a isenção de culpa: — Mas, então, se alguém lhe incita a se jogar no poço, você se joga?

"... Se você fosse instado a compartilhar um roubo, decerto recusaria. E na hipótese de abraçar a calamidade, em são juízo não conseguiria desculpar-se. . ."

Todos temos livre arbítrio. Cada um é livre na escolha. O problema é que se trata de um trio de *"... consciências na mesma faixa de escolha e manifestações conseqüentes. . ."*

Mesmo hipnotizado, a criatura não se entrega a atos que, normalmente, repudia.

"... Hipnose é tema complexo, reclamando exames e reexames de todos os ingredientes morais que lhe digam respeito. Alienação da vontade tem limites. Chamamentos campeiam em todos os caminhos. Experiências são lições e todos somos aprendizes. Aproveitar a convivência de um mestre ou seguir um malfeitor é deliberação nossa, cujo resultado colheremos. . ."

A questão está em que todos somos caminheiros em marcha evolutiva. O passado remonta à animalidade. Não estamos livres,

por melhores que possamos ser, de ver redespertar em nós forças inferiores com as quais possamos sintonizar longamente, em estados monoideístas, em quedas de ordem moral. E atados de novo às sensações infelizes, caímos na faixa de malfeitores, que nos atam às sensações redespertadas da carne, num processo que, em seguida, demanda longos esforços a fim de a eles podermos subtrair.

E, hoje, as condições aumentam cada vez mais. É o apelo à bebida, o convite ostensivo ao lazer em prostíbulos, o atrativo de lugares rotulados de casas para alívio das tensões, dando asas à fantasia; o convite à absorção do álcool, com o auxílio de farmacos que, aparentemente, auxiliam a suportá-lo em maiores doses; e o incentivo à livre experiência, como seres absolutamente livres, no pressuposto que dela possamos escolher o que absolutamente nos convém, sob a égide de valores por nós escolhidos e não fixados pela sociedade igualmente para todos, que lança os imprudentes no campo das sensações descontroladas, colhendo os incautos e despreparados nas malhas da perturbação e do desajuste irremediável. Tudo isso representando um sem número de ciladas nas quais permanecem à espreita os viciados desencarnados, por exemplo os alcoólatras, desesperados por dominar algum encarnado pervertido, para vampirizá-lo até à exaustão.

3 — A INTERVENÇÃO NAS OBSESSÕES

Cláudio ainda não se tinha transformado em alcoólatra. Mas, se submetia à influência dos dois infelizes, por própria vontade.

— Mas por que não intervir, não auxiliá-lo, procurando afastar os vampirizadores? Afinal — observava André Luiz — em outros casos isto era feito.

E apontava aquele pelo qual começa a história do livro, no qual dona Beatriz, moritura, era resguardada contra tais figuras.

A explicação era simples. Entre nós mesmos, se depararmos com algum marginal que queira perturbar uma pessoa de bem, respeitamos-lo. A pessoa é defendida e auxiliada contra maus elementos, porque ela os repele. Se, momentaneamente, ela se encontra desprotegida, ou em condições de não poder defender-se, imediatamente há sempre quem se levante para protegê-la, salvá-la, impedir qualquer insulto.

Era o caso de dona Beatriz. Estando à morte, indefesa, mas criatura de bons hábitos, sempre destituída de quaisquer pensamentos de sentido aviltante, não podia ser deixada à mercê de criaturas insanas. É o que se faz em qualquer casa de saúde ou hospital, ou em qualquer lugar em que uma pessoa de bem se encontre. Ela estará sempre protegida contra qualquer injúria, ou desrespeito que lhe possa tirar a tranqüilidade. Mas, quando a criatura, espontaneamente, se entrega à libertinagem, ao deboche, aos maus costumes; apraz-se a lassidão, a luxúria, entrando na convivência de criaturas

do mesmo estofa, acumpliciando-se-lhes nos atos e comportamento escabroso, como intervir para livrá-lo das companhias que ele próprio elegeu e apreciava?

Era o caso de Cláudio. Desfrutando de "... excelente saúde física, cérebro claro, raciocínio seguro, ... inteligente, maduro, experimentado. Não carrega inibições corpóreas... Possui materialmente o que deseja. Permanece no tipo de vida que procura... Retém liberdade ampla e valiosos recursos de instrução e discernimento para juntar-se aos missionários do bem que operam entre os homens, assegurando edificação e felicidade a si mesmo..."

Mas, mesmo que quiséssemos dissuadí-lo, não seria fácil. Considere-se, por exemplo, o caso de um homem casado que se envolvesse em más companhias. Ou, o de um jovem que, de repente se juntasse a pessoas de má índole, em locais penumbrosos, e se tornasse assíduo freqüentador de antros do vício. Pense-se na dificuldade dos pais para fazê-lo voltar à reflexão; quantos dissabores, desengano e esforços muitas vezes infrutíferos. Há momentos que parece impossível entender como uma criatura, criada em um meio sadio, probo e decente, possa entregar-se à lassidão, ao convívio de pessoas desprovidas de senso moral, igualando-se-lhes.

Era o que ocorria com Cláudio. Aqueles eram-lhes amigos caros. Mas, além disso, há que entender que, em tais ligações, quase sempre há causas mais profundas.

Félix explicava a André Luiz que "... ainda não investigamos a causa da ligação entre eles, para cunhar opiniões extremadas. As circunstâncias podem ser saudáveis ou enfermias como as pessoas, e, para tratarmos um doente com segurança, há que analisar as raízes do mal e confirmar os sintomas, aplicar medicação e estudar efeitos. Aqui vemos um problema pela rama. Quando terá nascido a comunhão do trio? Os vínculos serão de agora ou de existências passadas? Nada legitimaria um ato de violência de nossa parte, com o intuito de separá-los a título de socorro..."

Não há regras, ou meios precisos, pelos quais possamos impedir que um filho se entregue aos desvarios dos vícios; que se apaixone por um mau caráter; que estude, se não quiser.

"... Não dispomos de meios precisos para impedir que um amigo se onere em dívidas escabrosas ou se despenque em desatinos deploráveis..." Certamente, que as tentativas de auxílio são válidas. É o que fazemos quando algum familiar descamba para o infortúnio. Lutamos e nos servimos até de reprimendas sérias, embora nem sempre possamos lograr sucesso, malgrado a nossa boa intenção.

As próprias "... autoridades superiores da Espiritualidade chegam a suscitar medidas especiais que impõem aflições e dores de importância aparente a determinadas pessoas, com o objetivo de livrá-las da queda em desastres morais iminentes, quando mereçam esse amparo de exceção..."

4 — UM EXEMPLO DE INTERVENÇÃO

A respeito da intervenção das autoridades superiores da Espiritualidade, conta Humberto de Campos de Antonino Tinoco, que se encontrava fascinado por certa mulher de nome Gildete, de temperamento original, história comovente. Ele, que era bem casado. Ela, aventureira, à cata de mais uma presa fácil.

"A ligação estabeleceu-se rápida e apaixonada. Ele que era conhecedor de sublimes revelações espirituais, freqüentador de reuniões espíritas, agora entregue a condenáveis aventuras. Sem poder resistir, embora, às vezes, os escrúpulos o assaltassem. A luta entre a tentação e a responsabilidade de família estabelecera-se-lhe no íntimo, solapando-lhe a resistência moral sustentada, a muito custo, pelas preleções evangélicas das reuniões espíritas que freqüentava.

Certo dia, prestes a capitular, e examinado por entidade iluminada que não vê qualquer acesso da influência superior, Tinoco tinha toda a zona mental invadida por larvas venenosas... absolutamente hipnotizado pela mulher..." ((2), Cap. 21).

Só havia um meio de salvação: a enfermidade grave e longa. E assim "foi adoecido". E a moléstia duraria, até que se anulassem os perigos — o que durou onze meses.

Reestabelecido, Tinoco soube que Gildete se havia ligado a outro homem, compreendendo aí a diferença entre desejo e amor.

Procedeu-se aí como se procede na Terra: "... a exata justiça apenas cerceia as manifestações de alguém, quando esse alguém compromete o equilíbrio e a segurança dos outros, na área da responsabilidade que a vida lhe demarca, deixando a cada um a regalia de agir como melhor lhe pareça..."

5 — VICIAÇÕES

Alcoolismo, toxicomania, sexo desgovernado, e os males que afligem nossa época, não são simples modismos do momento, mas manifestações da personalidade, cujas raízes se assentam em motivos vários, de natureza complexa e arraigadas na estagnação milenária de grande parte da Humanidade.

Trata-se de causas que Bezerra de Menezes aponta em ((3), Cap. 9), sob o título "O Problema das Drogas", como sendo:

- 1.º — o primarismo da razão, em muitos seres;
- 2.º — o atraso espiritual, frente ao adiantamento intelectual;
- 3.º — os laços que mantêm a criatura ligada às zonas penumbrosas de onde provêm, antes de reencarnar;
- 4.º — a existência de filosofias apressadas, resultantes da crise religiosa, faltando lideranças nobres, com expressivas exceções;
- 5.º — o progresso tecnológico, sem a correspondente limitação que lhe estabeleça a utilização própria;

6.º — a falta de uma educação conduzida em liberdade com responsabilidade;

7.º — falta de conhecimento espiritual da vida.

E entende-se que assim seja.

Há um grande contingente de Espíritos em estágio primário de desenvolvimento, mais da metade da população terrestre, entre encarnados e desencarnados (como diz André Luiz em “Ação e Reação”), que “... espiritualmente atrasado, sem as fixações dos valores morais que dão resistência para a luta...” evadem da responsabilidade, desabam nos conflitos espirituais do ser.

Defrontando-se com um crescimento científico e tecnológico, extraordinariamente, desenvolvidos, pela falta destes valores, sucumbe diante dos problemas, que sua adequada utilização levantam: carece de aprimoramentos íntimos que lhe produzam o necessário suporte moral, frente aos tentames tecnológicos. Não resistindo às pressões “... foge, na busca de alcoólicos, de tabacos, de drogas alucinógenas de natureza tóxica...”

... Face à necessidade de promover o progresso moral do planeta, milhões de Espíritos foram transferidos das regiões pungitivas onde se demoravam, para a inadiável investidura carnal, por cujo recurso podem recompor-se e mudar a paisagem mental, aprendendo, na convivência social, os processos que os promovam a situações menos torpes. Dependências viciosas, no entanto, decorrentes da situação em que viviam, dão-lhe a estereotípia que assumem, tomando nas urdiduras da toxicomania...”

Acresça-se que o uso de drogas é muito antigo. Sempre foi largamente usado pelas pessoas, embora sempre com resultados negativos, “... para alcançar os desejos emocionais que não conseguiam pelos métodos normais, ou para abrir as comportas do entendimento, para as viagens místicas, o aumento da coragem, o esquecimento...”

Além disto, hoje, seu uso é quase generalizado. “... Ora para fins terapêuticos sob controle competente, ora para misteres injustificáveis sob direção dos infelizes manipuladores mafiosos da conduta das massas...”, com informações que “... a todos alcançam, encontrem-se preparados ou não...”, pelos meios de comunicação.

A atual crise religiosa, provocada pelo Dogmatismo, estacionado em padrões inadequados para os dias que correm, nem consentâneos com os conhecimentos hoje alcançados, transferiu a orientação das linhas de conduta moral e social para os meios de comunicação. Na falta de escolas e instituições culturais, o grande contingente de analfabetos e despreparados têm, neles, a única fonte de informações e de incitação a este ou àquele comportamento. E, de mescla com poucos trabalhos dignos de encômios, aparece o enaltecimento de práticas viciosas, degradantes, que proclamam o prazer do fumo, a excelência da bebida, o lazer excessivo, o cultivo de

Rino Curt

violência, mesmo com o intuito de fazer justiça. Oferecem uma pretensa educação sexual, feita de informações desconexas e apressadas, sem uma estrutura metódica, e dirigida a um público totalmente heterogêneo, seja em idade como em grau de assimilação e entendimento, e que mais interessam a pessoas ávidas de encontrar justificações para a própria conduta, que, de outro modo, não conseguiriam. Apregoam conceitos de liberdade absoluta inexistente, isenta de responsabilidade, desconhecendo que “... nem toda a Humanidade pode ser enquadrada na literatura sórdida da “contra cultura”, dos livros de apelação e escritos com fins mercenários, em razão das altas doses de extravagância e vulgaridade de que se fazem portadores...” E, isto, geralmente apoiados em filosofias apressadas, teorias científicas mal assimiladas, sem estruturação lógica e ética, que demolem os valores ético-morais, desestruturando a sociedade “... sob os camartelos do cinismo que gera violência e conduz a corrupção, minimizando o significado dos ideais de beleza, das artes, das ciências...”

A propagação de idéias e de costumes, imagens e normas de comportamento, feita ao público em geral, heterogêneo, deve nor-tear-se pelos padrões mais altos e não pelos mais baixos:

- 1.º — porque, resguarda-se de infringir o direito que os mais adiantados têm de não serem atingidos em sua sensibilidade e educação — própria e dos que lhes são caros —, por expressões constrangedoras que, se albergadas, produzem-lhe retrocesso, deterioração de vida;
- 2.º — porque, ao “... instituir padrões superiores com a revelação dos cimos, inspirando os viajores da vida e estimulando-os, quanto for necessário...”, contribue-se para a elevação do raciocínio e dos padrões de vida ((4), Cap. 34). Aliás, neste capítulo, o Irmão X conta história na qual Filipe, dialogando com Jesus, ponderava-lhe que “... A Boa Nova... era indiscutivelmente um monte divino, alto demais, porém, considerando-se as vulgaridades da existência comum...”. Não seria mais próprio, indagava, “... diminuir a luz da revelação, para que não se ofusque o entendimento do povo...?”

Jesus, embora dissipando-lhe as dúvidas, se tornou mais claro em certo dia, quando, subindo o monte Hermon, aproveitou o fato de que Filipe, de quando em quando, interrompia a marcha “... a fim de alijar pedras minúsculas que... lhe penetravam as sandálias...”

Esclareceu-lhe: “... — Filipe, não foi a claridade do alto que nos dificultou a marcha e, sim, a pedrinha modesta do chão... Toda dificuldade na ascensão reside nos problemas insignificantes da senda... Assim, também, na caminhada humana, as questões

Espiritismo e Obsessão

mais ínuimas, se conduzidas pela imprudência, podem golpear duramente o coração. Observa o minuto de palestra, a opinião errada, o gesto impensado. . .”

O palavreiro chulo, banal; o escrito ~~soez, trivial~~; a irritação, o embravecimento, a prepotência, o ~~desmancha~~, a incontinência, a luxúria, a licenciosidade, o desgoverno, *“... Podem converter-se em venenosas pedrinhas que cortam os pés, ameaçando a estabilidade espiritual. . .”*

Para os males que assolam a sociedade presente, Bezerra, em ((3), Cap. 9), indica:

- 1.º — “... a educação em liberdade com responsabilidade. . .”;
- 2.º — “... a valorização do trabalho como método digno de afirmação da criatura. . .”;
- 3.º — “... orientação moral segura, no lar e na escola, mediante exemplo dos educadores e pais. . .”;
- 4.º — “... comedimento. . .”;
- 5.º — “... conhecimento espiritual da vida. . .”: a evolução e a reencarnação do Espírito, à luz da Doutrina Espírita, pelos “... recursos homeopáticos valiosos como profilaxia e tratamento no uso de drogas e de outras viciações. . .” que possui, e pela sua filosofia na qual, “... Estruturada. . . na realidade do Espírito, a educação tem primazia em todos os tentames, e as técnicas do conhecimento das causas da vida oferecem resistência e dão força para uma conduta sã. Além disso, as informações sobre os valiosos bens mediúnicos aplicáveis ao comportamento constituem terapêutica de fácil destinação e resultado positivo. Aqui nos referimos à oração, ao passe, à magnetização da água, à doutrinação do indivíduo, à desobsessão. . .”, sendo que, “... Invariavelmente, defrontamos, nas panorâmicas da toxicomania, da sexolatria, dos vícios em geral, a sutil presença das obsessões, como causa remota ou como efeito do comportamento que o homem se permite, sintonzando com mentes irresponsáveis e enfermas desembraçadas do corpo.”

a) — BIBLIOGRAFIA

- (1) — André Luiz: *Sexo e Destino*
- (2) — Humberto de Campos: *Reportagens de Além-Túmulo*
- (3) — Manoel P. de Miranda: *Nas Franqueiras da Loucura*
- (4) — Irmão X: *Luz Acima*

b) — LEITURAS COMPLEMENTARES

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c) — PERGUNTAS

- 1.ª — O que entende pela expressão “caneco vivo”?
- 2.ª — Por que se realizava a conjugação completa entre obsessores e obsediado?
- 3.ª — Podia-se considerar o obsediado como vítima? Por que?
- 4.ª — Podia Cláudio ser desculpado da situação a que se entregava?
- 5.ª — Mesmo hipnotizados, não fazemos o que é contrário aos nossos valores. Explique.
- 6.ª — Os viciados permanecem à espreita, para dominar algum encarnado pervertido, para vampirizá-lo até à exaustão. Explique.
- 7.ª — Por que não podiam os Espíritos protetores intervir, no caso de Cláudio, e o faziam no caso de Beatriz?
- 8.ª — Caso os protetores quisessem dissuadir Cláudio, seria essa uma tarefa fácil?
- 9.ª — Por que, no caso de Tinoco, as autoridades interviram com o provocar-lhe longa enfermidade?
- 10.ª — Quais as razões dos males atuais?
- 11.ª — Quais as razões da toxicomania, em especial?
- 12.ª — A quem está mais afeta, hoje, a orientação moral e social?
- 13.ª — O que se recomenda para a atenuação destes males?

d) — PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel: *Seara dos Médiuns*

Estudar e pôr em prática os capítulos: “A Escola do coração” e “Aptidão e experiência”.

e) — AULA PRÁTICA (65 min)

1.ª PARTE: Abertura (20 min)

A1: Recomendações para a aula (2 min)

“Quitação” — (Emmanuel: “Justiça Divina”, pág. 43)

A2, A3, A4 — os mesmos de sempre.

2.ª PARTE: O Trabalho (30 min)

Em (2), o Irmão X narra, em forma de conto, os fatores que evitam obsessões e os que a favorecem.

Entre os que a evitam, cita: O estudo doutrinário; a observação e a prática de seus princípios; o trabalho; a prática do bem.

Entre os que a favorecem, evidencia: o orgulho, a vaidade, o acreditar-se sem necessidade mais de aprender, ou lutar pelo próprio aperfeiçoamento, acomodando-se, como se já se fosse donos da verdade e da virtude. Nada de raciocínios, de discernimento, de serviço em benefício alheio.

Dá como causas principais da obsessão: a ignorância da lei da cooperação, e a alimentação fundamentada no extermínio dos seres inferiores. Ao devorar animais, incorporamos-lhes a animalidade e tornamo-nos apetitosa presa dos seres que se animalizam.

O tabagismo é doença; as mulheres são as mais prejudicadas. De “per si” não degrada a personalidade como o alcoolismo; mas a pessoa, em se tornando “piteira viva” de entidades inferiores, pode sofrer influência perniciosa com a sua aproximação, que pode constituir-se trampolim de perigosa obsessões.

Pior é o alcoolismo: avilta o viciado, condú-lo à degradação completa, tornando-o objeto de obsessões cruéis.

Mas, o mais temível dos males é o constituído pelo uso dos tóxicos. Estes criam dependência psíquica, afetando o físico, podendo provocar até a paralisia.

Esta dependência prossegue até depois da morte, o que induz o viciado a procurar encarnados, que lhe compartilhem as tendências e com os quais possam encontrar as sensações desejadas.

A cura torna-se difícil e só se efetua com futuras encarnações e grandes padecimentos, guardando sempre a predisposição de viciar-se pelas próprias tendências e pelas influências dos desencarnados perseguidores a esta-rem lhes espreitando sempre o comportamento.

CAPÍTULO IV

A SUBJUGAÇÃO

1 — CASO DE SUBJUGAÇÃO

Situação de alcoolofilia, em estado de possessão, é narrada por André Luiz em ((1), Cap. XV), na qual, um encarnado "... *Antídio. . . permanece em derrocada quase total. Vinculou-se de novo a perigosos elementos da sombra e voltou-se aos desacertos noturnos. . .*"

Encontrava-se, no momento, num recinto de leviandade, onde "... *algumas dezenas de pares dançavam, tendo as mentes absorvidas baixas vibrações que a atmosfera vigorosamente insuflava. . .*"

Mas, o que mais surpreendia, era "... *a multidão de entidades conturbadas e viciosas que aí se encontravam. . .*", as pessoas correspondendo "... *aos ridículos gestos de companheiros irresponsáveis que lhes eram invisíveis. . . inconscientes e perversos. . .*"

Certamente, não se condenava, aí, a alegria, a manifestação legítima do Espírito, que extravasa a satisfação resultante da sua integração com as forças edificantes da vida. O que se deplorava era "... *O retorno aos estados primitivos do ser, com ineludíveis agravantes da viciação dos sentidos. . .*"; o abandono ao redespertamento de forças inferiores, com abdicação da própria vontade; o entregar-se ao prazer que agride, avilta, termina na desolação e na tristeza, no asco e no repúdio de si mesmo, no esgotamento de energias dissipadas em vão, no abatimento e na desvalia. O que se lamentava era a incosequente e impossível fuga de si mesmo, pretendida por encarnados e desencarnados, igualmente "... *frágeis e hesitantes. . .*", receiosos "... *do trabalho de regeneração. . .*".

Da conduta daqueles que, perante as situações que reclamam fortaleza e voluntariedade, confiança e determinação, disposição resoluta para prosseguir na escalada da própria evolução, se quedam com desesperança e desalento, diante dos frágeis embaraços do caminho, agigantadas pela pequenez em que se prostram declarando-se incapazes, mesmo antes de avaliar as próprias forças, pondo em dúvida a Complacência Divina, ou mesmo dela, dizendo-se deserdados. Portando-se como se a vida se fundamentasse num trato,

num pacto entre eles e o mundo que pudesse ser desfeito, rejeitando certas responsabilidades, ao seu livre arbítrio, como se elas não fossem inerentes a este mesmo, não fossem regidas pelas leis da vida que, se deixam livre a sementeira, tornam obrigatória a colheita.

Mas, a Divina Providência, que jamais abandona e sempre reergue, situa na própria criatura os recursos capazes de fazê-la reconhecer as próprias forças, o próprio valor, os meios de que dispõe para colmar-se de glória e ventura, no "... *auto reconhecimento que chega sempre... através dos mil processos da dor...*", a fim de reerguê-la, para que prossiga, na reutilização da própria vontade.

2 — AS ALUCINAÇÕES DOS ALCOÓLATRAS

Era o caso de Antídio. Seria novamente auxiliado, mas, pela enfermidade retificadora.

Foi encontrado a tremer, mal conseguindo ficar de pé, de bêbado, "... *doente e desventurado, a despeito das condições precárias, reclamava um copinho, sempre mais um copinho... Tremiam-lhe os membros, denunciando-lhe o abatimento. Álgido suor lhe escorria da frente e, de vez em quando, desferia gritos de terror selvagem...*

... *quatro entidades embrutecidas submetiam-no aos seus desejos. Empolgavam-lhe a organização fisiológica, alternadamente, uma a uma, revezando-se para experimentar a absorção das emanações alcoólicas, no que sentiam singular prazer. Apossavam-se, particularmente, da "estrada gástrica", inalando a bebida, a volatilizar-se da cárdia ao piloro...*

... O infortunado Antídio trazia o estômago atestado de líquido e a cabeça turva de vapores...

Semi-desligado do organismo denso pela ação anestésica do tóxico, passou a identificar-se mais intimamente com as entidades que o perseguiram.

Os quatro infelizes tinham a mente invadida por visões terrificantes do sepulcro, que haviam atravessado como dipsomaníacos. Sedentos, aflitos, traziam consigo imagens espectrais de víboras e morcegos dos lugares sombrios, onde haviam estacionado...

Entrando em sintonia magnética com o psiquismo desequilibrado dos vampiros, o ébrio... bradava sob a impressão de indefinível pavor: "... os morcegos, afugentem-nos... Socorro, ... uma cobra... aperta-me, sufoca-me..." ((1), Cap. XIV)

E esse é o ponto: a sintonia magnética, o fenômeno mediúnico.

Já estudamos, em ((2), Cap. XII), o caso de desencarne no qual, pobre mãe, desconhecadora da situação do filho desencarnado, alcoólatra, assassinado a tiros e entregue aos excessos em que se comprazia, solicitava-o como protetor, em auxílio. Submetendo-se-lhe ao domínio, assinalava-lhe as correntes mentais, constituídas de "... *ter-*

ríveis visões íntimas... as alucinações comuns às vítimas do alcoolismo crônico..."; aranhas, serpentes, a repetição da cena em que era abatido a tiros, etc., que ela captava em aflição, declarando-se "... *perseguida por um homem que se propunha a abatê-la a tiros...*"

O entregar-se a pensamentos de desânimo, de desvalia, de tristeza, de cólera, de ciúme, de despeito, de insatisfação... não só retarda o avanço, mas estabelece sintonia com mentes enfermiças, povoa a mente de idéias negativas, de imagens desfiguradas do mundo que nos é próprio, comprometendo o discernimento.

Os próprios pesadelos têm fundamento nessa sintonia de ordem inferior. Uma invigilância que nos provoque queda momentânea na ordem de pensamentos, pode fazer-nos sintonizar com vibrações de baixo teor e nos proporcionar visões ou alucinações provocadoras de perturbação ou mal-estar.

Cultivar idéias de ordem elevada, por isso, não é somente preceito de elevação, mas é prescrição de higiene e saúde mental, critério, de defesa contra a descensão a estados obsessivos.

3 — A ENFERMIDADE, COMO MEIO DE RETIFICAÇÃO

Mas, Antídio se havia despencado nesse estado por suas próprias deficiências; por ser "... *incapaz de reagir contra as atrações do vício...*", sua fraqueza, o redespertar de suas inclinações que deveria combater e sublimar. Por isso estava entregue, "... *inerte, à influência de malfeitores desencarnados, afins com a sua posição desequilibrada...*"

Era auxiliado pela intercessão "... *da esposa e de dois filhos...*", sem todavia corresponder ao esforço. "... *Emerge de todas as tentativas, mais e mais disposto à perversão dos sentidos; busca, acima de tudo, a fuga de si mesmo; detesta a responsabilidade e não se anima a conhecer o valor do trabalho...*"

A medida, agora, tinha que ser drástica: "... *será amparado pela enfermidade...*", antes que "... *se não lhe apodreça o corpo num hospício, o que se iniciaria dentro de alguns dias, lançando nobre mulher e duas crianças em pungente incerteza do porvir...*

... *Conhecerá intraduzível mal estar, de modo a restabelecer a harmonia do cosmo psíquico... / ... indizível angústia... medicações e regimes, que lhe diminuirão a tendência de esquecer as obrigações sagradas da hora, e lhe acordarão os sentimentos, devagarinho, para a nobreza do ato de viver...*

... *As mesmas Forças Divinas que concedem ao homem a brisa caprichosa, infligem-lhe a tempestade devastadora... Uma e outra, porém, são elementos indispensáveis à glória da vida...*"

4 — SEXUALIDADE

O sexo, dentre as manifestações do Espírito, têm sido a de menor compreensão, a grande causa de um sem número de desvios

da personalidade, o que o constituiu, por isso, no polo magnetizador das mais variadas obsessões.

Antes de tudo, até o advento do Espiritismo, faltou à Humanidade uma melhor compreensão do que a vida é: a nítida distinção entre o Espírito e a Matéria, a noção de Espírito como ser completo. E é esta noção que, ainda hoje, não é bem assimilada, mesmo entre espíritas.

Embora a noção de alma, como algo que sobrevive ao corpo, date das mais longínquas eras e seja inerente às primeiras noções do homem primitivo, ela jamais se identificou com a noção de Espírito, como ser completo, sede de todas as faculdades da pessoa humana, qual o apresenta a Doutrina.

Primeiramente, segundo esta, quando se diz das faculdades humanas, nelas se incluem as sensações e o sexo, cujo aparecimento se perde nas brumas das origens do Espírito, ente individualizado de um dos princípios gerais da Natureza, por obra do Criador: as sensações, como um aspecto das faculdades de comunicação do ser com o exterior; o sexo, como uma das expressões das faculdades criadoras do Espírito, pelas quais ele se desenvolve, através do processo da co-criação.

O sexo, no seu aspecto restrito de função orgânica do ser vivo, através de órgãos especializados e meio de reprodução. Mas, no seu sentido mais amplo de veículo de forças criadoras do Espírito, e "... altar de preservação da espécie..." ((10), Examinando a Obsessão); figura esta que exprime a elevação de sentimentos e de atitudes mentais, necessários ao celebrar-lhe as observâncias. Instrumento da reencarnação, ele é promotor da associação de almas para a produção do bem comum, para a oportunidade de confraternização mais estreita, para o ensejo da solidariedade, na constituição da família, instituída para atender aos mais nobres interesses da vida: o reajuste, o aperfeiçoamento, a sublimação dos anseios, rumo aos cimos da imortalidade.

Por isto é "... porta de santificação para a vida..." ((2), idem), pois que nela "... a paternidade e a maternidade, dignamente vividas... constituem sacerdócio dos mais altos para o Espírito reencarnado na Terra, pois, através dela, a regeneração e o progresso se efetuam com segurança e clareza..." ((3), Cap. 30).

Mas, do mesmo modo que, em se ausentando do esforço no aperfeiçoamento de si mesmo, qualquer que seja o campo de ação, o Espírito entregue ao ócio, à irresponsabilidade, à desconsideração das noções superiores de vida, cai no monoideísmo, no redespertamento de tendências inferiores, que o colocam em estado de conturbação ((4), Cap. IV), e podem arrojá-lo ao resvaladouro dos vícios, do crime, da loucura.

O sexo em si, sinaleticamente falando, é mero meio de manifestação do Espírito que, como qualquer outra, não pode subtrair-se

aos ditames do superconsciente, do respeito, do discernimento, do amor.

Quando se diz que a criatura deve proceder com amor, este procedimento se estende a todo o comportamento, o da sexualidade inclusive, que aí se dignifica. O que a desvirtua é a fixação nos impulsos automáticos; são "... o ciúme, a insatisfação, o desentendimento, a incontinência, a leviandade, alastrando a terríveis fenômenos de desequilíbrio..." ((4), Cap. XII). O que o avilta é o retorno da criatura aos estados primitivos do ser, a rebeldia contra "... a disciplina instituída pelos Desígnios Superiores para os seus trilhos terrestres..." ((1), Cap. IV), o desconhecimento das responsabilidades inerentes ao próprio livre arbítrio, das quais não se pode fugir.

5 — O VAMPIRISMO NAS OBSESSÕES

Em ((5), Cap. 10), estudamos capítulos de "Missionários da Luz", nos quais o processo de reencarnação é mostrado como um conjunto de atividades que dizem respeito à participação dos Espíritos envolvidos — pai, mãe e filhos —, e o Plano Espiritual.

O casal preparava-se para receber, como filho, em situação de reajuste, antigo desafeto. A relutância do esposo, entretanto, dificultava o acontecimento, pela emissão de pensamentos que atuavam como venenos na produção de células criadoras, tornando-se necessária intensa atuação dos Espíritos para alterar-lhe as disposições, visto que só o amor proporciona vida, alegria e equilíbrio.

Em outro caso, narra de desventurada mulher que, por excesso de leviandade, provoca um terceiro aborto, impedindo a concretização do fenômeno, situando-se ela mesma em precaríssimas condições de vida.

Em ((6), Cap. III), também estudando ((7), Cap. 3), narra-se de rapaz aspirante à intermediação, cujos "... núcleos glandulares emitiam pálidas irradiações: a epífise... semelhava-se a reduzida semente luminosa...", característica de fixação na zona do subconsciente e eventual estado monoideísta em impulsos inferiores.

Tratava-se do aparelho genital, cujas "... glândulas geradoras emitiam fraquíssima luminosidade, que parecia abafada por aluviões de corpúsculos negros... de espantosa mobilidade... que lutavam com as células genitais aniquilando-as...". Fenômeno este que dificulta a procriação, ou a realiza para entidades de baixo estofo.

Tratava-se de bactérias não identificáveis no plano material, "... bacilos psíquicos de tortura sexual, produzidos pela sede febril de prazeres inferiores... cultivadas... não só pela incontinência... através de experiências sexuais variadas, senão também pelo contacto com entidades grosseiras...", que se afinavam com as predileções do rapaz.

Isto em conseqüência, principalmente, da idéia que ele se fazia do sexo: algo que "... nada tem que ver com a espiritualidade... a alma absolutamente separada do corpo..."; as sensações deste, sem qualquer relação com aquela.

As bactérias psíquicas, "... criações inferiores que afetam profundamente a vida íntima...", expressões do vampirismo que viceja onde haja terreno propício, representado pela ignorância patrocinadora de viciações, produtoras das "... formas sombrias que lhe são conseqüentes..."

E aí, novamente, a abertura à obsessão.

Entidades infelizes a estabelecer convívio com as pessoas que descem dos padrões condizentes com o seu estágio evolutivo, principalmente nas ruas, "... aventalhados repositórios de vibrações antagônicas em meio de sombrios materiais psíquicos e perigosas bactérias de variada procedência, porque os transeuntes lançam colônias imensas de micróbios e maus pensamentos de toda a ordem...", atraídas por nosso envolvimento no monoideísmo.

Era o caso da pessoa em foco. Embora tendo estado em reunião espiritual, onde colhera benefícios amplos, ao voltar à rua teve a ligar-se-lhe duas entidades que lhe aguardavam a saída da sessão. Bastou a aproximação, para que se lhe modificasse o estado vibratório e passasse a lastimar as tentações descabidas de que se sentia vítima, da atração a ambientes malignos "... apesar de casado há pouco tempo e ao devotamento da esposa..."

As entidades, vampiros que lhe sugavam as forças, eram companheiros adquiridos no meretrício, que não poderiam ser retirados a não ser por esforço dele mesmo, pois os hábitos indignos são forças reflexas do nosso automatismo, que não se anulam com facilidade.

6 — SEXO E SEUS DESVIOS: QUESTÕES DE NATUREZA MENTAL

O maior óbice contra a infelicidade que grassa no nosso meio é, sem dúvida, o desconhecimento das realidades do espírito; da ausência dos "... conhecimentos psicológicos destinados a automatizar, na constituição fisiopsicossomática do espírito humano, as aquisições morais que lhe habilitarão a consciência terrestre a mais amplo grau de ascensão à consciência cósmica..." ((8), Cap. III), segundo o imperativo da Lei pela qual o progresso moral segue sempre o progresso intelectual ((9), perg. 780).

"... A incompreensão humana dessa matéria equivale a silenciosa guerra de extermínio e de perturbação que ultrapassa, de muito, as devastações da peste referidas na história da Humanidade. / ... só a epidemia de bubões, no século VI... chamada peste de Justiniano...", eliminou quase cinquenta milhões de pessoas na Europa e na Ásia "... Pois esse número expressivo constitui bagatela, com-

parado com os milhões de almas que as angústias do sexo dilaceram todos os dias..."

"... Devidos à incompreensão sexual, incontáveis crimes campeiam na Terra, determinando estranhos e perigosos processos de loucura, em toda a parte...", que a crônica diária registra interminavelmente, e que os hospitais de alienados enfrentam para o tratamento médico. Mas, "... nos hospícios, encontramos... tão somente aqueles que desgalgaram ao fundo do abismo...". Milhões, porém, "... se conservam semiloucos nos lares ou nas instituições; são os companheiros incapazes do devotamento e da renúncia, a submergirem, pouco a pouco, no tijuco das alucinações... De mente desvariada fixa no socavão da subconsciência, perdem-se no campo dos automatismos inferiores, obstinando-se no conservarem deprimentes estados psíquicos. O ciúme, a insatisfação, o desentendimento, a incontinência e a leviandade alastram terríveis fenômenos de desequilíbrio..." ((1), Cap. XI). Espancam as esposas, tiranizam os filhos, violentam indefesos, desrespeitam lares, estupram, esbanjam haveres, salários; prostituem-se, entregam-se aos vícios, enganam. Quando não matam, são assassinos em potencial.

Isto acontece, porque o problema não é de natureza física, mas mental. "... A endocrinologia poderá fazer muito com uma injeção de hormônios, à guisa de pronto socorro às coletividades celulares, mas não sanará lesões do pensamento. A genética... poderá intervir nas câmaras secretas da vida humana, perturbando a harmonia dos cromossomos, no sentido de impor o sexo ao embrião; todavia, não atingirá a zona mais alta da mente feminina ou masculina, que manterá característicos próprios, independentemente da forma exterior ou das convenções estatuídas. A medicina inventará mil modos de auxiliar o corpo atingido em seu equilíbrio interno; por essa tarefa edificante, ela nos merecerá sempre admiração e fervente amor; entretanto, compete a nós outros praticar a medicina da alma, que ampare o espírito enleado nas sombras..." ((1), Cap. XI)

a) — BIBLIOGRAFIA

- (1) — André Luiz: *No Mundo Maior*
- (2) — Rino Curti: *Mediunidade em Ação*
- (3) — André Luiz: *Nos Domínios da Mediunidade*
- (4) — Rino Curti: *Dor e Destino*
- (5) — Rino Curti: *Espiritismo e Evolução*
- (6) — Rino Curti: *Desenvolvimento Mediúnico*
- (7) — André Luiz: *Missionários da Luz*
- (8) — André Luiz: *Evolução em Dois Mundos*
- (9) — Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*
- (10) — Manoel Philomeno de Miranda: *Nos Bastidores da Obsessão*

b) — LEITURAS COMPLEMENTARES

As dos capítulos das obras citadas no texto

c) — PERGUNTAS

- 1.^a — Não se condena a alegria. Aliás, diz-se que Sócrates, o teórico da moral, na Antiguidade, bailava. Explique.
- 2.^a — O que se censura, relativamente ao ambiente onde Antídio se encontrava, e onde se dançava?
- 3.^a — Qual o erro das pessoas que pretendem subtrair-se às provas e fugir aos testemunhos?
- 4.^a — Antídio se encontrava subjugado por quatro entidades embrutecidas. Por que?
- 5.^a — É bem conhecido o fato de que os alcoólatras têm alucinações em que se dizem atacados por cobras, morcegos, aranhas, etc. . . Como isto se explica?
- 6.^a — Antídio despencara em estado deplorável de alcoolismo por suas próprias fraquezas ou pela ação das entidades sugadoras?
- 7.^a — Bem estar e enfermidades são indispensáveis à glória da vida. Por que?
- 8.^a — O sexo é manifestação do Espírito, ou sua faculdade. Mas, o Cristianismo dogmático diz que, junto às sensações, é inerente à matéria, para alguns, ainda, a essência do mal. Que diz a respeito?
- 9.^a — O que se quer dizer com a expressão de que o sexo é porta de santificação da vida?
- 10.^a — Qual a causa do aviltamento do sexo?
- 11.^a — O que são bacilos psíquicos de tortura sexual? Como aparecem?
- 12.^a — Como anular a influência de entidades sugadoras de forças?
- 13.^a — A incompreensão sexual produz inúmeros desequilibrados que, embora não caracterizados como loucos, vivem de mente desvairada em relação ao sexo, sem sintomas aparentes. Explique.

d) — PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel: *Seara dos Médiuns*

Estudar e pôr em prática os capítulos: "Espíritos perturbados", e "O lado fraco".

e) — AULA PRÁTICA (65 min)

Título: *Subjugações*

1.^a PARTE: Abertura (20 min)

A1: Recomendações para a aula (2 min)

"Cada existência" — (Emmanuel: "Justiça Divina", pág. 45)

A2, A3, A4 — os mesmos de sempre.

2.^a PARTE: O Trabalho (30 min)

Neste capítulo narra-se como, em situação de obsessão simples, Cláudio, pelo álcool e pelo fumo, adquire a companhia de criaturas inferiores, que passam a dominar-lhe a vontade, e o impelem a beber para se satisfazerem.

Descreve-se, também, como a sintonia se processa. E, isto, sucedia justamente pelas próprias fraquezas e invigilância de Cláudio. Todos caímos nas obsessões por nossa culpa.

Temos livre arbítrio. Embora possamos ser influenciados, há um limite para a alienação da vontade, mesmo na hipnose. Ninguém se atirará em um poço, só porque alguém lh'o manda.

O progresso exige que nos venham à tona as mazelas, as fraquezas, para que as corrijamos, as sublimemos. Não há outro caminho para o aperfeiçoamento. E, enquanto não o facemos, não faltam Espíritos à espreita, armando ciladas, para vampirizar.

Certamente que somos auxiliados, desde que queiramos melhorar-nos. Ou quando tenhamos merecimentos, como no caso de Beatriz que, enfraquecida no leito de morte, fazia jús a amparo justo. Ou mesmo quando nossa queda possa afetar um grupo que não o mereça. Neste caso as medidas aplicadas pelo Plano Maior podem até ser drásticas, com a utilização de enfermidades.

AS PRINCIPAIS DOCTRINAS DA REALIDADE

1 — CAUSAS DAS OBSESSÕES

Antes que possamos prosseguir com as considerações a respeito da obsessão, convém que nos detenhamos um pouco, para alertar acerca dos falsos conceitos que sobre ela se instituíram, ou pelas pseudo-ciências, ou pelas pessoas que, adentrando o âmbito doutrinário, o fizeram muito superficialmente, tirando conclusões apressadas, que outra coisa não fizeram senão fazê-los confundir a Doutrina com outras crenças primitivas, crendices e superstições, sintetizando-a com falsos conhecimentos.

É muito comum verificar pessoas que, dizendo-se espíritas, têm a nítida convicção de que o homem é mero brinquedo dos Espíritos. Se bom, seria premiado pelos mais elevados com mimoseios, dádivas, ou privilégios; se mau, seria castigado com o abandono a entidades perversas, que lhe penalizariam em cem por um, os males que tivesse praticado. Com isto permanecem cristalizados nas concepções seculares relativas aos anjos e aos demônios, para os quais adotaram apenas denominações diferentes: Espíritos de luz e Espíritos das trevas, respectivamente.

Permanecem ainda no âmbito das crenças, sem se terem apercebido que a Doutrina veio estabelecer um novo conceito para a Religião: de que esta, também, deve ser objeto de estudo, tão importante, ou mais que o de uma profissão, pois diz respeito a nós mesmos, ao nosso futuro como seres eternos; seres que, tendo atingido a maioria espiritual, têm que conduzir-se por si mesmos.

Obsessão é, principalmente, desequilíbrio mental, afastamento, por ignorância, das condições propiciadoras de progresso, que nos causam retardamento evolutivo, ou mesmo estacionamento em situações de reajustamento por vezes muito penosas. E, como não vivemos sós, se adentramos caminhos de inferioridade, nos envolvemos com companhias do mesmo estofado, a quem faremos e nos farão sofrer, assumindo compromentimentos e ligações de difícil desnoda-

mento, em consonância com o velho adágio que diz: “Diga-me com quem andas e te direi quem és”.

As causas das obsessões não estão nas companhias que com elas nos envolvemos; estas são suas conseqüências. As causas estão em nós, nos pensamentos a que nos afeiçoamos e que, em nos circundando das influências que acarretam, nos tornam a primeira e a maior vítima: assim como a lâmpada ao iluminar: antes de fazê-lo, ilumina a si mesma e com muito maior intensidade.

Se hoje vivemos uma época em que campeiam o crime, a violência, a corrupção, a incontinência, a luxúria, e inúmeros outros males, isto se dá pelo modo de pensar a que nos entregamos — nós, a Humanidade toda.

E é justamente isto que queremos examinar, nestes dois próximos capítulos.

2 — A CRISE DO ESPIRITUALISMO

Primeiramente a crise do Espiritualismo, em geral.

O religioso, atrelado às crenças, rituais e cultos que, apesar da renovação de vários aspectos da Revelação continuam a predominar, permanece a sustentar concepções de Deus, do Mundo, do Homem, da vida após a morte, insustentáveis e mesmo destituídas de sentido.

O filósofo, querendo-se afirmar por caminhos totalmente distanciados da Ciência, enquanto esta progredia por conquistas verdadeiramente espetaculares, não conseguiu ultrapassar os moldes das antigas concepções, não conseguindo senão cavar um abismo entre ambas, praticamente intransponível.

E todo ele, o religioso e o filósofo, se manteve enclausurado nas formas dogmáticas do conhecimento, reconhecidamente causas de estacionariedade, enquanto o método científico se impunha como a força propulsora de todo o seu desenvolvimento.

Posto de lado qualquer dogmatismo, nota dominante de todo sistema fundamentado em crenças, injustificado, portanto, e por esta razão em crise, hoje, o conceito que se coloca a fundamento de todo o pensamento contemporâneo é o de EVOLUÇÃO, mesmo porque a própria Ciência é evolutiva. Esta idéia, introduzida com o método indutivo, na renovação do método científico, por Bacon, Mill, Galileu e outros, se consagrou com a teoria do Evolucionismo de Darwin, a teoria da evolução das espécies dos seres vivos e constituiu-se, hoje, na pedra angular de todo o conhecimento, embora não aplicado da mesma maneira, pelas várias correntes de pensamento, no que diz respeito ao homem.

É bom que se diga, desde já, que ela é conceito fundamental do Espiritismo que, a diferença do Darwinismo, a considera relativa aos Espíritos, e não às espécies entendidas como seres constituídos de uma única essência, que nascem, vivem e morrem, a morte entendida como término do indivíduo. No Espiritismo, os seres são

constituídos de duas essências: o Espírito e o corpo; este a carga daquele, que ele aperfeiçoa com o evoluir, o que traz, como consequência, a reencarnação.

3 — O REALISMO CIENTÍFICO

É esta uma filosofia de vida que se apoia nos conhecimentos científicos e lhe acompanha o desenvolvimento.

Do Evolucionismo, aceita a concepção de suas duas leis fundamentais: a Lei de Adaptação e a Lei da Seleção das Espécies.

Por estas duas leis, entende-se que a vida é luta e que, quem sobrevive, é o mais forte. É a luta contra um meio ambiente e um meio social que nos requerem adequação, ajustamento, desenvolvimento de qualidades que, não as possuindo, teremos que desenvolver, para com eles conviver em equilíbrio; sobreviver, pelo esforço, pela determinação, pela pertinácia. E quem sobrevive, é justamente aquele que, em se desenvolvendo a conquista, melhor se situa, ou vence na vida, como se diz.

Do ponto de vista científico, esta evolução teria tido início no formação dos processos químicos mais complexos, na gênese do planeta, por acaso, sem uma razão determinada, sem Deus.

Segundo as teorias mais recentes, nosso Universo ter-se-ia originado de uma imensa explosão. A Terra, ainda incandescente, ter-se-ia desprendido da massa solar e, ao resfriar-se, teria sido sede de processos químicos, formadores de moléculas cada vez maiores, dentro de cuja complexidade crescente, a um certo momento, ainda não se sabe como, ter-se-ia originado a vida e as leis que a governam.

De uma forma contínua, as formas vivas, em se adaptando ao meio que, também, ia-se modificando, e isto num período que totaliza 4,5 bilhões de anos, ter-se-iam modificado, desaparecendo algumas, permanecendo outras — as mais aptas.

O homem, dentre os seres vivos, sendo o último, é o mais perfeito produto desta evolução.

4 — O DARWINISMO SOCIAL

Estas concepções aplicadas à ordem social, dão origem ao Darwinismo Social, uma teoria sociológica que procura explicar as diferenças entre as classes sociais, como sendo o resultado desta lei de adaptação, desta luta do ser vivo em relação ao meio ambiente. Os melhores situados, explica, os mais ricos, os mais sadios, os mais poderosos, os melhores aquinhoados sob qualquer aspecto, são os escolhidos pelas circunstâncias naturais como os melhores. São os escolhidos pela própria Natureza para lhe constituírem o material de base para o seu trabalho de aperfeiçoamento: os selecionados. Os marginalizados, os mais pobres, os mais fracos, os doentes, estes constituem os menos aptos, os desfavorecidos pela Natureza; os

condenados a desaparecer com sua descendência, por rejeição das próprias leis naturais. A própria Natureza se encarrega de relegá-los ao monturo do descartável.

Ora, entende-se como destas concepções devam nascer idéias de eugenia, de aperfeiçoamento de raças, de relegamento a segundo plano dos sentimentos. Pois que, se a Natureza efetua este trabalho de seleção por que não favorecer-lhe a ação, combinando espécimes selecionados, acasalando criaturas geneticamente escolhidas, fêmeas de raça com reprodutores vigorosos? Sentimentos? São apenas resquícios dos condicionamentos a que a humanidade ficou submetida, em sua fase evolutiva anterior, pelas Religiões, hoje em decadência, justamente em obediência à lei de seleção dos mais aptos, que faz da Ciência, entre ambas, a escolhida.

Por esta corrente de pensamento, a natalidade deveria ser regulada pela Genética; a Biologia deveria sobrepor-se a todas as ciências; a Política deveria favorecer o fortalecimento dos melhores aquinhoados; o melhor regime seria o da ditadura; a autocracia.

Entendendo a luta, como princípio a reger a evolução, opostamente à concepção cristã, que o situa no amor, entende-se como, por este modo de pensar, se banam todos os princípios cristãos: a humanidade, pela entronização de falsos conceitos de superioridade; a caridade, por ser contrária ao próprio princípio de seleção da Natureza; a Renúncia, por constituir-se no próprio oposto da adaptação.

Um modo de pensar destes só pode incrementar a violência. Mas muito mais que a violência, a indiferença pelo sofrimento; o desprezo pelos necessitados, pelos sofredores, pelos que erram.

E não se pense que este modo de pensar tenha existido somente em teoria. Ele foi o responsável por muita fortuna ilícita no fim do século passado, adquirida pelo roubo, rapinagem e corrupção, sendo-o ainda muito em nossos dias, como o afirma Galbraith em ((1), Cap. II).

Está aí uma fonte inesgotável de obsessões, advinda dos abusos e dos desvios mentais sobre os quais ela repousa e produz.

Pela dificuldade com que tais desvios são sanados, requerendo muito tempo de recuperação, talvez esteja aí uma das grandes razões pelas quais muitos terão que ser afastados deste planeta, para reeducar-se em outro, de condições espirituais mais grosseiras, capaz de oferecer-lhes as duras lições de que necessitam.

5 — O PRAGMATISMO

Mais brandas são as concepções que, embora aceitando como princípio fundamental o da adaptação dos seres vivos, entendem que no homem não há somente transformações físicas, mas, também, morais. Que, ao progredir, a pessoa não somente se adapta ao meio físico, mas se adapta também ao meio social, desenvolvendo senti-

mentos de cooperação. Sem dúvida, a vida é luta: o princípio que governa o mundo é o da adaptação ao meio; mas esta adaptação compreende a do próprio semelhante. A sociedade não é selva, onde o mais forte mata o mais fraco, para sobreviver; na qual a sobrevivência se fundamenta no roubo, na rapinagem, no assassinato. O progresso é fruto da cooperação de todos, mesmo porque as circunstâncias que, hoje, nos favorecem, podem desfavorecer-nos amanhã, momentaneamente, sem que, para isso, devamos ser considerados inaptos.

Com estas considerações, a adaptação e a seleção são colocadas num plano superior ao da selva, para serem consideradas, na sociedade, entrosadas à Lei da cooperação.

Nisto restabelece-se a valorização dos sentimentos, o respeito pela vida, a defesa dos direitos humanos, a busca do consenso geral para as normas de convivência que, em última análise, redundam na adoção de políticas que se desenvolvem dentro de um regime democrático.

Mas, ainda, não há a concepção de um plano subjacente à vida, de finalidades maiores estabelecidas por Deus. Nesta filosofia, que tem muita influência nos sistemas educacionais de nossos dias e, portanto, na educação dos jovens, os homens do futuro, diz-se que, se as houver, não está ao alcance do homem percebê-las. Suas indicações, portanto, permanecem no âmbito do imediatismo, no ajuste e nas soluções dos problemas do dia, segundo os próprios interesses e conveniências, entendidos satisfeitos de um ponto de vista muito estreito, de adaptação imediata, segundo valores relativos e válidos quando melhorarem o bem estar humano, com os meios que a Ciência proporciona.

Em todos os campos, a Ciência empírica é o guia soberano.

A idéia de que o que rege a vida é um princípio de luta, no sentido heraclítico, permanece. ((2), Cap. 2)

6 — O MATERIALISMO DIALÉTICO

O mesmo princípio de luta serviu de base à formação das doutrinas marxistas que, no darwinismo, não viram senão que a confirmação das afirmações do pré-socrático Heráclito, relativas à realidade, quando dizia que, no mundo, nada existia de permanente, a não ser as próprias transformações: o devir. E que estas eram regidas pela luta dos contrários, dos opostos. Que o estado natural do mundo, na regência das coisas, era a guerra. Que o princípio fundamental, a reger o mundo, era o da luta dos contrários.

Entendeu o marxismo, inclusive, que a nossa Ciência era incapaz de esclarecer a própria realidade, porque, no seu mecanismo lógico, não considerava a existência deste princípio fundamental. E tentaram a utilização da própria lógica dialética, nos moldes do idealismo hegeliano, para reconstruir o conhecimento, sem resulta-

dos. Está aí a Ciência de nossos dias a realizar progressos extraordinários com a lógica formal, num desmentido categórico destas afirmações.

Mas a concepção, transportada às teorias sócio-econômicas, deu origem à noção de luta de classes, entronizando, como método de solução, os movimentos revolucionários. Em essência, é o mesmo princípio de luta, numa filosofia sem Deus, a ser entendido como a lei universal a governar o mundo. Uma doutrina diferente das outras no seu desenvolvimento, mas fundamentada no mesmo princípio. E acarretando idênticas conseqüências: violência, revolta, subversão de valores, falsas doutrinas de disputa de poder, de concorrência, más diretrizes econômicas, a corrida para a destruição da humanidade pelo armamento excessivo, fundamentadas no mesmo propalado princípio de que a melhor segurança contra a guerra é o poderio bélico. Estão aí o terrorismo, as guerrilhas e os movimentos armados que assolam o planeta em todos os cantos a demonstrarem a completa falsidade desta noção — uma noção suicida, aliás.

7 — O EXISTENCIALISMO

Outras doutrinas que se desenvolveram, principalmente após as duas grandes guerras, conseqüências prováveis da amargurosa experiência que assolou o mundo com elas, se apoiaram num falso conceito de liberdade absoluta inerente ao homem, segundo o qual cada um se pertenceria a si mesmo e teria o direito de exercer a sua própria livre escolha.

Diz-se nela que o homem, ao surgir neste mundo, se defronta com duas certezas: a de ser livre, a de fazer de sua vida o que bem entende, escolhendo seus próprios valores; e a de morrer, de desaparecer, sem que sua presença tenha tido qualquer finalidade para o mundo, da mesma maneira que não o teve o seu aparecimento.

Este mundo aí estava, antes dele. E se ele tem ou não um plano a regê-lo, não o sabemos, segundo alguns; não o podemos saber, segundo outros; não o tem definitivamente, segundo a sua corrente atéia, a mais importante do ponto de vista de influência em nossos dias, mormente na educação. Não tem explicação, portanto. É um mundo absurdo.

De qualquer modo, mesmo que o tivesse, nós não fazemos parte dele; nossa existência é por demais efêmera, após a qual nos reduzimos a nada.

Porém, nele surgindo, a pessoa tem que fazer a própria escolha; decidir o que fazer e como viver esta vida. As pessoas que a cercam, não podem, não devem interferir. Quando muito, devem colaborar no sentido de que ao indivíduo lhe sejam propiciadas as condições mais favoráveis, para que ele possa tomar suas próprias decisões. Nem os pais, nem a escola, nem ninguém podem interferir na sua liberdade de escolha; e, conseqüentemente, de comportamento.

Isto traz, como conseqüência, uma subversão de tudo aquilo que até agora era tido como consagrado: a orientação dos mais idosos; a importância da disciplina, da submissão aos valores considerados objetivos e não subjetivos. Tudo isto, dizem seus adeptos, é coisa do passado: e numa gíria toda peculiar: "velharia que já era".

Liberdade absoluta é o seu preceito: liberdade de comportamento, de convivência, de sexo, de efetuar qualquer experiência pessoal ou social, dado que, ao indivíduo, e só a ele pertence o direito de escolha, sem qualquer plano ou restrição, a não ser as dele próprio, a interporem-se-lhe à ação.

Naturalmente com um preço: a pessoa pode não fazer qualquer escolha; e aí não se afirmará como um ser livre, sua maior prerrogativa; mas passará a constituir-se um mero objeto como qualquer outro objeto natural. Ou poderá decidir-se por algo, do qual será inútil arrepender-se depois, caso não tenha feito a melhor escolha. E isto constituir-se-á, para as pessoas, em uma permanente angústia que se soma ao temor da morte.

E a vida continua a ser encarada como uma luta: a luta para ser livre, poder afirmar-se e realizar-se segundo os próprios objetivos.

Uma doutrina totalmente negativista, destruidora de tudo que regula a vida em comum; provocadora de toda uma onda de desprezo pela vida, dos valores antes consagrados, de suicídios, e de toda uma subversão de tudo que até agora foi edificado. ((2), Cap. 3)

a) — BIBLIOGRAFIA

- (1) — John Kenneth Galbraith: *A Era da Incerteza*
- (2) — George F. Kneller: *Introdução à Filosofia da Educação*

b) — LEITURAS COMPLEMENTARES

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c) — PERGUNTAS

- 1.^a — Por que as pessoas permanecem cristalizadas em suas crenças, embora lhes possam mudar o rótulo?
- 2.^a — A que se devem os males de nossa época?
- 3.^a — Qual a causa da crise do Espiritualismo?
- 4.^a — Qual a pedra angular do conhecimento, em nossos dias?
- 5.^a — Qual a diferença entre o Evolucionismo científico e o Espírita?
- 6.^a — O Realismo Científico entende como lei primordial da vida a luta. Explique.
- 7.^a — O que é Darwinismo Social?
- 8.^a — Quais as conseqüências que o Darwinismo Social acarreta, do ponto de vista moral?
- 9.^a — Por que o Darwinismo Social é a fonte de inúmeras obsessões?
- 10.^a — Por que o Pragmatismo é a doutrina mais branda que a do Darwinismo Social?
- 11.^a — O Materialismo Dialético adota o mesmo princípio de luta, como fundamento da vida. Explique.
- 12.^a — Quais as idéias fundamentais do Existencialismo?
- 13.^a — Quais as conseqüências do Existencialismo?

d) — PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel: *Seara dos Médiuns*

Estudar e pôr em prática os capítulos — "Futuro" e "Equipe Mediúnica".

e) — AULA PRÁTICA (65 min)

Título: *A Subjugação*

1.^a PARTE: Recomendações para a aula (2 min)

A1: Recomendações para a aula (2 min)
A2, A3, A4 — Os mesmos de sempre.

2.^a PARTE: O Trabalho (30 min)

Narra-se caso de alcoofilia, em estado de possessão, num recinto de leviandade. Antídio, o observado, era seviciado por quatro entidades embrutecidas, num estado próximo ao da desgringolada total.

As alucinações dos alcoólatras são explicadas, aí, como fenômeno mediúnico, no qual o encarnado, entrando em sintonia com as entidades que o perseguem, absorve-lhes as figurações mentais, povoadas por visões terríficas do sepulcro, que haviam atravessado como dipsomaníacos, constituídas de imagens espectrais de víboras e morcegos dos lugares sombrios, onde haviam estacionado.

Antídio se despencara nesse estado por suas próprias deficiências, por suas fraquezas. Mas, era auxiliado pela intercessão da esposa e de dois filhinhos que não podiam ser lançados em pungente incerteza do porvir.

Seria amparado pela enfermidade.

Outra grande causa das mais variadas obsessões é a incompreensão relativa ao sexo, uma faculdade do Espírito, um aspecto de suas faculdades criadoras que, em sua característica de função orgânica, é meio de reprodução, altar de preservação da espécie, porta de santificação para a vida.

A incompreensão, relacionada à desconsideração das noções superiores de vida, é que redesperta tendências inferiores, tornando-se porta aberta para todos os vícios.

O exercício do sexo, sem responsabilidade, sem subordinação às manifestações do amor, é veículo de terríveis desequilíbrios. Na procriação, os pensamentos associados atuam como venenos na produção de células criadoras; na gestação, pode produzir abortos; na aspiração a condições superiores de vida, impede a elevação do vampirismo. Em todos os casos, propicia abertura à obsessão, pelo convívio que estabelece com entidades de baixo estofa, a sugarem forças.

Toda forma de infelicidade que grassa entre os homens reside, principalmente, no desconhecimento das realidades do espírito, o que equivale a silenciosa guerra de extermínio e de perturbação.

A incompreensão sexual é causada de incontáveis crimes que campeiam na Terra, e perigosos processos de loucura. A grande maioria, entretanto, se encontra com a mente desvairada em estado de semiloucura que, não caracterizando ainda a necessidade de internação em hospitais, provoca infelicidade e perturbação por onde passam.

Nem a Medicina do corpo lhes vale, pois o problema não é físico, porém mental. A solução reside na medicina da alma.

AS LEIS DA EVOLUÇÃO DO ESPÍRITO

1 — FILOSOFIA ESPÍRITA

Como vimos no capítulo anterior, a fundamento de tudo, do nosso comportamento, do nosso viver, estão as concepções que nós fazemos acerca do mundo, da vida, da nossa razão de ser. Isto é, da filosofia de vida que abraçamos. E, sobre ela, ou adotamos postura consentânea com a ciência, ou somos religiosos, ou ambas as coisas.

Que possamos dar crédito às conquistas científicas, seguramente o fazemos, mesmo porque não podemos desprezar, hoje, o conteúdo da Ciência, pois vivemos dele e nele conduzimos o nosso viver. Podemos não ser religiosos, no sentido de sermos adeptos desta ou daquela seita; de não praticarmos qualquer culto; ou mesmo de não acreditar em Deus. Mas, consciente ou inconscientemente, temos uma filosofia de vida: uma concepção acerca do mundo, da finalidade da vida; uma noção de certos valores, dos quais aceitamos uns ou outros, segundo as concepções a que nos filiamos.

O Espiritismo, nascido a partir do estudo dos fatos paranormais: das mesas girantes, dos fenômenos mediúnicos, como ciência destes mesmos fenômenos, ao comprovar experimentalmente a sobrevivência do Espírito, da continuidade da vida após a morte, da comunicação entre os dois planos, esclarece definitivamente a Revelação como sendo esta mesma comunicação e estabelece sua filosofia de vida, através da palavra dos Espíritos. "O Livro dos Espíritos" é o livro no qual os Espíritos ditam a Filosofia atualizada que, através de todos os tempos, tem direcionado, do Alto, o conhecimento.

Antes de tudo reformulam o conceito de Deus, subtraindo-o das formas mitológicas em que foi mantido até nossos dias, e como ainda o Dogmatismo pretende mantê-lo, na exposição bíblica, para apresentá-lo numa forma mais abstrata, afirmando que o homem, no seu estágio evolutivo atual, não tem a possibilidade de entendê-lo a essência. Terminam com a idéia absurda de que Ele possa ter criado o mundo do nada, em um certo momento, pois isto impli-

caria afirmar que Ele teria permanecido uma eternidade inativo. Afirmam porém, que, dadas as nossas limitações, nada podemos saber acerca da origem das coisas, da origem da matéria e do princípio espiritual. Dão-Lhe, porém, a existência com fundamento no princípio da causalidade, e declarando-O como a causa primordial de tudo que existe — o Princípio das causas, em atuação permanente desde a eternidade.

Deus, atuando sobre dois princípios: a matéria e o princípio espiritual, cuja origem nos é desconhecida, ((1), Livro 1.º, Cap. 1.º), é a causa de tudo que existe: o Criador.

Atuando sobre a matéria, informe e destituída de qualquer característica ou propriedade, e de modo a nós desconhecido, a transforma em diversos fluidos ((2), Cap. XIV), em diversos estados de condensação, e distintas propriedades e características, dentre as quais devemos considerar o espaço e o tempo como formas associadas a cada um desses estados e diferentes de um a outro ((2), Cap. VI), numa atuação, também, a nós desconhecida, pois que, seres em evolução que somos, ainda não desenvolvemos as faculdades que nô-lo permitam. Todos esses fluidos redutíveis a um primordial, o menos denso, por assim dizer: o fluido universal. Sobre estes fluidos Ele edifica os sistemas da imensidade, regendo-os por leis de ordem e harmonia, como também as coisas, os objetos, os seres passivos, dinamicamente, isto é sujeitos a transformações, de modo a que surjam, tenham uma certa existência, para depois serem retransformados em novos entes, em novas criações, servindo a determinados fins.

Atuando sobre o princípio espiritual, cria também, de maneira permanente, os Espíritos, seres cujas características essenciais são a indivisibilidade, a inteligência, o de constituírem princípios ativos, fontes de ação, com propriedades e características diferentes das da matéria, pois, se assim não fora, não haveria razão para distinguí-los dela e, portanto, não imputáveis a eles as formas espaço e tempo, como pretendem os materialistas, na sua permanente intenção de explicar o Espírito pelas leis físicas. São seres sujeitos à evolução que se constitui de Amor e Sabedoria, os dois parâmetros que lhe definem o crescimento e, também, submetidos a leis de ordem e harmonia. ((1), Livro 2.º, Cap. 1.º)

A evolução dos Espíritos é possível por sua atuação sobre as coisas, a matéria já transformada, já possuidora de certas características e propriedades, uma atuação que os faz participarem das obras da Criação, sob a égide do Divino Arquiteto. Por exemplo: atuando sobre a vegetação podemos influir de modo a fazê-la florescer e crescer melhor; mas não criamos a semente, nem as plantas, nem as causas; apenas podemos influir sobre elas, com nossa participação.

Para atuar sobre a matéria, o Espírito tem que revestir-se dela, na constituição de um corpo apto a permitir-lhe a manifestação das

faculdades. Como a matéria é apenas suscetível de assumir formas, mas não se desenvolve, e envelhece, o Espírito, ciclicamente, se desfaz do próprio corpo, reconstituindo outro, sempre aperfeiçoando-o, segundo as suas necessidades de manifestação e o próprio crescimento, princípio este fundamento da reencarnação.

E, pelo fato de os Espíritos se desenvolverem pela participação nas obras da Criação, entende-se que esta participação deva obedecer às leis e princípios estabelecidos por Deus no princípio material, e que eles deverão desvendar na edificação da Sabedoria, primeiramente; e, em segundo lugar, por exigirem estas obras o concurso de todos, em graus de evolução diferentes, como nas tarefas de uma grande empresa, entende-se que todas devam subordinar-se às leis da convivência harmoniosa e dirigida no mesmo sentido construtivo, que também desvendarão na edificação progressiva do Amor.

Sabedoria e Amor são as duas asas que elevarão o homem aos cumos da Espiritualidade, em obediência ao novo mandamento: o do AMAI-VOS E INSTRUI-VOS.

2 — EQUILÍBRIO: LEI FUNDAMENTAL DA VIDA

Assim sendo, o princípio que rege o mundo não é um princípio de luta, de oposição entre contrários; mas, é sim um princípio de equilíbrio estabelecido pela ordem e harmonia dos fins que nos regem e que requerem a colaboração entre seres: superiores, inferiores e de mesmo estágio evolutivo.

Não é a luta do fundamento da evolução, mas sim o equilíbrio. Não o equilíbrio estático, mas o equilíbrio dinâmico: as transformações e o comportamento, consoantes as leis que nos regem, estas sim permanentes e atuantes de forma constante, pelo menos em largos períodos evolutivos. Equilíbrio dinâmico sustentado automaticamente; isto é, regulado de tal modo que, qualquer que seja o afastamento que o sistema sofra da rota traçada, tal afastamento é corrigido por leis, também, pré-estabelecidas que o reconduzem à rota requerida.

Entende-se, desta forma, que se nos conduzirmos por noções errôneas, não condizentes com a realidade existente, estaremos a criar situações de desequilíbrio para nós mesmos, e a cair no domínio das reações naturais e automáticas que nos impedirão o prosseguimento no rumo falso e impor-nos-ão que nos recoliquemos no sentido das realizações lúdimas do proceder.

O momento em que vivemos é todo desta natureza. Esposando a idéia de que a vitória da vida está na luta, no confronto, provocamos a reação em cadeia da inarmonia, das porfias, não havendo, portanto, porque admirarmo-nos do crescimento das contendas, das dissensões, dos conflitos, das desordens, das animosidades, da violên-

cia, sem qualquer possibilidade de contenção. Elas se tornam conseqüências destas concepções que nos regulam o comportamento.

O grande problema de nossos dias é que a cooperação não consta nos nossos conceitos. Estamos em permanente querela com nosso semelhante, disputando posses, haveres, posições, poderes; querendo impingir-lhe pontos de vista elaborados com o único intuito de auferir vantagens, lutando pelo que entendemos ser ótimo para nós e sem querer compreender que o ótimo para todos só pode resultar de um compromisso de adequação de cada um aos parâmetros do conjunto. Com isto, em todas as atividades damos asas ao crescimento da ganância, da especulação, do enriquecimento ilícito a qualquer preço, da corrupção, dos conchavos interesseiros de minorias, que jogam umas contra as outras, num recrudescer de tensões, que se tornam cada vez mais intensas e insustentáveis.

Nas nossas instituições exaltamos a organização, o espírito de equipe, o senso de colaboração, o sentimento de corporação, de ação conjunta e disciplinada, entretanto, entre elas estabelecemos a concorrência, a disputa de mercado, o jogo de empresas, a guerra comercial.

Embora condenemos as doutrinas que apregoam a luta de classes, a formentamos. Não há acordo, em qualquer campo, que não se constitua em clima de dissensão, de batalha, sem que se dê a mínima oportunidade ao equacionamento claro, justo e equilibrado. Quem reivindicar, pede o dobro do que pretende, com a esperança de conseguir o esperado; quem recalca, oferece a metade do que estaria disposto a dar, sempre no jogo de ceder o menos que pode. Um comportamento absurdo que não faz senão acirrar os ânimos, estremecer o relacionamento, criando estados de espírito cada vez mais perigosos de desasossego social.

Vivemos em desequilíbrio, porque caminhamos em desacordo com as leis que nos regem; promovemos a desgraça, a desventura, a dor, o sofrimento, porque ainda permanecemos na primitividade dos interesses e dos sentimentos. Não por culpa das doutrinas que abraçamos. Adotamos doutrinas de predação, porque somos predadores. Somos corruptos, fautores da rapinagem e do desmando não por causa das doutrinas; adotamo-las, sim, para justificar o que somos. E o mesmo que acontece com a cessão às sugestões infelizes dos obsessores. Cedemos, porque sintonizamos na mesma faixa. Ninguém lançar-se-á num poço só, porque alguém nô-lo sugere.

Vivemos uma época de crise em todos os sentidos; e hoje, principalmente, nos queixamos da econômica. Mas, as razões estão na crise moral. A crise econômica é a conseqüência do nosso desequilíbrio em relação à vida, de um comportamento errôneo, que conduz à instabilidade irrefreável, à instabilidade econômica, fruto de falsas concepções que traduzimos em falsas doutrinas.

Nossas teorias estão montadas em falsas premissas; em filosofias de vida afastadas da realidade, que só causam desvios, distorções, intranqüilidades, desentendimento.

Aumenta a violência, porque entronizamos a luta, a supremacia da força, da astúcia, da esperteza, desprezando os valores da cooperação e dos auxílios mútuos, fomentando os privilégios, desviando as forças produtivas de suas lúdimas direções, isolando-nos no egoísmo e na indiferença.

Aumenta a corrupção, porque destituímos a vida de seu verdadeiro significado, valorizando as vantagens imediatas, justificando as ações escusas, desde que realizadas nos bastidores.

Aumentam as doenças, físicas e psíquicas, os desajustes individuais em todas as formas de marginalidade, porque nos entregamos às paixões, ao desregramento dos sentidos, ao ócio, aos impulsos do primitivismo, ainda preponderante dentro de nós, muito pouco amainado ainda pelo burilamento efetuado no aprimoramento de nossas aptidões e virtudes.

E, nestes desequilíbrios, não só nos prejudicamos, mas prejudicamos aos outros. Não se pode pensar em auferir vantagens próprias, sem que firamos os direitos alheios. E isto nos liga aos outros numa cadeia de vinculações estabelecidas por prejuízos mútuos e renovados, que nos emaranham numa rede de conseqüências dolorosas de reajustes compulsórios e obrigatórios, em função das próprias leis que nos exigem cooperação e entendimento. Ao cultivarmos paixões, nos escravizamos a elas e, uma vez desencarnados, para satisfazê-las, vemo-nos obrigados a nos associarmos a encarnados, explorando-os nos fenômenos de simbiose, ou parasitismo espiritual, que constitui as obsessões.

3 — FALSAS DOCTRINAS DE EDUCAÇÃO IRRESTRITA

Certamente que a vida se constitui de luta. Mas a luta não é contra o meio, nem contra o nosso semelhante. A vida nos ensina que, colaborando com o meio, favorecendo as causas de sua produtividade, ele nos responde cumulando-nos de bens cem por um. Obter uma boa safra num campo qualquer não é resultado de luta contra o meio, mas é colaboração com ele: é obrar no sentido de que se lhe favoreçam as condições para mais produzir. Lutando em prol do meio é que o meio nos corresponde ao esforço.

O mesmo se dá em relação ao semelhante: é favorecendo-lhe as condições de existência, cooperando com ele, que ele nos corresponderá no mesmo sentido. Há luta sim, difícil e onerosa; fatigante e cansativa: é a luta contra as nossas inferioridades, porque difíceis de vencer. Temos sim que desenvolver porfia; mas, para nos tornarmos melhores e podermos galgar posições mais avançadas na senda da Espiritualidade. Luta sim, mas de desenvolvimento, de aprendizado, de aperfeiçoamento.

Pois obsessão é isto: ou se constitui de desequilíbrios, cultivo de paixões, ou desvios da ordem e da harmonia, em que abrimos a possibilidade de sermos explorados por entidades que nelas se alimentam; ou nos encontramos vinculados a situações de reajuste, com criaturas que, em as havendo prejudicado, reclamam-nos ressarcimento dos prejuízos que lhes infligimos.

Os pais irersponsáveis que, em se subtraindo aos deveres da paternidade e da maternidade, entregam seus filhos a terceiros, deixando-se seduzir pelas doutrinas da livre expansão da criatura, da educação livre, nem tanto pelas doutrinas em si, mas, mais pela comodidade de se verem aliviados dos encargos que lhe pesam, para eventualmente entregar-se às futilidades do mundo, a falsos interesses imediatistas, bem caro pagam a sua inconseqüência.

Acerca da educação com liberdade irrestrita, narra Humberto de Campos uma estória em ((3), Cap. 6).

Conta-nos ele que “... *Crianças sem disciplina e jovens sem orientação sadia constituem o germen de imensos desastres humanos...*”

Geralmente, as famílias se constituem para o reajuste de sentimentos recíprocos, ou missões conjuntas. “...*Para que serviriam... os pais humanos... se abdicassem à posição de sentinelas, entregando os filhos às tendências inferiores de outrem? Não seria condenar o instituto doméstico a um reduto de prazer ocioso?...*”

E conta caso doloroso.

“...*No fim do século passado... quando os ideais espiritualistas se alastravam no país... um negociante honesto...*” adotou “... *os princípios novos...*”

Anterior adepto do Positivismo, penetrou na Doutrina, dele imbuído. Inteligente, embora sem formação acadêmica, economicamente ajustado, apreciava a virtude, a fraternidade, a liberdade, mas considerava a religião, um fenômeno cultural ultrapassado. Seus filhos, apesar das admoestações e insistência da esposa, não cresceriam ligados a tais velharias. Seriam delas independentes e livres de decidirem por si sós, pela razão, com liberdade.

“...*Os rapazelhos cresceram voluntariosos e rudes... abandonaram o curso primário aos quinze anos, em razão da ociosidade e indisciplina...*”

Foi aí que o genitor despertou, mas, tarde.

Certo dia, encontrou os filhos a espancarem, ingratos, a própria mãe. Após alguns meses, foram apanhados furtando e, por terem sido aprisionados, os expulsou.

Desgostosos e amargurados, mudaram de Estado.

Certa noite, a altas horas, André despertou com o ruído de um assaltante que lhe invadira a casa. Armado, fuzilou-o quase a queima roupa. E foi, aí, que deu-se conta tratar-se de um dos próprios filhos, tornado ladrão e que assaltara a casa, desconhecendo a mudança.

O choque foi brutal; a tragédia impediu-lhes revelar os verdadeiros fatos. Incapaz de justificar-se, André se entregou à justiça, o coração dilacerado, permanecendo preso algum tempo. A esposa, não suportando o infortúnio, sucumbiu à dor.

André, após sair da cadeia, "...ovacionado pela simpatia popular como herói..." por haver livrado "...o vilarejo de um bandido comum...", vendeu tudo e partiu sozinho, sem destino.

Derrotado e senil, passou a viver da "...caridade comum. Parecia idiota, incapaz de qualquer reação..."

Certo dia, num crepúsculo borrascoso, "...se aproximou de um rio transbordante...", tencionando atravessá-lo.

Certo "...homem corpulento... convida-o a tomar a canoa frágil...", com a intenção de roubar-lhe a bolsa, que continha "...os vinténs da piedade pública..." O que fez, atirando-o às águas.

Nisto, o ancião reconhece o filho, gritando-lhe o nome.

Tarde demais, porém. "...Ambos trocaram o supremo olhar, estranha sensação de sofrimento e pavor, mergulhando o velhinho para sempre..."

"...André... indiferente à educação moral dos filhos, esquecendo-se de efetuar a sementeira da infância, a fim de construir-lhes o caráter na juventude...", colheu os frutos amargos de uma "...educação com liberdade irrestrita...". E mesmo assim, transformou-se em devedor, pois tornou-se o responsável de tantas agruras, da perdição dos próprios filhos, por faltar-lhes coeducação devida, no momento oportuno. Falta que, cedo ou tarde, deverá ser reparada.

a) — BIBLIOGRAFIA

- (1) — Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*
- (2) — Allan Kardec: *A Gênese*
- (3) — Humberto de Campos: *Reportagens de Além-Túmulo*

b) — LEITURAS COMPLEMENTARES

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c) — PERGUNTAS

- 1.^a — Todos temos uma filosofia de vida. Explique.
- 2.^a — O que é filosofia espírita?
- 3.^a — Qual o conceito de Deus, segundo a filosofia espírita?
- 4.^a — O que é fluido universal?
- 5.^a — Quais são as características essenciais do Espírito?
- 6.^a — O que caracteriza a evolução do Espírito?
- 7.^a — A que se limita a ação dos Espíritos.
8. — Como os espíritos devem participar da criação?
- 9.^a — Qual o fundamento da evolução?
- 10.^a — São as doutrinas que nos conduzem, ou as fazemos para nos justificar?
- 11.^a — Quais as causas principais dos males que nos afligem?

- 12.^a — Como se dá a obtenção de bens: em luta ou em cooperação com o meio?
- 13.^a — Qual é a luta que devemos empreender?
- 14.^a — Que diz a respeito da educação com liberdade irrestrita?

d) — PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel — *Seara dos Médiuns*

Estudar e pôr em prática os capítulos: "Futuro" e "Equipe Mediúnica".

e) — AULA PRÁTICA (65 min)

Título: *As Principais Doutrinas da Realidade*

1.^a PARTE: Recomendações para a aula (2 min)

Emmanuel: "Justiça Divina" — *Exames*, pág. 49

A2, A3, A4 — Os mesmos de sempre

2.^a PARTE: O Trabalho (30 min)

Esclarece-se, aqui, que os homens não são mero juguete dos Espíritos. Que as obsessões têm sempre a raiz em nossos pensamentos desequilibrados, nos quais atraímos entidade de natureza inferior afim, ou resultam de vinculações a Espíritos, a quem prejudicamos e que não conseguiram nos perdoar.

As razões de nossos desequilíbrios residem, principalmente, em nosso atraso moral, representado pelas doutrinas que esposamos. Por elas o Espiritualismo está em crise, por manter-se relacionado a crenças, reconhecidamente destituídas de sentido.

Com isto estamos entregues às Doutrinas materialistas, cujo conceito básico é o da Evolução darwiniana, e suas leis fundamentais são as leis da adaptação e da seleção natural. Com elas se estabelece que a vida é regida por um princípio de luta, de luta contra o meio e contra o semelhante, sobrevivendo os mais fortes.

Outros, associando-lhes o conceito heraclítico, de que o mundo é conduzido por conflitos entre os contrários, também elege como princípio a reger a vida, um princípio de luta que, em si mesmo (constitui a raiz de todos os nossos males: a violência, a corrupção, o desmando, toda espécie de desequilíbrio que redundam em fonte inesgotável de perturbações e obsessões.

Outras doutrinas, não bastassem os males produzidos por estas, entronizam um conceito de liberdade absoluta que subverte todos os valores e todas as conquistas institucionais feitas até agora pela humanidade. Espalhando-se como onda avassaladora, destroem o significado de vida, acarretam angústia, perversão, desengano e responsabilizam-se por um entristecedor surto de suicídios em todo o mundo.

MORAL E VIOLÊNCIA

1 — REFLEXO, INSTINTO E AÇÃO REFLETIDA

O Espírito, iniciando-se em estágios a nós desconhecidos, se desenvolve ao longo das eras, revestindo-se de matéria — o corpo — para nela atuar, aprendendo, por adaptação aos estímulos que lhe são proporcionados pelo meio em que é colocado, sob o amparo, guia e proteção dos condutores espirituais. Embora devamos entender que o Espírito já se encontra como mônada no reino mineral, o que nós chamamos de adaptação e evolução; diz respeito ao conceito biológico de vida, tal qual o entendemos cientificamente; isto é, relativo aos seres orgânicos.

Neste sentido, o ser vivo mais inferior que conhecemos é o unicelular, embora ele já represente um ser mais evoluído do que o das bactérias rudimentares, que lavraram os minerais na construção do solo e já desaparecidas ((1), Cap. 3). Estes seres, diante dos estímulos do meio, respondem por reflexos, uma resposta que já denota um princípio inteligente, pois, com o suceder das repetições, ela se torna a resposta adequada, que se automatiza e já constitui adaptação.

Já no ser pluricelular e, em especial modo nos animais superiores, a resposta aos estímulos já não é simples reflexo, mas se constitui de um comportamento que é um complexo de reflexos, resultado evolutivo da conjugação de reflexos elementares que se harmonizam em atuação conjunta e ainda automatizada. A resposta é ainda imediata, impulsiva e constitui o que denominamos de instinto. "...*Ele não se transvia nunca...*" ((2), n.º 75), porque, sendo resposta automática, já é adaptação e, portanto, a resposta adequada àqueles estímulos que lhe despertam a manifestação.

Em todos os casos, devemos entender que qualquer ser vivo tem como essência um ser espiritual — a mônada — que é quem evolui e desenvolve faculdades.

No ser instintivo, as funções vitais são exercidas por disposições íntimas que se sucedem ciclicamente, em fases nas quais ele se

sintoniza com os estímulos e responde. É o caso do cio nos animais: é só aí que eles se reproduzem, sob o domínio do instinto.

Já no ser humano a ação deixa de ser impulsiva, para tornar-se racional, refletida: dependente do pensamento, da vontade e da razão. "...*O instinto é uma inteligência rudimentar que difere da inteligência propriamente dita, em que suas manifestações são quase sempre espontâneas, enquanto que as da inteligência são o resultado de uma combinação e de um ato deliberado.*"

O instinto varia em suas manifestações, segundo as espécies e suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, quer dizer, à vontade e à liberdade..." ((2), n.º 75).

A diferença essencial entre o homem e o irracional é que neste, o estímulo do meio desencadeia a ação. No homem, o estímulo desperta a emotividade, segundo os interesses, desejos e nível conceptual alcançado pelo indivíduo e que denominamos de sintonia, e que se traduz no despertar de idéias — uma resposta mental —, portanto: as idéias que ele possui, sua bagagem espiritual. Nisto atua a vontade: ela refreia a ação que se desencadeia em consequência à produção das idéias, permitindo que a reflexão as submeta ao crivo do seu exame, removendo-as dos escaninhos mais profundos de sua memória, permitindo à mente a sintonização com outras mentes afins, recebendo as instruções amigas dos que o conduzem, recolhendo-lhes os valores, combinando-as no que denominamos de associação de idéias, e avaliando-as em função das experiências vividas até configurar-se a melhor ação correspondente ao caso. Só após isso, a vontade libera o mecanismo que coloca a idéia resultante em ação, tornando a criatura responsável, uma vez que esta ação resultou de sua ponderação e escolha. Antes de agir, prefigura a ação.

Por isto se diz que, no homem, a ação é refletida e no animal, instintiva.

O resultado, fá-lo colher as conseqüências, que ele sopesa, pela meditação, novamente em intercâmbio com mentes afins, mas sempre assistido pelo Plano Maior que o conduz, agora, mentalmente, respeitando-lhe o livre arbítrio.

É na experiência que o homem avalia seu agir, seus interesses, seus desejos, seu direcionamento: o interesse selecionando estímulos, estes gerando a emotividade, que, por sua vez, gera a resposta mental sobre a qual se estrutura a ação, frejada, inicialmente, pela vontade que a submete à reflexão. A reflexão precedendo a ação, esta fornecendo-lhe os elementos para poder ser avaliada e adaptada a esta avaliação, iterativamente, até que, completamente adaptada, se automatize.

O que era resposta intempestiva, mecanismo de reação progressivamente adaptável, frente à solicitações do meio, até tornar-se instinto, na realização final, para a realização das funções vitais, atestando-lhe o progresso, torna-se, agora, idéia consciente: às disposições

íntimas, que se sucediam ciclicamente, se superpõe o interesse, o desejo, a meditação, a reflexão, a conceituação, o prazer de realizá-las e sua conseqüências. “...O impulso que lhe surgia na mente embrionária, por interesse acidental de posse, ante a necessidade de alimento esporádico, é agora desejo consciente. E, sobretudo, o anseio genérico instintivo que se lhe sobrepunha à vida normal, em períodos certos, converteu-se em atração efetiva constante.

Aparece, assim, a sede de satisfação invariável como estímulo à experiência e prefigura-se-lhe n'alma a excelsitude do amor encravado no egoísmo, como o diamante em formação no carbono obscuro... ((1), Cap. XIV)

2 — PRÓDROMOS DA IDEIA MORAL

É perfeitamente compreensível que a vontade de prazer e de poder sejam os primeiros desejos e interesses a se instaurarem no âmago do ser. Mas o homem, “...constrangido a aceitar os princípios da renovação e progresso, refugia-se no amor-egoísmo, na intimidade da prole, que lhe entretém o campo íntimo, ajudando-o a pensar...

...Vê, instintivamente, que não pode mais se poder guiar pela excitabilidade dos seus tecidos orgânicos ou pelos apetites furiosos herdados dos animais...

...Desligado lentamente dos laços mais fortes que o prendiam às Inteligências Divinas, a lhe tutelarem o desenvolvimento, para que se lhe afirmem as diretrizes próprias, sente-se sozinho, esmagado pela grandeza do Universo.

A idéia moral da vida começa a ocupar-lhe o crânio...

...Abraça os filhinhos com enternecimento feroz, buscando a solidariedade possível dos semelhantes na selva que o desafia.

Mentaliza a constituição da família e padece na defesa do lar... ((1), Cap. X)

A vida moral, o desenvolvimento do amor iniciam-se-lhe na experiência sexual, porque é dela que nascem as primeiras formas de associação consciente com o semelhante, o fundamento da sociedade — a família —, o despontar dos sentimentos de amizade, solidariedade, auxílio mútuo, entendimento recíproco.

É da experiência sexual, assim como da Terra, misturada aos detritos, por vezes repelentes do adubo, que as sementes do amor desabrocham, espoucando nas suas aparições repletas de beleza e perfume, esparzindo motivações de elevação e sublimidade.

Compreende-se como neste fenômeno de associação de indivíduos, do mútuo permutar de idéias e concepções, se possam estabelecer “...os processos simbióticos, dentro dos quais se efetua a influência das inteligências desencarnadas que tomam alguém para instrumento de suas manifestações.

Muitas vezes, essa ou aquela individualidade, ao reencarnar, traz nos seus próprios passos a companhia invisível dessa, ou daquela

entidade com a qual se mostra mais intensamente associada em tarefas e dívidas diferentes... ((3), Cap. XVII)

3 — FILHOS ADOTIVOS

Que a questão sexual seja uma das causas provocadoras dos maiores desequilíbrios, os propiciadores da maioria dos outros vícios, é um fato que reside na falsa conceituação que se construiu a respeito.

Antes de tudo, o Cristianismo dogmático situou o sexo não como expressão do Espírito, mas como mero apetite material, a matéria entendida com faculdades próprias, geradoras do mal, justificando-o somente desde que licenciado pelas suas fórmulas sacramentais e dirigido à procriação. Aliem-se a isto todos os falsos conceitos relativos à mulher, quase sempre tida uma matriz reprodutora, ou objeto sexual, ignorada sua posição de Espírito em evolução. Pois do mesmo modo que dissemos em relação aos conceitos de vida, idéias erradas produzem desvios de comportamento, desequilíbrios que teremos de corrigir em seguida.

Pois o livro “Sexo e Destino” é um retrato fiel da mentalidade comum vigente em nossos dias e de suas conseqüências. Estudá-lo, é situar-se no âmago das questões que tanto nos infelicitam.

Prosseguindo na narrativa, que já condensamos nos capítulos anteriores, André Luiz revela o estado íntimo de Marita: o sentimento que a torturava era o de ser filha adotiva de jovem suicida — Aracélia —, ex-empregada dos Nogueira, que a criaram como filha, até a idade de 11 anos. Foi aí, na festa do término do primeiro ano escolar, nove anos antes, que Dona Márcia lhe contara, mudando o próprio comportamento. Ela que se considerava membro daquela família: Márcia, a mãe; Marina, a irmã; Nogueira, o pai, viu-se, de súbito, confranger-se a alma “...como se implacável bisturi lhe retalhasse os nervos... o olhar diferente de Dona Márcia... A revelação inesperada ferira-lhe o espírito, à maneira de pedra contundente. Esvaecera-se-lhe, de improviso, a alegria infantil...

... — Você deve crescer sabendo tudo, melhor saber hoje, que amanhã... Dona Márcia decididamente empenhada em falar-lhe sem a menor manifestação do efusivo amor que lhe caracterizava os gestos de outras horas... racionava afagos, qual se quisesse traçar, dali em diante, severa fronteira entre ela e a família...

... — De minha parte...” diz André Luiz: “...nunca registrara uma dor de criança, assim, tão funda...

...transfigurara-se-lhe a vida. Perdera, de todo, a espontaneidade...” Só o “...pai adotivo... se lhe confirmava mais terno...”

Grande problema este, o da adoção, para a maioria daqueles que, não se interessando pelo cultivo da oração, ou do estudo, nem do serviço ao próximo, adotando filhos, não sabem estender-lhes o amor de pais, presos que se encontram a preconceitos de sangue, de

carne da própria carne, desconhecedores da lei da reencarnação que, derrubando-os todos, só consagra o relacionamento entre os espíritos.

A adoção, embora possa não parecer, não se dá ao acaso, como nada o está. Fazê-la é apenas uma outra forma de assumir a genitura, previamente estabelecida no Plano Espiritual, os compromissos tendo a mesma significação e valor. Trata-se dos mesmos fatores que nos ligam a Espíritos, com os quais temos tarefa comuns a desenvolver, na edificação da solidariedade, fraternidade e benevolência perenes.

O que importa, não é a forma pela qual eles se juntaram a nós; mas o que construímos com eles, em termos de afeto, compreensão e educação.

Em ((4), Cap. XXVI), André Luiz narra como a reencarnação de Desidério, como filho de Amâncio e Brígida, um trio que deveria enfrentar a prova, “. . . para adquirirem a luz do amor recíproco, em regime de esquecimento do passado. . .” se efetua pelo nascimento de Desidério em lar humilde, do qual seria enjeitado, “. . . sem que os antigos associados de luta precisassem esperar por ele em futura reencarnação, por valioso ganho de tempo, com o amparo da Providência Divina. . .”

Marido e mulher, que o teriam como filho, “. . . estavam encerrando valioso ciclo de provas regeneradoras no mundo e não conseguiriam sustentar-se, na frágil armadura de carne, por muito tempo. Desidério ser-lhes-ia o rebento derradeiro, antes da desencarnação, e aos dois amigos espirituais, erigidos ao encargo de guardiães, caberia o santo dever de criar circunstâncias pelas quais o recém-nato entrasse no lar do velho casal Terra, na posição de filho adotivo. . .”

A adoção, enfim, utilizada como recurso para uma genitura necessária, que não tinha condições de realizar-se pelos trâmites normais. Um fato que só a Doutrina Espírita pode explicar.

Portanto, nas adoções, perante um mundo no qual a ignorância em relação aos verdadeiros acontecimentos da vida, permanece ainda generalizada, não é recomendável que os pais revelem aos filhos essa condição. Por mais que os pais se esforcem em esclarecer que, para eles, não há distinções, a ignorância das pessoas que os circundam será sempre motivo de instauração de aflições. Sempre haverá o momento em que um filho adotivo, diante de uma reprimenda, uma coerção disciplinar, que não entenda momentaneamente, feita com os melhores propósitos educativos, imergirá na dúvida de que se fora filho legítimo, certamente, não seria tratado daquela maneira; o que poderá constituir-se em perigosa ameaça de bom relacionamento, quando não o surgimento de um verdadeiro abismo entre eles. Faz-se necessário muito amor entre todos, muita compreensão e, acima de tudo, muita afinidade, de tal modo que a reunião não seja de prova, para que isto não aconteça.

Não há necessidade de revelar a situação, a não ser em casos excepcionais: não há situações absolutas. O que deve prevalecer é a honestidade de propósitos. Nem que se diga que se deve viver a

braços com a verdade, pois, quando se faça da adoção um compromisso de devoção irrestrita, exercendo a paternidade e a maternidade sem reserva, com entrega total, não estaremos faltando com ela. Ao contrário, estaremos a não exaltá-la, como se não fosse um dever e uma obrigação.

Não se pode tirar a uma criança algo que lhe foi doado; muito menos a filiação. Seria como retirar-lhe, repentinamente, o amor, o maior bem que entende pertencer-lhe.

“. . . Marita desdobrou-nos à vista uma cena enternecedora e inesquecível. . . nunca registrara uma dor de criança, assim, tão funda. . .”

“. . . Quando a esposa de Cláudio a deixou em pranto desconsolado, viu a cadelinha da casa, magra e anônima, que Marina (a irmã), semanas antes, recolhera na rua. O animalzinho abeirara-se dela, como se lhe aderisse à mágoa, lambendo-lhe as mãos. Ela, por sua vez, retribuira-lhe a carícia, qual se transferisse toda a carga de amor que acreditava lhe fora restituída naquele instante, por Dona Márcia, e, chorando, abraçou-se à cachorrinha afetuosamente, gritando num desabafo: — Ah! “Jóia”, não é só você que foi enjeitada! Eu também. . .”

“. . . A partir da revelação que não mais se lhe desencravou do cérebro, conjecturava-se diminuída, lesada, dependente. . .”

4 — PORQUE SOFREMOS

Nossas desgraças estão relacionadas à falta de sentimentos que deixamos de aprimorar. Somos cegos, surdos e mudos, diante da dor alheia. Vivemos concentrados em nós mesmos, à cata de satisfações, prazeres, posses, com uma insaciedade incontida, indiferentes à dor, à penúria, à necessidade que nos rodeia.

Raros são os momentos em que, num reluzir de manifestação amorosa, raro como um relâmpago em época de estiagem, estendemos a mão para propiciar algum benefício, numa expansão luzidia, que, se não for aproveitada prestamente, esfuzia-se com a rapidez de uma faísca.

Quando nos defrontamos com uma deficiência física, por acaso fá-la-emos objeto de chacota? Será correto torná-la motivo de ridicularia? Se alguém, em circunstância infeliz, padece uma queda, estaremos nós, por acaso, a censurar-lhe o descuido, ou a invectivar-lhe que deveria ter-lhe acontecido algo pior, pela desatenção, sem socorrê-lo ou ajudá-lo a recompor-se?

Pois com os defeitos morais, a situação é a mesma. Por que rir-se ou maltratar um infeliz, quando o desequilíbrio se lhe estampa no rosto, quando a loucura transanda de seus olhos, ou quando a fraqueza lhe imbeciliza a expressão?

Quando Jesus exortava a não julgar, certamente não se referia ao exercício legítimo da justiça, na prevenção do crime, na proteção do bem contra as arremetidas do mal, contra as investidas da insani-

dade. Referia-se ao respeito que devemos às criaturas, ao nosso semelhante em geral, sem fazer, do apontamento de suas deficiências, uma arma contra a própria integridade moral.

5 — A NÃO-VIOLENCIA

É questão diária, hoje, comentar da violência, que grassa por aí, da inoperância da polícia contra os criminosos, atribuindo-a ao impedimento que a justiça lhe impõe, devido à campanha das hostes religiosas que pleiteiam o respeito aos direitos humanos dos falidos: a não-violência, o trato magnânimo. E os comentários que mais se ouvem são os de que cuida-se dos direitos humanos dos degenerados, mas não se cogita dos direitos humanos de suas vítimas, muitas vezes constituídas de jovem mãe e filhos atirados à rua da amargura, sem recursos, porque um facinora lhes matou o sustentáculo de suas vidas. E que este é quase que premiado, pois com essa estória dos direitos humanos lhe são garantidos o abrigo e o sustento, enquanto as vítimas são deixadas ao Deus dará. E que deveria permitir-se a violência, a matança, a tortura, a pena de morte, para estes delinquentes que tanto mal produzem.

A reencarnação nos ensina que há homens maaldosos, verdadeiros demônios, que não podem permanecer em liberdade pelos males que são capazes de provocar, já nascendo nessa condição. Assim como o lobo: ele é criatura de Deus, mas não pode viver entre cordeiros. Quando isto se caracteriza, sem dúvida a justiça deverá baní-los da vida comum, afastando esses infelizes, verdadeiros loucos, em locais adequados, nos quais, se não houver possibilidade de recuperação, pelo menos ficarão impedidos de praticar o mal de que são capazes.

À semelhança daquelas miseráveis criaturas abrigadas em casas como as de André Luiz, verdadeiros rebotalhos no extremo da idiotia, para os quais nada há a fazer senão mantê-los vivos, numa vida aparentemente inútil, embora não a seja para eles. E, é evidente, do mesmo modo que a estes, sem cogitar sequer de tirar-lhes a vida, pois isto não resolveria o problema: apenas o postergaria. Um ônus para a sociedade, sem dúvida; mas um sacrifício que diminuirá, à medida que nos humanizemos mais, que nos desenvolvamos mais na prática das leis da cooperação e dos auxílios mútuos.

Sem pena de morte. O homem deve banir de uma vez por todas a idéia de matar; mesmo os animais. Matar é intervir na oportunidade da reencarnação oferecida ao indivíduo, a quem foi concedida por ser necessária. Este é um âmbito de decisão vedado ao homem, mesmo porque a morte não existe; há sim a desencarnação que, se forçada, transfere o problema sem resolvê-lo.

Se, como diz o Irmão X, a matança dos animais já é causa de obsessões, que não será a matança de nosso semelhante?

Certamente, o bem não pode permitir que o mal lhe comprometa as realizações: mas deverá fazê-lo buscando, descobrindo e usando

sempre novos meios, estribados na não-violência, a característica fundamental de todo homem amante a Deus.

Porém, uma observação final. Se o que lamentamos sinceramente é a falta de respeito dos direitos humanos às vítimas dos celerados, para os quais se o propugna, achando que estes não o merecem só porque os outros não o têm, não é o caso de dizer que estamos colocando mal o problema? A questão não está no não-reconhecimento desses direitos aos criminosos, mas no da existência de que eles sejam considerados para estes, aos quais eles não são reconhecidos. O que há a fazer, é levantar uma cruzada contra o abandono daqueles que, tendo sido vítimas destes infaustos acontecimentos, estão sendo relegados ao esquecimento.

Ou defenderíamos a idéia de que negando-os aos bandidos, tudo estaria bem?

É evidente que devemos estender a todos a garantia dos direitos humanos; e se já se luta para que se os reconheça, para os que sofrem violências por tê-las cometido, com muito maior razão deve-se propugnar para que eles sejam garantidos aos que lhes foram simplesmente vítimas.

Mais um ônus para a sociedade? Não há outro meio. E não é o único, pois se ela quer constituir-se forte e sadia, próspera e equilibrada, não lhe restará senão que arcar com vários outros: o da erradicação da miséria, das doenças, do desemprego, da improdutividade, da ignorância, dos males que afligem a humanidade, seguindo a exortação do Divino Mestre, quando pedia: "*Ide, pregai, curai, ensinai, ressuscitai os mortos, . . .*", a fim de que o Reino de Deus se instaurasse na própria Terra, hoje ainda isenta dele.

a) — BIBLIOGRAFIA

- (1) — André Luiz: *Evolução em Dois Mundos*
- (2) — Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*
- (3) — André Luiz: *Mecanismos da Mediunidade*
- (4) — André Luiz: *A Vida Continua*

b) — LEITURAS COMPLEMENTARES

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c) — PERGUNTAS

- 1.^a — Qual a diferença entre reflexo e instinto?
- 2.^a — O que é ação refletida?
- 3.^a — O que é sintonia?
- 4.^a — Por que o homem é responsável por seus atos?
- 5.^a — Por que a vontade de prazer e de poder são as primeiras manifestações do ser, ao ingressar no reino hominal?
- 6.^a — Como a idéia moral se inicia no homem?
- 7.^a — Qual a razão de ser de nossas desgraças?
- 8.^a — Interprete o "Não juígueis".

- 9.^a — Lombroso afirmava que o homem nasce criminoso. tese esta aceita em todos os códigos penais. Opine.
 10.^a — Que pensa acerca da pena de morte?
 11.^a — Por que defender a não-violência?

d) — PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel — *Seara dos Médiuns*

Estudar e pôr em prática os capítulos: “Revelações” e “Preconceitos”;
 “Problema Contíguo”.

e) — AULA PRÁTICA (65 min)

Título: *As Leis da Evolução do Espírito*

1.^a PARTE: Recomendações para a aula (2 min)

Emmanuel: “Justiça Divina” — *Sabes Disso*, (pág. 51)
 A2, A3, A4. Os mesmos de sempre.

2.^a PARTE: O Trabalho (30 min)

Nossa vida sempre se pautou pelas crenças que alimentamos. Hoje, o que predomina é o espírito racional, científico, destituído de crenças. que é o que embasava as Religiões.

Dizemos, entretanto, que o Espiritismo é Religião. Sem dúvida, porque descobrimos os fatos que a justificam e a eles aplicamos o método das ciências. Assim sendo, o Espiritismo também é Ciência. Mas, é também Filosofia, porque toda doutrina relativa ao homem não pode deixar de adotar uma filosofia de vida, porque ele não está sujeito somente à lei de causa e efeito, mas também a valores. Sua Filosofia é a ditada pelos Espíritos a Kardec, no “O Livro dos Espíritos”.

Ao contrário dos materialistas, que afirmam a existência única da matéria; dos espiritualistas, que concluem pela só existência do espírito; a filosofia espírita afirma a existência de três princípios distintos. Deus, espírito e matéria — Deus, o criador, o princípio das causas, criando os Espíritos do espírito; os mundos e as coisas, da matéria; os Espíritos sujeitos à lei da evolução: os mundos e as coisas, sujeito às leis das transformações.

Os Espíritos evoluem atuando sobre a matéria, cooperando nas obras da Criação e entre si. A reencarnação, conseqüência da lei da evolução. O princípio que rege a vida, um princípio de ordem e harmonia, com um fim pré-estabelecido, mas a nós desconhecido, segundo o qual os Espíritos devem conduzir-se pelas leis da cooperação e dos auxílios mútuos.

O erro fundamental de nossa época repousa neste desconhecimento: acredita-se que o que rege o mundo é um princípio de luta, de adaptação e de sobrevivência dos mais aptos. Isto gera os desequilíbrios e a violência que campeiam em todo o lugar. A isto se acresça um falso conceito de liberdade absoluta, preconizado para o homem, causador principal de um estado generalizado de angústia, de anarquia e de terríveis obsessões.

POSSESSÃO PARTILHADA

I — SABEDORIA E AMOR

“Sabedoria e Amor — diz Emmanuel — são as duas asas que elevarão o homem aos cimos da Espiritualidade.”

Sem que nos adentremos nos diferentes significados que a Filosofia tem atribuído, ao longo do tempo, à palavra Sabedoria, entenderemos, com ela, adiantamento intelectual — o campo da experimentação e do raciocínio, compendiado na Ciência e na Filosofia.

Entretanto, fazemos uma distinção entre Cultura e Sabedoria, no sentido de que Cultura e Conhecimento se relacionam às concepções atualizadas sobre os assuntos, mutáveis e variáveis, caracterizados pela instabilidade, enquanto, por Sabedoria, entendemos o saber pertencente àquela camada mais profunda da sapiência, que se estabiliza, se identifica com as leis da vida e “. . . que a alma vai armazenando no seu caminho, em marcha para a vida imortal. . .” ((1), perg. 197): a iluminação que nos rege a ascensão, por indicar-nos a correta conduta.

E, por Amor, o adiantamento moral, o domínio do sentimento, cuja edificação e iluminação, conduzidas pelo Plano Maior, através da Revelação profética ou mediúnica, é tarefa da Religião.

Sabedoria e amor evoluindo, ambos estribados na Educação que, no que se refere a Sabedoria, adquire o significado de aquisição de experiência, realização de aprendizado, aperfeiçoamento de raciocínio; e no que se refere ao Amor, toma o sentido da extensão da compaixão, da solidariedade, da confraternização, da bondade, da “. . . gentileza e da afabilidade a. . . reger o campo das boas maneiras. . .” ((2), n.º 21)

Pois, seja em termos de Sabedoria, no adestramento das faculdades racionais do espírito, seja em termos de Sentimento, no respeito e na elevação do trato com o semelhante, em matéria de sexo permanecemos no mais absoluto primarismo, apesar dos movimentos científicos que, por seu divórcio do sentimento, têm contribuído somente para ampliar a criação dos mais vastos desequilíbrios.

2 — O ASSUNTO SEXO

Retornando ao caso de Marita, ((3), Cap. VII), como a imensa maioria, vêmo-la “...sozinha em assuntos do seu sexo... necessitada de instruções para a vida íntima...”, relegada ao insulamento por mãe e filha, a irmã adotiva, que, “...Ambas, unidas, completavam-se em pequeninas torpezas para deprimi-la e humilhá-la...”

Aos dezessete anos, iniciou-se em atividade comerciária. “...Vira-se, depois, atirada aos embates do sentimento. Ligações novas, idéias renovadas...”

Em matéria de amor “...circunscrevia os conhecimentos aos romances em que cinderelas anônimas acabavam nos braços de príncipes...”, coadjuvados pelas notórias referências tão ventiladas entre os jovens que se instruem entre si nas ruas, informando-se em uma farta messe de informações veiculadas por todos os meios de divulgação que, hoje mais do que nunca, exaltam a liberdade na excitabilidade da carne, numa pseudo justificação científica, que coloca, na experiência incondicionada, o método exclusivo para a descoberta de novas formas de relacionamento, as existentes tidas por superadas, as novas edificadas sem Deus, numa adaptação às leis da vida, apresentadas de tal forma como se as ciências dos últimos cem anos tivessem resolvido todos os mistérios do mundo, e explicado definitivamente o homem.

“...O destino, entretanto, escarnecera-lhe da inocência...”

A princípio, um colega, noivo de uma amiga, revelou-se com propósitos infelizes. Repudiando-o, passou a ser hostilizada por ele, em serviço. Logo mais, o sobrinho do chefe, recém-casado, “...pretendeu arrancar-lhe atitudes inconfessáveis. Angariara inimigo novo e amargara preterições...”

Enquanto isso, Marina “...alcançava diploma de contadora...”, ganhando mais e gastando desajuizadamente.

Enfim, Marita encontra o amor. A lembrança do ser amado “...desanuviou-lhe o firmamento íntimo...”

“...Clareou-se a aura de tal modo, ao refletir o rapaz, que o fenômeno induzia às mais belas apreciações de entusiasmo poético. Vaso pensante que incorpora o privilégio de esculpir-se e alindar-se, à vontade, para encerrar a flor predileta. Lago consciente, mantendo a faculdade de esconder, de inopino, todos os detritos de suas águas, metamorfoseando-se em espelho suave e cristalino para retratar uma estrela...”

Tratava-se de Gilberto, a quem se dera, com a “...passividade da fonte que se entrega ao sedento...”, e que lhe prometera casamento.

Mas, cedo, ele se enfatiara. Percebeu que “...ambos, precipitados à forma do prazer, haviam colhido, antes do tempo, a flor da felicidade que parecia frustra...”

O engano de tantos, incitados pela tão decantada literatura erótica, que renova a exaltação da resposta aos impulsos, como se não fosse do homem sopesar o ato, na preambular reflexão. Apregoando uma liberdade absoluta que não é escolha refletida, mas redespertamento de instintos, de resposta espontânea a impulsos, reavivando forças inferiores, sempre reativáveis pelas experiências de vidas passadas, não fazem senão que conduzir a enganos, repetir estados amargosos.

Tratava-se do filho de Nemésio Torres — pai e filho — com os quais Marina, a irmã, dividia-se, inconseqüente.

3 — POSSESSÃO ESPONTÂNEA

Ensimesmada nestes pensamentos, Marita encerrara-se em seu quarto entregando-se a eles, através dos quais André Luiz, em prestação de assistência, lhe fazia a anamnese, acolhendo-lhe as reminiscências.

Repentinamente, Cláudio bateu à porta, secundado por um dos “...companheiros desencarnados que lhe alteravam a personalidade...” já “...em possessão partilhada...”: um aspirando “...aos objetivos desonestos do outro, completando-se... na divisão da responsabilidade em quotas iguais... dois seres num corpo só...”

“...O hipnotizador (o desencarnado) ...senhoreava-lhe sentimentos e idéias, enquanto ele se deixava prazerosamente senhorear...”

“...Dois espíritos exteriorizando impulsos aviltados, completando paixões idênticas na mesma tônica da afinidade total...”

No dono da casa “...a incorporação mediúnica, espontânea e consciente, positivava-se em plenitude selvagem. O fenômeno da comunhão entre duas inteligências... Para nós (André Luiz e Neves) ... não se instituíam apenas em formas-pensamentos... mas as vozes de ambos em diálogo, claramente perceptível...”

Como dois bons amigos que, juntos, se preparam para uma façanha igualmente alentada, ou como dois comparsas associados num pacto de improbidade. Como diz Emmanuel em ((2), Cap. 27): “...Não há... obsessão unilateral. Toda ocorrência desta espécie se nutre à base de intercâmbio mais ou menos completo. Quanto mais sustentadas as imagens inferiores de um Espírito para outro, em regime de permuta constante, mais profundo o poder da obsessão, de vez que se afastam da justa realidade para o circuito de sombra em que se entregam a mútuo fascínio... Quanto mais nos rendamos a essa ou àquela idéia, no imo de nós mesmos, com maior força nos convertemos nela, a expressar-lhe os desígnios.”

É assim que se formam estranhos desequilíbrios que, em muitas circunstâncias, concretizam moléstia e desalento, aflição e loucura, quando não plasmam a crueldade e a morte.

Toda obsessão começa pelo debuxo vago do pensamento alheio que nos visita, oculto. Hoje é um pingo de sombra, amanhã linha

firme, para, depois, fazer-se um painel vigoroso, do qual assimilamos apelos infelizes, que nos aprisionam em turbilhões de trevas.

Urge, pois, que saibamos fugir, desassombrados, aos enganos da inércia, porque o espelho ocioso de nossa vida em sombra pode ser longamente viciado e detido pelas forças do mal que, em nos vampirizando, estendem sobre os outros as teias infernais da miséria e do crime.

Dar novo pasto à mente pelo estudo que eleve, e consagrar-se em paz ao serviço incessante, é a fórmula ideal para libertar-se de todas as algemas, pois que, na aquisição de bênçãos para o espírito e no auxílio espontâneo à vida que nos cerca, refletiremos sempre a Esfera Superior, avançando, por fim, da cegueira mental para a Divina Visão. . .”

A cena observada do plano espiritual era constringedora.

“... Magnetizador e magnetizado denotavam sensualidade do mesmo nível. Discorria o obsessor, comovendo-o (a Cláudio, o pai), no intuito de arruinar-lhe os restos do escrúpulo, através da emoção: . . . Aquela era a mulher magnética que lhe correspondia. . .

... Filha? Apenas mulher. . . e toda mulher estima render-se, em trabalhosa porfia. . .”

Cláudio sabia do acontecido entre Marita e Gilberto. Soubera-o, seguindo-os, ciumento. “... Admitia-se com razão para convidar o estouvado a compromisso. . . Todavia, quando se inclinava a pedir conselho de autoridades policiais. . .”, homem de vida noturna, esbarra com Marina “... em recantos do prazer, com Nemésio ou Gilberto. . .

... A princípio atormentara-se. Pai contundido pela licenciosidade em família. Contudo, Márcia, a esposa, ditava os figurinos. Nos primeiros tempos do consórcio emergira entre ambos a muralha da discórdia, da discórdia que lhe emanava do âmago, em ondas torvilhantes de aversão instintiva. . .

De começo, rixas e discussões; depois a indiferença, o cansaço. . . Aventuras unilaterais. . .

... Classificava a filha por mulher livre. . .

... Em casa, três animais inteligentes, dissimulando o desprezo recíproco, através da convenção ou do chiste.

Optou por não denunciar Marita. Preferiu que as circunstâncias a machucassem. Aí ele se voltaria a ela como amante

Mas, engodado pelo obsessor, julgou chegado o momento; insuflado pelo obsessor que lhe exumava as desrespeitosas ilusões, em matéria de ligação afetiva, que ele, Cláudio, embutira na cabeça, desde menino. . .”

E esse é o ponto, sem que o possamos sequer perceber, que abre o caminho às obsessões: à sustentação de falsos conceitos; à ignorância, enfim.

Cláudio, desde menino assimilara a idéia de que a mulher aprecia ser subjugada e de que o verdadeiro prazer reside justamente na conquista, na expugnação. Que “... Flor que ninguém colhe é perfume que se perde. . . Hora de amor desaproveitada vem a ser pétala no estrume. . .

Que há que aproveitar a vida, entendendo, com isto, a concessão aos impulsos propiciadores de prazeres, numa conceituação sustentada por uma falsa educação, própria de nossos antepassados e sustentada apenas pela inobservância das lições que a vida propicia no seu desenvolvimento, não entendendo que a palavra e a ação se incumbem de consolidar as imagens que cultivamos, ou abrigamos em correspondência com as mentes afins. É das lições da vida que devemos reformular os pensamentos, subordinando-os à reflexão, para que, no renovar das experiências não incorramos nos mesmos erros e em situações cada vez mais deploráveis. E reformular pensamentos, renovar idéias significa dedicar-se ao estudo na direção dos atos que se dirijam à produção do bem comum; é elevar a instrução aos cimos de princípio fundamental da renovação, que se realiza nas obras do amor. É elevar a instrução ao nível do amor, idéia consagrada no novo mandamento que a Doutrina nos traz e que é o de: ‘AMAI-VOS E INSTRUI-VOS’.

4 — O CONLUIO OBSESSIVO

Cláudio, insuflado pelo obsessor, explorador consumado das paixões humanas, cedeu-lhes aos comando, abordando a jovem que “... registrou o impacto das forças aviltantes a lhe requisitarem a adesão. . .”, referindo-se a Gilberto, que taxou de pilantra abusador.

Excusava-se Marita, defendendo-o também pelo amor que lhe devotava e pela promessa de esponsalcio que ele lhe fizera; mas, sentia-se tolhida em prosseguir, forçada a silenciar, diante da liberdade das atitudes do pai adotivo e das amargas impressões, que já há tempos vinha colhendo, desconcertada pelos olhares insistentes com que Cláudio a perseguia. Amargurava-se, porque sentia-se filha dele, e não queria sentir-se visada por “... qualquer propósito menos digno. . .”

Mas as palavras, a aproximação, a sensação da presença do espírito obsessor não davam margem a dúvidas: estava sendo encurralada qual presa a ser dominada. Cláudio se declarava um sofredor: a esposa, leviana; Marina, devassa. Ela, Marita, o único alento que ainda lhe enlevava os anseios, rejuvenescendo-o, fazendo-o ansiar pelo momento de doar-lhe o coração.

Não podia mais considerá-la como filha. Aquele rapaz, bem o sabia, não lhe merecia as intimidades que lhe concedera.

E, quando se aproximava o momento culminante de uma violência passional, com André Luiz em prece, solicitando o auxílio da Esfera Superior, surge providencialmente a esposa a quem, disfarçadamente, foram-lhe justificadas situação e atitudes, por uma suspeita

de vazamento de gás, sem que ela sequer viesse a suspeitar do que quer que fosse, mesmo porque vinha com a mente emborcada do propósito de pedir dinheiro.

Marido e mulher se defrontaram: "...nos dois flutuava a desconfiança recíproca..." Duas bocas que se entendiam, duas cabeças que discordavam uma da outra:

— o assunto Marina, a respeito de cujo comportamento, divergiam totalmente;

— Cláudio, a denunciar-lhe a freqüência em casas de regalias noturnas, ora em companhia de homem maduro, ora de jovem;

— Márcia, a desculpá-la, invocando os momentos atuais, bem diferentes dos de outrora, estes sim, impregnados de malícia.

— E o obsessivo a enrijecer a alma do marido "...insuflando-lhe idéias... Manejariam Márcia para alcançar Marita..."

— Cláudio, falando em tom alto para que esta ouvisse: que Gilberto nada queria com Marita, apaixonado que estava por Marina, acusando a esta, para atrair a confiança da afilhada, enquanto esta explodia de mágoa.

Márcia defendia a filha; compadecia-se do sofrimento do velho Torres, amparando-lhe a esposa moritura e oferecendo-se em solidariedade ao esposo atribulado. Ela o sabia; a filha contara-lhe tudo. E se os houvesse encontrado em algum local de entretenimento, nada mais justo do que buscar alegrar-se, para desfazer tensões, recompor forças. Mas, que não permanecesse tão tranqüilo em relação à filha de Aracélia, pois bem sabia das liberdades com que se houvera com Gilberto, e do isolamento que ambos se propiciaram, sem que se pudesse alijar dúvidas. Mas por insistência dela, porque, para ele, a escolhida era Marina. "...O rapaz confessara-se..." Nem poderia ser de outro modo: a diferença de cultura e aquela, enfim, uma enjeitada.

Não que Cláudio aceitasse aquela argumentação. Mas, via aí a oportunidade de atrair a confiança de Marita. Esta ouvia. E lembrava das conversas em que se fazia manifesta sua pequena formação intelectual. Estava aí uma prova. Gilberto desejava pessoa melhor preparada, no que, Marina levava vantagem. Mas, por que lhe abusara da confiança, então? Por ser enjeitada e ignorante? Indefesa? Queria morrer; matar, talvez; ou suicidar-se. — "Ah! nunca imaginara que um coração feminino pudesse encontrar dilemas tão aflitivos, quanto aqueles a que se via largada, de instante para outro..."

Diz André Luiz em ((4), n.º1), acerca da conduta da mulher que a ela cabe "...o apostolado de guardiã do instituto da família, o preservar os valores íntimos, sopesando as próprias deliberações, com prudência e realismo em seus deveres de irmã, filha, companheira e mãe.

O trabalho da mulher é sempre a missão do amor, estendendo-se ao infinito..." Alma em evolução também, caminheira de jornada de rumo aos cimos celestes.

Marita era, entre tantas, outra vítima do atraso humano em termos de amor. Pensava na mãe e a mãe, do outro Plano, retribuía-lhe o apelo, abraçando-a "...com ternura à maneira da única planta que se fechasse sobre a única flor que lhe nasceria..."

5 — ORIENTAÇÃO MALSINADA

Cláudio e Márcia eram tão somente vítimas de uma mocidade mal orientada. "...No mundo espiritual... haviam prometido empregar o prêmio da internação no veículo carnal, edificando a sublimação íntima e corrigindo excessos de outras épocas, através do suor do serviço ao próximo; contudo, imperfeitamente chegados à juventude das forças corpóreas, tinham abraçado paixões que lhes frustravam todas as possibilidades de libertação próxima..." como acontece com a mocidade de nossos dias, induzida por doutrinas estapafúrdias, e a má educação, que o excesso de cientificismo sem Deus lhes inculca, justamente no momento em que, ao redespontarem-se-lhes os impulsos da recapitulação, se defrontam parcos de orientação correta, pela ausência de valores que não lhe foram inculcados.

Como soe acontecer a uma grande maioria, Cláudio e Márcia, "...ao elegerem o dinheiro e o sexo desgovernados por chaves dos próprios dias, nada mais estavam conseguindo que desajustar os fundamentos da tranqüilidade doméstica. Em razão disso, Marina e Marita não obtinham alicerces para a felicidade real..."

...Tamanha se evidenciara a rebeldia de Cláudio que, naquela hora significativa e ameaçadora da existência, não contava, além da Providência Divina, senão com raros amigos. Ainda assim, esses amigos... não se viam com direito a solicitar socorros especiais e... absorvidos por responsabilidades numerosas, achavam-se na contingência de apenas dispensar-lhes auxílios esporádicos, incertos..."

a) — BIBLIOGRAFIA

- (1) — Emmanuel: *O Consolador*
- (2) — Emmanuel — *Roteiro*
- (3) — André Luiz: *Sexo e Destino*
- (4) — André Luiz: *Conduta Espírita*

b) — LEITURAS COMPLEMENTARES

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c) — PERGUNTAS

- 1.ª — O que entende por Sabedoria?
- 2.ª — E por Amor?
- 3.ª — Qual a diferença que se faz entre Cultura e Sabedoria?
- 4.ª — Por que os problemas íntimos ainda não estão sendo resolvidos pela Ciência?
- 5.ª — Qual o erro fundamental da propalada literatura erótica livre?

- 6.^a — A obsessão é um conluio de almas semelhantes ao dos que se associam para fazer malféitorias, ou se engalfinham em lutas ferrenhas, entre si. Explique.
- 7.^a — Como começam os desequilíbrios obsessivos?
- 8.^a — Como evitar as obsessões?
- 9.^a — Por quais idéias, no que respeita a mulheres, havia-se Cláudio afeiçoado?
- 10.^a — Qual a causa principal que dá acesso às obsessões?
- 11.^a — Qual o valor da instrução?
- 12.^a — As razões que os desajustados apresentam, sempre causam a impressão de plausíveis: por que?

d) — PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel — *Seara dos Médiuns*

Estudar e pôr em prática os capítulos: "Sintonia Mediúnica" e "Discernimento"

e) — AULA PRÁTICA (65 min)

Título: *Moral e Violência*

1.^a PARTE: Recomendações para a aula (2 min)

Emmanuel: "Justiça Divina" — *Omissão* (pág. 53)

2.^a PARTE: O Trabalho (30 min)

Na evolução do ser vivo, a inteligência, primeiro, se manifesta na atração e na organização; e, nas primeiras formas do ser vivo, no reflexo; a seguir, no instinto, uma coordenação de reflexos; finalmente na ação refletida do homem, em quem os reflexos e os instintos já não se traduzem em atos, mas primeiro em idéias, no pensamento que, agora, é contínuo. Destas, com a intervenção da razão e da vontade, associadas às que lhes provêm do intercâmbio radiante com outras mentes afins, passa-se à ação refletida, na qual se estabelece a responsabilidade do homem, relativa às possibilidades de livre escolha que o seu estado evolutivo permite.

O homem, ao sentir-se responsável, ao ter que tomar suas próprias decisões, refugia-se no amor da família, cuja formação está relacionada aos prazeres do sexo, e seu bem estar garantido pelos bens que possui. Daí sexo e poder serem os primeiros interesses a constituírem os traços de sua personalidade, deles nascendo, também, as primeiras noções de moral e produtividade.

As ciências naturais, desligadas da noção de Espírito, por não ser esta ainda acessível aos seus sentidos físicos, embora o grande avanço tecnológico alcançado, com a adoção das noções de acaso, de adaptação e de seleção natural dos mais aptos, instituíram como lei fundamental a reger a vida, um princípio de luta, crença esta que passou a constituir-se no fundamento do recrudescimento de nossos males: a violência, a luta de classes, o desequilíbrio econômico, a indiferença, a miséria, o desregramento das forças criadoras...

A reencarnação, entretanto, vem estabelecer com Jesus, que o que rege o mundo é uma Vontade Amante, o que elimina o acaso, subordinando tudo ao governo das leis pelas quais Ela governa; e que as leis que governam o mundo são leis de ordem e harmonia, segundo as quais os Espíritos evoluem pelas realizações e no desenvolvimento constante da cooperação e dos auxílios mútuos, entre si.

Isto é: pelo crescimento em SABEDORIA E AMOR.

EMBATES DE CONSCIÊNCIA

1 — OBTERÁS O QUE PEDE

Cláudio, desajustado, em conluio obsessivo, já em grau de fascinação, com entidade de baixo estofo, experiente, exploradora das fraquezas humanas, urdia plano de libidinagem contra Marita, cuja urdidura e efetivação, sem que esta pudesse esboçar qualquer esforço de defesa, estão narradas em [(1), Cap. XI a XIII].

A consumação dos fatos, entretanto, acarretaria as mais desastrosas conseqüências:

A infeliz menina, ao surpreender-se ultrajada, despenca pela rua a fora, desesperada, em total descontrolo emocional, que a faz vítima de atropelamento, lhe destroça a existência, que apenas se prolonga por poucos dias. Cláudio, surpreendido pela esposa, ouve desta a terrível revelação de que a enteada era-lhe filha, nascida de semelhante procedimento, dele próprio com Aracélia, que, por isso suicidara-se.

Foi como se o mundo desabasse sobre ele, o mesmo acontecendo com o obsessor. Foram ambos acometidos de indizível compadecimento e remorso.

A grande maioria, senão a quase totalidade, alenta sempre a esperança de que, em seus cometimentos, possa ser agraciada com a benevolência divina, ou com a participação dos seres espirituais, na consecução dos próprios objetivos e satisfação dos próprios desejos. Invoca-se Deus até para castigar os nossos desafetos, como se os nossos interesses devessem merecer d'Ele especial deferência. Apesar de nossa evolução, da superação das credices e superstições, na Ciência e na Filosofia, ainda permanecemos, intimamente e do ponto de vista religioso, idólatras, fetichistas, politeístas. As próprias religiões reinantes não conseguiram desvencilhar-se dessa herança, elas mesmas sendo a causa de semelhante situação. Estagnaram no desenvolvimento do monoteísmo e permaneceram atreladas a aspectos mitológicos das crenças, tudo cristalizado pelo Dogmatismo que, com isso, provoca o desmoronamento das instituições religiosas, numa crise universal sem precedentes.

A doutrina dos Espíritos, codificada por Kardec, vem reconstituir a Religião, hoje relegada ao desprezo pela Ciência e Filosofia, como se ela não fosse um dos pilares do desenvolvimento humano, tão importante e indispensável, senão mais que elas, mas liberta desses entraves que lhe tolhem o crescimento e a mantém atrelada às concepções já superadas da infância da Humanidade.

Esta doutrina, antes de tudo, destitui a crença como base da Religião, para substituí-la pelo conhecimento haurido da observação dos fatos mediúnicos. Transforma-a de crença em saber; de fé cega em fé raciocinada, como preferem alguns. Conduz à existência de Deus pelo princípio da causalidade, revelando-O como o Princípio das CAUSAS e do BEM, atuando por leis universais, dentro das quais nos movemos e vivemos. E verificadas a sobrevivência e a comunicação dos Espíritos como leis universais, evidencia as leis que governam as influências mútuas entre encarnados e desencarnados. Em vigília ou no sono, vivemos em permanente contacto com os indivíduos, encarnados e desencarnados, pelo pensamento, estabelecendo, por meio deste, grupos de afinidade.

Em nossos anseios e interesses, sempre estabelecemos associação com outras mentes, influenciando-nos mutuamente, e colhendo os resultados a que eles conduzem, segundo as leis universais que nos regem.

A colimação de certos objetivos é de nossa inteira responsabilidade, de nossa escolha, dentro do grau de liberdade permissível por nosso estágio evolutivo; e sempre os alcançamos, segundo a persistência e fixação com as quais nos empenhamos para atingí-los. E, nisto, sempre arranjamos companhia a pactuar conosco na realização, seja de encarnados ou desencarnados, seja para o bem ou para o mal.

Os resultados estão sujeitos às injunções da Lei.

"Obterás o que pedes" — diz Emmanuel em [(2), n.º 21].

Entretanto, se *"... Sedento, se buscas a água do poço, vasculhando-lhe o fundo, recolherás tão somente nauseante caldo do lodo.*

Faminto, se atiras lama ao vaso que te alimenta, engulirás substância corrupta..."

Obteremos, sim, segundo nossos desejos e com o auxílio dos desencarnados. Mas, como desejamos? O que pedimos? Segundo os interesses que cultivamos, aí se nos define a sementeira e as companhias com as quais nos unimos e obramos. E a colheita lhes corresponderá sem que possamos evitá-lo. *"... Negação cultivada pressagia a colheita de negação"*. Teremos nos outros o reflexo de nós mesmos. Se intentarmos prejudicar a quem quer que seja, teremos prejuízo de volta. Por isto:

"Clareia para que te clareiem.

Auxilia para que te auxiliem...

... Fortaleçamos o bem para que o bem nos encoraje..."

Nisto, se nos evidencia a importância, em nossa vida, do pensamento e a razão principal das causas que nos governam as influências

com as quais nos envolvemos. Pelos desejos, pelos objetivos que colidamos — o âmbito das emoções — oferecemos à mente o material que a nossa razão manipula, preparando a ação. E enquanto trabalhamos as idéias despertadas por nossas emoções, nos sintonizamos com as mentes afins, estabelecendo com elas reflexão de idéias. Para que se nos faça o melhor é necessário que sublimemos nossas emoções, aperfeiçoemos o próprio discernimento, e façamos o melhor. É de nossa pura escolha elegermos, para nossos confidentes, malfeitores ou entidades guias. Com eles, e sob sua influência, caminharemos rumo aos resvaladouros da dor e da perdição ou rumo aos cimos espirituais, segundo a nossa escolha. É nesse sentido, que somos os construtores do nosso destino.

2 — A IMPORTÂNCIA DAS ESCOLAS ESPÍRITAS

A atual sociedade se caracteriza pelo vazio de conhecimentos, interesses e noções religiosas. As noções de vida, de seu significado, seus fins, encontram a imensa maioria distraída ou alheia às suas considerações, até que sobrevenham momentos de dor, de desequilíbrio, de frustração. É nesses momentos que descobrimos não termos preparo para enfrentá-los, estarmos desprovidos de meios que nos aclarem sua razão de ser, o que nos precipita na desesperação, se fizesse em alto mar, com total desconhecimento das correntes que o possam arrastar, das tempestades que o possam colher, das noções básicas de navegação, sem destino, sem meios de comunicação, sem saber o que fazer na menor das emergências, sem qualquer referência sobre a qual tomar decisões. Ou nos entregamos à idéia de auto-destruição, ou recorremos a casas religiosas, em busca de orientação e alento. Dizem, os satisfeitos da vida, que as casas religiosas são freqüentadas principalmente por pobres e velhos. Talvez seja porque é a estes que, com mais freqüência, o desespero e a dor batem à porta. Mas, ninguém está livre disto. É, sempre, o recurso a que todos recorrem, quando acometidos de desesperação.

O que sucede, em nossos dias, é que as casas religiosas, em sua maioria, não conseguem oferecer consolação e diretrizes, incapacitadas que se tornaram para fazê-lo, por sua estagnação — a crise que as assola.

É o que se verifica, também, em muitos Centros Espíritas.

O grande contingente de pessoas que os procura, também o faz em situação aflitiva, quando não, de desespero. Vêm em busca de consolo e orientação, entendendo-se, por consolo, o auxílio imediato, o socorro, a sustentação contra o desfalecimento das forças prestes a ocorrer. É a dádiva de pão espiritual ao destituído de conhecimento acerca dos valores, semelhantemente à porção de alimento que é preciso oferecer ao faminto, destituído de recursos para obtê-la. Mas, só o consolo não basta, assim como não basta mitigar a fome do pedinte: faz-se necessário sustentar as possibilidades, o que só

pode ser feito mediante a recuperação e a habilitação do necessitado, para que ele, por si mesmo, possa prover ao próprio sustento.

Isto requer tempo, esforço e educação.

No campo espiritual, as leis não atuam diferentemente. O consolo fortalece, sustenta: é alimento espiritual para o amparo de nosso equilíbrio; mas não pode ser sustentado por terceiros, indefinidamente. Permanecer em harmonia com as leis regentes, é tarefa de responsabilidade individual. Todos nós temos as mesmas possibilidades. Alcançar o assentamento, o equilíbrio, é condição que não dispensa o auxílio e o apoio alheios; mas, sustentá-los, é desenvolver-se, atingindo a condição de não somente receber, mas de dar; é laboriosidade que nos diz respeito, esforço que não podemos desconsiderar.

E, semelhantemente a qualquer conquista de habilitação, isto exige aprendizado, educação, o que requer tempo, reabsorvendo os ensinamentos de quem já perambulou os caminhos. Ou, como se diz vulgarmente: não vamos reinventar a roda.

Dáí a necessidade de escolas. Porque há uma doutrina a aprender, a entender, a absorver, que, além do conhecimento religioso reformulado, encerra conhecimentos atualizados de Ciência e Filosofia. As pessoas que entendem não haver necessidade delas, que o consolo momentâneo é suficiente, que basta o passe ou mesmo o tratamento espiritual; que não há necessidade de ir além da leitura esporádica e ametódica de singelas mensagens, ou simples tópicos de livros, mesmo importantes, tomados ao acaso, interpretados livremente, isoladamente, desvinculados da estrutura teórica que lhes dá o verdadeiro sentido e os relaciona a todo o conhecimento, estes só prejudicam a divulgação séria, coerente, eficaz e contribuem para que ela se reduza no conteúdo ou, pior, se emoldure de conceitos a ela estranhos, na formação de sincretismos provocados por interpretações errôneas feitas por aqueles que, não tendo o devido preparo, lhe imiscuem conceitos falsos de outras crenças, justamente aqueles que ela vem corrigir. Seria o mesmo que ao estudar uma frase, tomássemos as palavras ao acaso e, isoladamente, lhes quiséssemos aprender o significado para depois juntá-las, na intenção de obter o sentido da frase. Seria muito difícil conseguí-lo, pois, embora ambas, palavra e frase, tenham que ser coerentes, o verdadeiro significado de uso da palavra, na frase, é esta quem o fixa.

O ensino podia ser o da transmissão oral, feito de geração a geração, quando o conhecimento era reduzido e ainda referente à infância da humanidade. A própria transmissão de uma profissão podia ser feita de pai para filho, apenas de um ponto de vista prático, porque a vida era mais simples e as técnicas, primárias. Mas, isto já não pode ser feito hoje, com a vida enriquecida de técnicas avançadas, todas alicerçadas em teorias e conhecimentos mais vastos e de maior profundidade. Reduzir a divulgação a meras palestras ou a explicações desconexas de tópicos isolados, é dar margem ao aparecimento e manutenção de Centros que muito pouco ensinam; quando ensinam, mas que

mais freqüentemente confundem a Doutrina dos Espíritos com as crenças mágicas, relativas ao mundo oculto, cujo único traço de semelhança, com ela, é o admitir a existência dos Espíritos; onde se mascaram credices e superstições com o rótulo de Espiritismo, tornando-se mais prejudiciais que as próprias religiões dogmáticas que, embora em crise, se encontram em estágio mais avançado.

A Doutrina dos Espíritos não é conhecimento que possa ser abordado com leviandade ou superficialidade; mas é um saber que surgiu para reestruturar as sendas religiosas, compatibilizando-as, harmonizando-as com a Ciência e a Filosofia de nossos dias, equiparando-as a todas, na consideração do desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, em consonância com o novo mandamento, trazido pela terceira revelação:

AMAI-VOS E INSTRUI-VOS, que coloca a instrução e o amor em mesmo nível.

3 — EXAME DE CONSCIÊNCIA

Pois o mesmo sucedeu a Cláudio: diante dos fatos, do terrível abalo sofrido com os acontecimentos, cambaleou. “. . .Perante a enfeiteira impressionada, Cláudio ajoelhou-se e, com ele, Moreira (o obsessor) genuflexo. . . Em choro convulso. . . mergulhando a cabeça nos lençóis, gritou, vencido:

Ah! minha filha! . . . minha filha! . . .

Quase no mesmo instante, a frente de Moreira vergou, como se esmagada de sofrimento. . .

. . .ambos faziam, ali, debruçados. . . dois homens que o remorso dobrava em tormento indizível. . .” ([1], 2.^a Parte, Cap. I)

“. . .O esposo de Dona Márcia trazia os olhos marejados de pranto. Partia-se-lhe a alma. . . aquele corpo abatido que a morte espreitava parecia encerrar-lhe o destino. Sentia-se arrasado, a ponto de não lhe importar nem mesmo a confissão de todos os delitos da existência, em praça pública. . .

. . .Conjecturava-se Nogueira às portas da loucura.

Não fosse a resolução de recuperar a filha prostrada, usaria o revólver contra si mesmo. Afigurava-se-lhe o suicídio como sendo a válvula de livramento. . .”

Ao mesmo tempo “. . .colava-se Moreira aos pulmões da triste menina num espetáculo comovedor de paciência e dedicação. . . Enlaçava Marita com a veneração de quem se consagra a uma filha padecente para quem todos os cuidados e todos os carinhos são sempre escassos. . .

. . .Aquele espírito. . . antes áspero e agreste, amava profundamente, porque é preciso amar a alguém, com extremada ternura, para sorver-lhe com alegria o hálito fétido e acaricia-lhe a pele manchada

de escrementos, com o enlevo de quem preserva um tesouro imensamente querido ao coração. . .”

Aqueles dois Espíritos, Nogueira e Moreira, comprometidos na prática de delitos, em estado de obsessão, viam-se de um momento para outro atingidos pela dor e pelo remorso, trazidos à reconsideração de caminhos, à exigência de reparações.

4 — DESESPERO E PRECE

Salomão, farmacêutico e amigo de Marita, viera certificar-se da ocorrência e oferecer seus préstimos. Quiçá, passes. Ele era espírita: poderia convocar um amigo — Agostinho — que, certamente, não se recusaria.

E, desta forma, o pai de Marita entrou em contacto com os princípios religiosos, ele que os havia relegado ao esquecimento. Impressionou-se com as pessoas que lhe ofereceram ajuda, repetindo-se todas aquelas indagações costumeiras, que os leigos se fazem, quando vêem pessoas aplicando atenção e tempo a ocupações, sem qualquer interesse senão o de ajudar.

“...Reconhecia-se enfermo da alma, naufrago que afundava no redemoinho do desespero. . . Queria agarrar-se a alguém, a alguma coisa. Singela raiz de confiança, mantê-lo-ia à margem da queda total! . . .”

André Luiz sugeriu-lhe a leitura do livro com que fora brindado: “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

Assimilando-lhe a indução, consultou o índice, e deteve-se no item do título: “Caridade para com os criminosos”. “...Aquelas sílabas invadiram-lhe o cérebro atribulado quais gazuas de fogo. Sentia-se descoberto por tribunal invisível. . . qualificava-se por malfeitor, foragido da grade. . . estuprador, filicida. . . Carregava a dor irremediável de haver impellido a filha querida à loucura e à morte! . . . Que condenações enfileiraria aquele volume contra ele? Merecia escutar a própria sentença, junto daquela que lhe caíra sob o golpe aniquilador. . .”

Uma expectativa natural pois, embora não religioso, absorvera as noções comuns mais divulgadas do castigo de Deus, das penas eternas para os pecadores, das terríveis sentenças emanadas pela justiça divina, contra os malfeitores.

Mas “oh surpresa! . . . O livro não lhe amaldiçoava a presença. Leu e releu, chorando, aquelas frases que resumavam brandura e entendimento. Identificou-se à frente de um apelo à fraternidade e à compaixão, que não pintava os delinquentes por seres inferiores, ausentes das órbitas do Amor Divino. A pequena mensagem concitava à tolerância e terminava rogando preces, a benefício dos que sucumbem na voragem do mal. . .”

Comoveu-se. “...Percebia que o mundo e a vida deviam estar banhados de profunda misericórdia. . . Aquele primeiro contacto com

as verdades do Espírito fendia-lhe, de alto a baixo, a cidadela do ateísmo; . . .” Entregou-se à leitura até tardas horas e às conjecturas que as noções de Reencarnação e Pluralidade dos mundos sugeriam.

“...A idéia de reencarnação relampejou-lhe na cabeça. Ele e ela remanesciam de experiências anteriores. . . Indubitavelmente, algemados a dominadoras alucinações afetivas, teriam vivido no passado, padecido e chorado juntos! . . .”

“...Naquele momento, algo lhe dizia, na acústica do espírito, que ele, Cláudio, a trouxera, de novo, para o mundo, através da paternidade, a fim de orientá-la com limpeza e abnegação! . . .”

“...Ainda assim não se desculpava. Reconhecia ter agravado os próprios débitos. . .”

Que ele fosse punido; que a vida de Marita fosse trocada pela dele, para expiar no mundo espiritual as próprias faltas e reencarnar mutilado, em expiação. Ou que não a retirassem. Ele dedicar-se-lhe-ia com todas as forças, quaisquer que fossem os obstáculos, a fim de que lhe fossem baldadas as oportunidades de reajuste e reparação. . .

André Luiz sugerira-lhe esperança, para não desertar. Que “...compreendesse que a lei de Deus nunca se expressa sem piedade. . .”

Se nós “...homens imperfeitos, já conseguimos adicionar compaixão à justiça, por que motivo Deus, que é Amor Infinito, haveria de exercê-la implacável? . . .”

5 — MECANISMO DA DESOBSESSÃO

Cláudio transformara-se “...Fundamente enternecido, caminhou na direção da cama e ajoelhou-se à cabeceira. . .” pedindo perdão à filha.

Moreira acompanhou os acontecimentos, comovido, embora não se sentisse tão atingido. Abraçando a Cláudio, “...no intuito de propiciar-lhe reconforto. . .”, diz André Luiz que, embora isso, notara “...que os dois amigos jaziam agora, perto e longe um do outro. Juntos por fora e distantes por dentro. Ombros unidos e pensamentos opostos. . .”

Moreira, “...Identificando o parceiro, tocado no coração pelos sentimentos edificantes que a leitura lhe sugerira, revelava o desapontamento semelhante ao de um pianista que surpreendesse o instrumento favorito com as teclas mudas. . .”

André Luiz, no comenos, certificava-se de que Cláudio “...havia dado um passo adiante e de que o companheiro menos feliz deveria elevar-se no mesmo diapasão para desfrutar-lhe a convivência, senão quisesse perder-lhe a companhia. . .”

Todos os cuidados eram dedicados a pai e filha, enquanto “...Moreira a tudo assistia, no crescente desgosto da pessoa que contempla a agitação e a mudança de sua casa, conturbada em servi-

ços de reforma que não pediu. Lançava ondas de azedia e amargura no sorriso amarelo. Tudo para ele surgia deslocado, revirado... Entre o amigo que lhe fugia ao comando e a jovem, cujo corpo físico se decidia a preservar, sentia-se atônito, desenxavido..."

E é nisto que observamos o mecanismo da desobsessão: a alteração de sentimentos, após os infaustos acontecimentos, que a leitura de "O Evangelho Segundo o Espiritismo" sugerira, modificando as disposições interiores de Cláudio.

O que se observa, e isto vale de uma maneira geral, é

1.º — a criatura, sacudida nos mais profundos recônditos do ser, os pensamentos desgovernados pelo súbito desmoranamento do valor dos próprios interesses e objetivos, até então colimados, a emitir grito lancinante de dor, clamando aos céus por socorro, sentindo-se a mais inútil e ínfima das criaturas. É o primeiro sentimento que avassala a criatura destrembelhada, sugerindo-lhe autodes-truição;

2.º — o socorro a surgir, na figura de André Luiz, que sugere a leitura de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", no qual Cláudio encontra novas esperanças.

Observe-se que não se cita somente o Evangelho; mas o "Evangelho Segundo o Espiritismo", sendo o apelo à fraternidade e à compaixão, a consideração dos faltosos como necessitados de tolerância e ternura — o ensino evangélico — suportado pelas idéias e suportado por nova filosofia, diferente da do dogmatismo cristão, oferecendo ao intelecto um conhecimento novo, causador de uma renovação total de sentimentos.

Ninguém está desamparado. Não há castigo, nem pecado, mas sim falhas de avaliação de comportamento, que sempre podemos corrigir e de cujas conseqüências sempre podemos redimir-nos.

André Luiz conta em ([3], Cap. 1), o que ocorrera com ele, no Plano Espiritual: "... quando as energias me faltaram de todo, quando me senti absolutamente colado ao lado da Terra, sem forças para reerguer-me, pedi ao Supremo Autor da Natureza me estendesse mãos paternais, em tão amargurosa emergência... todos os meus sentimentos se concentraram na prece dolorosa..."

... Ah! É preciso haver sofrido muito, para entender todas as misteriosas belezas da oração; é necessário haver conhecido o remorso, a humilhação, a extrema desventura, para tomar, com eficácia o sublime elixir de esperança. Foi nesse instante que as neblinas espessas se dissiparam e alguém surgiu, emissário dos céus. Um velhinho simpático me sorriu paternalmente. Inclinou-se, fixou no meus os grandes olhos lúcidos e falou:

— Coragem, meu filho! O Senhor não te desampara.

Emocionado... pude apenas inquirir:

— Quem sois, generoso emissário de Deus?

O inesperado benfeitor sorriu bondoso e respondeu:

— Chama-me Clarêncio, sou apenas teu irmão..."

3.º — O desfazimento da sintonia entre obsediado e obsessivo; a mudança de pensamentos, de sentimentos, de disposições íntimas do comandado, a anular como que o campo magnético de atuação recíproca, de ligação mental, pela qual o instrumento já não respondia ao toque do instrumentista.

Moreira "... revelava o desapontamento semelhante ao de um pianista que surpreendesse o instrumento favorito com as teclas mudas..."

É a própria criatura em estado obsessivo que, cansada de sofrer, dispondo-se à compreensão das leis que nos regem, modificando-se intimamente, propicia a debelação de seu estado e a volta à normalidade, ou equilíbrio. Tarefa que o socorrista não pode realizar. A este cabe tão somente entregar-se ao impulso do entendimento, da compaixão e da fraternidade, entendendo que toda ação em favor do próximo é também disposição segundo as leis naturais, que corrobora com o equilíbrio geral, o dele próprio incluso.

a) — BIBLIOGRAFIA

(1) — André Luiz: *Sexo e Destino*

(2) — Emmanuel: *Religião dos Espíritos*

(3) — André Luiz: *Nosso Lar*

b) — LEITURAS COMPLEMENTARES

As dos capítulos das obras citadas no texto

c) — PERGUNTAS

1.ª — Qual a razão da crise atual nas Religiões?

2.ª — O que se quer dizer com "Obterás"?

3.ª — Se sempre alcançamos o que desejamos, em que condição isto se dá?

4.ª — Somos os construtores de nossos destinos: em que sentido devemos entender isto?

5.ª — O que deve-se entender por consolo?

6.ª — Por que a necessidade de escolas?

7.ª — Cláudio sentia-se desprezível e merecedor de terrível condenação. André Luiz intervém em seu auxílio. Como interpreta tudo isso?

8.ª — "A lei de Deus nunca se expressa sem piedade". Explique.

9.ª — O que deveria fazer Moreira para não perder a companhia de Cláudio?

10.ª — Em que consiste o mecanismo de desobsessão?

11.ª — O que significa dizer que não há castigo nem pecado?

12.ª — Como a criatura obsediada pode retomar o equilíbrio?

d) — PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel — *Seara dos Médiuns*

Estudar e pôr em prática os capítulos: "Jesus e livre arbítrio", "Livre arbítrio e Obsessão".

Título: *Possessão Partilhada*

1.ª PARTE: Recomendações para a aula (2 min)

Emmanuel: "Justiça Divina" — *Missões* (pág. 55)

2.ª PARTE: O Trabalho (30 min)

Antes de tudo, coloca-se a distinção entre Sabedoria e Amor: a primeira, relativa ao saber que se identifica com as leis da vida; o segundo, relativo à edificação e iluminação dos sentimentos, ambos condicionados ao estágio evolutivo do indivíduo.

A seguir, mostra-se quão primitivos ainda continuamos em matéria de sexo sob os dois pontos de vista, no exemplo que envolve a família Nogueira.

Marita, crescendo sem orientação, entregava-se às fantasias das cinderelas e príncipes encantados, coadjuvadas pelas falsas loas à liberdade incondicionada, inclusive a sexual. Cedo, porém, depararia com as decepções provocadas pelas abordagens dos conquistadores.

Encontrando o amor, entretanto, cede aos próprios impulsos, com Gilberto, que logo se enfastiaria, acarretando-lhe desengano.

Pior, porém, revelou-se o assédio do pai adotivo que, secundado por companheiro desencarnado, em estado de possessão partilhada: um apoiando os objetivos desonestos do outro, a abordava com intenções que não deixavam margem à dúvida.

(Possessão partilhada porque, ambos, encarnado e desencarnado, partilhando dos mesmos interesses, envolviam-se no mais estreito intercâmbio).

É como se implanta a obsessão: primeiro a idéia vaga a instaurar-se na mente, para depois "...fazer-se painel vigoroso, do qual assimilamos apelos infelizes que nos aprisionam em turbilhão de trevas..." em regime de sintonia.

O pai adotivo conhecia o sucedido entre Marita e Gilberto. Desgovernado e rebelde, convivendo com a licenciosidade em família, que não soubera prevenir, da esposa e da filha Marina, anelava encontrar refúgio nos braços de Marita, valendo-se de sua desilusão, embeuido, entretanto, de idéias falsas em relação à mulher, hauridas e cultivadas desde menino.

Numa primeira abordagem, contra a qual a enteada buscava subtrair-se por todos os meios ao seu alcance, o súbito e providencial aparecimento de Márcia, a esposa, impediu a consumação do ataque. Sem que esta pudesse perceber o que ocorria, passou a gladiar-se com Nogueira sobre o comportamento de Marina, do qual ambos divergiam. Ela justificando-a; ele reprovando-a, com o obsessor a insuflar-lhe idéias a fim de que a conversa fosse ouvida por Marita, e tornasse a ocasião propícia para angariar-lhe a confiança.

Esta ouviu e apercebeu-se que Gilberto a desprezara por Marina que, mais uma vez lhe roubava, assim entendia, o que ela almejava.

E, mais uma vez, Cláudio e Márcia tornavam-se os causadores de mais uma infelicidade, eles próprios que eram vítimas de uma mocidade mal orientada, pela qual elegeram "...o dinheiro e o sexo por chaves dos próprios dias..."

POR QUE DA OBSESSÃO

1 — CARACTERES DA OBSESSÃO

Segundo os Espíritos, a Terra é, ainda, um mundo de expiação. E Kardec, em ([1], Cap. XIV, n.º 45), escreve que "...*Pululam em torno da Terra os maus Espíritos, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes...* devendo-se entender, por obsessão, "...*a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo...*"

Emmanuel esposa o mesmo conceito quando diz que "...*toda obsessão começa pelo debuxo vago do pensamento alheio que nos visita oculto. Hoje é um perigo de sombra, amanhã linha firme para, depois, fazer-se um painel vigoroso, do qual assimilamos apelos infelizes, que nos aprisionam em turbilhão de trevas.* ([2], n.º 27)

Semelhantemente, Philomeno de Miranda diz, através da psicografia de Divaldo Franco em ([3], "Examinando a Obsessão"): "...*Quando você escuta nos recessos da mente uma idéia torturada, que teima por se fixar, interrompendo o curso dos pensamentos... quando constate, imperiosa, atuante força psíquica interferindo nos processos mentais... quando verifique a vontade sendo dominada por outra vontade que parece dominar... acautele-se, porque você se encontra em processo imperioso e ultriz de obsessão pertinaz...*"

Mas esta subjugação não se produz unilateralmente, de forma impositiva, por subjugação, contra a vontade do obsediado, que, neste caso, seria vítima impotente. Mas ocorre bilateralmente, em forma de sintonia mental, pela qual, devido ao cultivo da mesma ordem de idéias, em estado de maquinação ou controvérsia, conluio ou disputa, concordância ou contenda, companheirismo ou animosidade, as mentes se imatam reciprocamente, numa vinculação em que se torna impotente qualquer interposição. É crença arraigada numa grande maioria, que as pessoas podem causar prejuízos a outros, por influenciar, como se afirma na magia e na feitiçaria, sem sintonia mental, com o auxílio de desencarnados que, por sua força, poderiam insinuar-se, dominar a alguém, tornando-o vítima, e conduzi-lo a desastres irremediáveis. Esse poder não existe, caso contrário ninguém estaria livre de ser aviltado, seviciado, indefeso, pelo arbítrio de mentes desequilibradas.

É da lei que a luz dissipa as trevas: uma mente mais iluminada não pode ser afetada por outra que o é menos.

Por mais que, quem quer que seja, quisesse envolver-nos nas malhas da inferioridade, jamais o conseguiria se nós não o permitíssemos, refugiados nos pensamentos de ordem mais elevada, escapando à sintonização com a mesma ordem de pensamentos.

No caso em estudo, Nogueira tornara-se vítima de obsessão até chegar ao estado de possessão partilhada, porque, ao eleger “...o dinheiro e o sexo desgovernados por chaves dos próprios dias...”, entregou-se à rebeldia, permitindo que redespertassem, dentro dele, forças aviltantes, com as quais se comprazia, granjeando com isso a companhia de desencarnados que, em conluio aprazível, passaram a fomentar-lhe os desregramentos.

O acordamento nos mesmos pontos de vista, o deleite no mesmo tipo de emoções, foi o que fixou os liames de companheirismo entre os comparsas. Do mesmo modo que, entre encarnados, as pessoas elege suas relações de convivência, semelhantemente o fazem entre encarnados e desencarnados. E não é fácil intervir. Basta pensar na luta que os pais enfrentam, com os filhos, quando, surpreendendo-os em más companhias, tentam dissuadí-los, buscando altear-lhes os objetivos.

Era o caso de Cláudio. No momento em que ele bate à porta do quarto de Marita, secundado pelo obsessivo, em possessão partilhada, um aspirava aos objetivos desonestos do outro; a responsabilidade cabia-lhes em partes iguais. O obsessivo comandava, mas Cláudio não era vítima; deixava-se senhorear prazerosamente; de forma similar à trama urdida por dois assaltantes, na qual um comanda e o outro obedece, mas ambos imbuídos dos mesmos propósitos criminosos.

Dir-se-á que esse não é o caso do obsessivo que se vingava, por exemplo, contra alguém que lhe tenha tirado a vida; ou quando Espíritos maldosos se comprazem em fazer o mal a alguém que o tenham escolhido como alvo, somente pelo prazer de prejudicar.

No caso de vingança, o ódio, o remorso, o sentimento de revide são todos elementos do mesmo calibre, catalizadores de estado de obsessão; no segundo, há sempre uma brecha, uma fraqueza no obsediado, que possibilita a ligação e quase sempre em regime de acordamento, como aquele que estamos estudando.

Por exemplo, quando André Luiz abordara Moreira pela primeira vez “...para perquirir-lhe os anseios...” o fez “...conversando com espírito de submissão e fraternidade naturais, de modo ganhar-lhe alguma confiança e carinho...”. E conseguiu sustentar conversação até o momento em que solicitou entrar na casa para refazer-se. Moreira se recusou, expulsando-o, violento e ameaçador. “...Nenhuma outra alternativa senão descer escadas...”, diz ele. *Regressei ao acônchego do mar, entrando em prece...*. ([4], Cap.

XIII). Contra o Espírito violento e avassalador não lhe opõe força ou violência, mas compreensão e espírito de paz. O que ao homem comum soa mal. Pois o que ainda está profundamente arraigado na mentalidade comum é o olho por olho, dente por dente — “o não levar desaforos para casa”.

Não que se queira entronizar a falta de coragem na oposição ao mal, ou a poltroneria. Mas o que se quer evidenciar é que, no comportamento evangélico, o que prevalece é o discernimento segundo o qual há que precaver-se, para não deixar induzir-se a cair em níveis de comportamento que se quer evitar ou corrigir. Pois, neles: na contenda, no desrespeito à pessoa, na vingança residem várias causas de obsessão. É quando albergamos tais deformações mentais, que nos enredamos em situações de sintonia com infelizes, podendo ela perdurar por séculos. É o que Félix esclarecia a Neves quando este, revoltado, explodia ao ver o comportamento do genro diante da filha prestes a desencarnar: “...faço força...” — dizia “...mas não aguento... Tenho estudado a ciência do perdoar e servir, tenho aconselhado serviço e perdão aos outros, mas agora... como suportar um homem desses?”

— Calma, Neves... — ponderava Félix — “...Nemésio deve ser entendido... crescimento do corpo não expressa altura de espírito... Não nos cabe condenar alguém por faltas em que talvez possamos incidir... Compreendamos para que sejamos compreendidos. ([4], Cap. V).

Mesmo no campo das idéias, condena-se a contenda, o que não significa que não devamos apontar o erro a bem da verdade; mas apontar erros não é atacar pessoas, nem armar polêmicas.

“...Evita contender...”, aconselha Emmanuel, ao comentar Paulo em II Timóteo 2:24 — “...Ao ser servo do Senhor não convem contender... Foge aos que buscam demanda no serviço do Senhor.

Não estão eles à procura de claridade divina para o coração. Apenas disputam louvor e destaque no terreno das considerações passageiras. Analisando as letras sagradas, não atraem recursos necessários à própria iluminação e, sim, os meios de se evidenciarem no personalismo inferior...

...Os que se incorporam ao Evangelho Salvador, por espírito de contenda, são dos maiores e dos mais sutis adversários do Reino de Deus.

É indispensável a vigilância do aprendiz, a fim de que se não perca no desvario das palavras contundentes e inúteis.

Não estamos convocados a querelar e, sim, a servir e a aprender com o Mestre; nem fomos chamados à entronização do “eu”, mas sim a cumprir os desígnios superiores na construção do Reino Divino, em nós...” ([5], n.º 98)

tarde, por estilhaçar os envoltórios da ignorância em que o Espírito está imerso, reconduzindo-o aos caminhos da evolução.

Há criaturas que, envolvendo-se nas obras do mal, se tornam verdadeiros demônios de maldade e viciação, sem que esta condição, entretanto, seja eterna. Há sempre um momento em que o Espírito se rende ao bem e retoma a caminhada, auxiliado pelos obreiros do bem que, incansavelmente, permanecem em constante auxílio e cooperação.

Caso em que um Espírito endurecido, há mil anos, permanece enredado no mal, está narrado em ([7], Cap. VII, 4)

3 — NASCE-SE PSICOPATA

“...Dos abismos expiatórios, voltam à reencarnação quantos se mostrem inclinados à recuperação dos valores morais em si mesmos...”

Em ([8], Cap. XII), vimos vários casos de Espíritos devedores de encarnações passadas, que são acolhidos para encaminhamento a nova oportunidade no plano carnal. Otávio, por exemplo, abraçaria a tarefa mediúnica, tendo-se preparado para isso, 30 anos no Plano Espiritual.

Reencarnando, em geral, os Espíritos reparecem no plano físico entre aqueles que os induziram à queda.

“...Reaparecem desse modo, na arena física. Mas, via de regra, quando não se mostram retardados mentais, desde a infância, são perfeitamente classificáveis entre os psicopatas amorais, segundo o conceito da “moral insanity”, vulgarizado pelos ingleses, demonstrando manifesta perversidade, na qual se revelam constantemente brutalizados e agressivos, petulantes e pérfidos, indiferentes a qualquer noção da dignidade e da honra, continuamente dispostos a mergulhar na criminalidade e no vício.

Aqueles Espíritos, relativamente corrigidos nas escolas de reabilitação da Espiritualidade, desenvolvem-se, no ambiente humano, enquadráveis como representantes de várias doenças e delírios psíquicos, inclusive aberrações sexuais diversas...”

Quer dizer, ao reencarnarem, trazem os estigmas das tendências inferiores, que lhe provocaram as quedas, e ressumam novamente à evidência, diante dos estímulos do meio, que o espírito em reabilitação deve enfrentar para corrigir e sublimar, nas provas de recapitulação que lhe povoam a existência.

Assim, por exemplo, uma pessoa que, na reencarnação passada, tenha cometido suicídio aos quarenta anos, nesta, também aos quarenta, passará por situações que lhe redespertarão o mesmo sentimento de aniquilação da vida. Se, entretanto, ele tiver reconstruído valores, de modo a suportar a fase, ultrapassará o momento sem reincidir, caso contrário, sucumbirá novamente.

O mesmo sucede com todos os deslizes morais de que o Espírito seja portador, sejam eles de qualquer expressão, maior ou menor.

4 — MÉDIUNS DOENTES

“...Tais enfermos da alma...” e todos os portadores de mazelas, pequenas ou grandes, “...tantas vezes submetidos sem resultados satisfatórios, à insulina, à convulsoterapia, quando recomendados ao auxílio dos templos espíritas, são médiuns doentes, afinizados com os fulcros de sentimento desequilibrado de onde ressurgiram para novo aprendizado entre os homens.

Por certa quota de tempo, são intérpretes de forças degradadas, às quais é preciso opor a intervenção moral necessária, do mesmo modo que se prescreve medicação aos enfermos.

Trazendo consigo as seqüelas ocultas da internação na província purgatorial, de que se voltam pela porta do berço terrestre, exteriorizam ondas mentais viciadas que lhes alentam as disfunções dos implementos físicos, ondas essas pelas quais recolhem os pensamentos das entidades inferiores a lhes constituírem a cobertura da retaguarda...”

O que é geral. Quando as tendências a serem sublimadas afloram à mente, elas constituem o material sobre o qual o nosso intelecto vai operar, cujo resultado faz a mente emitir ondas que influenciam outras afins e são por elas influenciadas, ao mesmo tempo que estabelece o tônus vibratório que nos fixa os estados de saúde física e mental. Enquanto tais tendências não sejam aperfeiçoadas, elas produzirão efeitos indesejáveis, tornando-nos emissores e receptores e, portanto, médiuns de forças degradantes.

5 — SOCORRO CELESTE

“...Forçoso é considerar que a atividade religiosa, digna e venerável, em qualquer setor da edificação humana, exprime socorro celeste aos desajustes morais de quantos se demoram na reencarnação, buscando a restauração precisa...” ([6], idem)

Como já dissemos, à Religião cabe o descortínio das leis que nos mantem em comunicação com o Mundo Maior, o que se fundamenta no aperfeiçoamento dos sentimentos, segundo a moral, indicada por ele, mas que cabe ao homem assimilar pela razão.

“...E compreendendo-se que elevada percentagem das personalidades humanas traz, no imo do próprio ser, raízes e brechas de comunhão, com o pretérito de sombra, através das quais são suscetíveis de sofrer os mais estranhos processos de obsessão oculta — a se

reavivarem, constantes, nos diversos períodos etários que correspondem ao tempo de formação dos débitos cármicos que buscam equacionar no corpo terrestre —, é justo encarar, assim, a oportunidade e a excelência do amparo moral da Doutrina Espírita, como sendo o recurso mais sólido na assistência às vítimas do desequilíbrio espiritual de qualquer matiz, por oferecer-lhes, no estudo nobre e no serviço edificante, o clima indispensável de transmutação e harmonização, para assimilarem a influência benéfica dos agentes espirituais da necessária renovação. . .” ([6]; idem)

Como já dissemos, o ser humano ao ingressar neste mundo, recapitula: no útero, a série filogenética da espécie; na infância, a evolução mental desde as primeiras reencarnações; na puberdade, o despertar das próprias tendências, cujo aparecimento dar-se-á nos momentos que correspondem ao seu tempo de formação. O homem que se tenha suicidado aos quarenta anos em encarnação anterior, nesta, aos quarenta, passa pela mesma tentação, à qual sucumbirá ou não, segundo a reconstrução de valores que tenha efetuado. A morte violenta, quando jovem, pode corresponder a uma ocorrência de algumas encarnações passadas.

Hoje, numa sociedade cientificista, sem Deus, é nesses momentos de dor que as pessoas, buscando uma explicação, não a encontram. Deparam-se com uma Ciência que é vazia a este respeito, e religiões estagnadas, divorciadas das fontes lídimas da Revelação, que, desatualizadas, já não oferecem o sustentáculo que se faz necessário nestas ocasiões. Cabe à Doutrina Espírita, no seu recompor a Religião, nas bases lídimas da Revelação renovada e ampliada — a terceira Revelação — constituir-se na Doutrina consoladora, capaz de ofertar os elementos amplos de recompor as forças de quem pensa sucumbir, fazendo-lhe reencontrar os caminhos da esperança e da redenção.

a) — BIBLIOGRAFIA

- (1) — Allan Kardec: *A Gênese*
- (2) — Emmanuel: *Roteiro*
- (3) — Philomeno de Miranda: *Nos Bastidores da Obsessão*
- (4) — Emmanuel: *Pão Nosso*
- (5) — André Luiz: *Mecanismos da Mediunidade*
- (6) — Rino Curti: *Dor e Destino*
- (7) — Rino Curti: *Mediunato*

b) — LEITURAS COMPLEMENTARES

Ler os capítulos das obras citados no texto.

c) — PERGUNTAS

- 1.^a — Como pode começar uma obsessão?
- 2.^a — Podemos nós ser vítimas dos outros, encarnados ou desencarnados, ao bel prazer?
- 3.^a — O que se quer dizer com: a obsessão é sempre bilateral?

- 4.^a — Disserte sobre o princípio da não-violência.
- 5.^a — Como explica a agressividade de Neves contra o genro?
- 6.^a — *Evita contender!* Estude o comentário em “Pão Nosso” e comente-o.
- 7.^a — Por que nos entregamos, freqüentemente, a certos desvios?
- 8.^a — O que são zonas purgatoriais?
- 9.^a — Que tipo de fiscalização exercem nelas os Espíritos sábios e benevolentes?
- 10.^a — Há espíritos endurecidos no mal. Explique.
- 11.^a — O que se quer dizer com “nasce-se psicopata”?
- 12.^a — Por que os que nascem psicopatas devem ser considerados médiuns doentes?
- 13.^a — Qual o papel da Religião no desenvolvimento do Espírito?
- 14.^a — Qual a importância da Doutrina Espírita?

d) — PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel — *Seara dos Médiuns*

Estudar e pôr em prática os capítulos: “Obrigação, Primeiramente”, “Obsessão e Evangelho”.

e) — AULA PRÁTICA — (65 min)

Título: *Embates de Consciência*

1.^a PARTE: Recomendações para a aula (2 min)

Emmanuel: “Justiça Divina” — *Pai* (pág. 57)

2.^a PARTE: O Trabalho (30 min)

Narra-se, no Cap. IX, das conseqüências funestas resultantes da ação de um obsediado sobre pessoas eleitas para seu alvo. No caso, Cláudio ultraja Marita, vindo a saber, depois, tratar-se de sua filha, tida de Aracélia que, em conseqüência de semelhante ultraje, suicidara-se.

Fato semelhante ocorre com Marita: desesperada, em total descontrolo emocional, e após tentativa malograda de suicídio, é vitimada por atropelamento e recolhida a hospital, em situação irremediável.

Todos esses fatos, naturalmente, são relacionados ao despreparo religioso.

Cláudio alcançara, sem dúvida, o objetivo que se propusera, com o auxílio de desencarnados obsessores.

“*Obterás o que pedes!*” conclue-se; mas a que preço. Somos livres na escolha, mas não podemos escapar-lhes às conseqüências.

Cláudio, ao certificar-se da verdade, também degradingola; sem orientação religiosa, o que lhe acarreta o deslize imperdoável, desorienta-se e a idéia de aniquilamento próprio, de suicídio, alberga-se em sua mente: não suporta o mal causado, muito mais por tê-lo feito à própria filha.

Providencialmente, um amigo de Marita, espírita, o coloca em contato com a Doutrina que, sem condenar, lhe aponta caminhos de redenção. Nem tudo estava perdido: poderia redimir-se, se quisesse.

Daí a importância das Escolas Espíritas. Numa época em que a civilização se guia por doutrinas sem Deus, é a elas que cabe instruir aqueles que, nos embates da vida, no sofrimento, descobrem haver necessidade de preencher o vazio que tais doutrinas deixam, quando o espírito cai em falta.

Sacudido pelo sentimento de falido sem esperança, encontra na leitura evangélica, apoiada nos princípios de reencarnação e evolução, a tábua de

salvação à qual se agarra com o desespero do náufrago, imbuído-se de idéias renovadoras, pelas quais haveria de dedicar-se à filha, nos seus estertores finais, com a mais pura das devoções.

Esta renovação como que opera o desligamento total dos laços que o uniam ao obsessor que, embora também atingido pela rudeza dos acontecimentos, não se renova, e não encontra mais, no comparsa de antes, a sintonização que os unia.

A mudança drástica de pensamentos opera a desobsessão, revelando manifesta seu mecanismo, a única forma de desfazê-la, pois sem isto, ela está infensa a qualquer intervenção.

Neste momento, entretanto, revela-se a bondade das leis divinas, pois que, ao consumir-se o desfazimento dos liames obsessivos, encontra o Espírito o socorro espiritual, não importa qual tenha sido a causa que o impedia, renovando benéfico o regozijo que se estabelece pela recuperação de mais uma alma que se desviara, ao som de:

“Coragem, meu filho! O Senhor não te desampara.”

MEDIUNIDADE E DESOBSESSÃO

1 — TRATAMENTO DA OBSESSÃO

As faculdades do Espírito têm suas raízes nas faculdades do princípio inteligente individualizado — a mônada — tal como é criada pela Suprema Inteligência, resultando no que são, desde a sua origem até o presente momento, pelo progresso efetuado em função do próprio esforço, aprendizado e experiência adquiridos.

A mediunidade, como faculdade, é um aspecto do desenvolvimento das faculdades de comunicação da mônada. Quando pensamos, emitimos radiações, influenciando mentes afins em posição ativa; ou recebemos delas, em posição passiva, de uma maneira que variará a sugestão até o domínio mais completo, dependendo do grau de passividade.

O que denominamos de mediunidade, no seu sentido mais amplo, é esta faculdade que, no intercâmbio entre mentes, faz uma delas tornar-se receptora. Denominamos médium ao receptor; fenômeno mediúnico, ao resultante desta ligação.

No conceito comum de mediunidade, mais restrito, estão implícitos a transmissão de idéias, a razão, a vontade, a liberdade de escolha de motivos e interesses, tudo importando no conceito de natureza humana. Entretanto, não deixa de ser desenvolvimento de faculdades de comunicação inerentes ao ser vivo, existentes em embrião na própria mônada.

As palavras mônada e Espírito têm sido usadas para diferenciar o espírito individualizado nos seres inferiores e no homem, respectivamente. Trata-se de um cuidado que facilita a clareza do entendimento, mas desnecessário, uma vez que os próprios Espíritos utilizam a palavra Espírito, no “Livro dos Espíritos”, indiferentemente, a partir de sua própria criação, na pergunta 80.

Os Espíritos são criados como princípios ativos; os fluidos constituem os elementos passivos sobre os quais eles exercem sua ação. Desta ação, sobre os entes materiais, depende sua evolução, regida por leis de ordem e harmonia e de cooperação entre todos os espíritos: os de menos, igual ou maior grau evolutivo, leis estas que exprimem os imprescrutáveis desígnios do Senhor.

Enquanto nascituros, os Espíritos não possuem qualquer grau de liberdade expressivo: são conduzidos e comandados pelos que lhes antecedem em crescimento. Com o avanço, entretanto, ampliam-se-lhes os graus de liberdade de ação crescente, iniciando-se no livre arbítrio somente no reino hominal. Em qualquer estágio que se encontrem, entretanto, tornam-se capazes de exercer determinadas funções, que executam ao comando de seres que lhes são superiores; haja vista a célula que, como ser vivo, no corpo humano, desponta como animáculo infinitesimal, comandado pela mente e executando tarefas, ou funções das quais se desempenham como seres capazes de efetuá-las.

O que queremos ressaltar, entretanto, é a posição dos Espíritos, uns em relação aos outros. Empenhados em realizações conjuntas, nas quais o resultado depende diretamente da cooperação entre eles, qualquer que seja o estágio evolutivo de cada um, o superior comanda o inferior; o inferior subordina-se ao superior, e a boa realização é o resultado da ação combinada na edificação do bem geral.

Para os seres inferiores a obediência é compulsória: o mundo superior conduz o inferior ao crescimento espiritual, submetendo-o às experiências necessárias, de forma progressiva. Já na fase humana, seres, tendo a seu cargo a própria evolução, são conduzidos pelo Mundo Maior de uma forma que está condicionada ao exercício de sua livre escolha, ou livre arbítrio. A partir de um certo estágio de sua evolução, para nós indefinível, o Espírito passa a exercer comando sobre outros inferiores, enquanto continua a subordinar-se aos que lhe antecedem a jornada. Por exemplo, todo ser vivo que tem um corpo pluricelular, comanda as células que o servem.

A incompreensão desta posição, no concerto da criação, torna o homem um desviado nos dois sentidos: em relação aos que o seguem, pelos abusos, a matança, a exploração desenfreada, engeguecido na satisfação momentânea dos próprios interesses; em relação aos que o antecedem, desconhecendo-lhes as orientações, sempre avultadas pela Revelação, feita através da mediunidade, própria ou alheia, que despreza, quando o alertam de que o bem almejado se encerra no bem da maioria; que o servir lhe é o fundamento, e que a condição mais propícia do receber está no dar. Nestes desvios, abrem-se as portas da obsessão, através da qual, não se dispende a servir como cooperador nas obras da criação, termina por submeter-se a entidades malévolas que o escravizam, tornando-o de explorador a explorado, no sentido mais penoso do termo.

A não intervenção dos Espíritos Maiores, nos casos de obsessão que nos afligem, não é meramente uma questão de impossibilidade. As leis que regem o Espírito são as de que nele está a possibilidade de escravizar-se ou libertar-se, sem que outros possam intervir contra a vontade dele. Quando nos ligamos a outra mente, a fonte das forças de ligação está em nós e é por elas que nos imantamos

mutuamente. A única forma de desfazermos laços consiste em anular estas forças, criadas por nós, o que depende exclusivamente de nosso arbítrio e que podemos realizar desde que modifiquemos o teor de nossos pensamentos. Os outros só podem oferecer elementos de indução que nos cabe aceitar ou não.

Nem sempre a mudança voluntária é fácil. Há casos em que o Espírito permanece séculos atrelado a uma conjugação mental de baixo nível. Mesmo assim, sempre surge o momento da libertação, pois, em falhando toda sugestão libertadora, o sofrimento comparece, como último recurso a remover toda dificuldade.

Conta o Irmão X, em ([1], Cap. 14), de Sinfrônio Lacerda, um eficiente colaborador para os obsediados: solícito e pressuroso com os doentes, porém ríspido e desapiedado com os desencarnados sofrendores ou ignorantes. Nos obsediados via sempre vítimas inocentes; nos *“...transviados invisíveis, os verdugos de sempre...”*

Ao que, um de seus mentores, não raro lhe recomendava maior entendimento. *“...Nem sempre o perseguido está isento de culpas. Os que exibem a carne doente podem ser grandes devedores. . . devo esclarecer-te que não nos cabe olvidar a obrigação de repartir os recursos do auxílio com as vítimas e os algozes, em posições iguais. Por vezes . . . o desencarnado desditoso é mais digno de amparo que o encarnado aparentemente sofredor. . . Não te dirijas, pois às pobres entidades da sombra, com descabidas exigências. . . não excludas a fraternidade e a compreensão. . .”*

Lacerda, entretanto, não alterava seu procedimento, até que certo dia, a própria filha Angelina, de quinze anos, foi acometida de sérias perturbações psíquicas. O pai, sem delongas, iniciou tratamento, mas infrutiferamente. Seus métodos, desta vez, faliam. Certa ocasião, na manifestação do sofredor, investiu-lhe contra, ordenando-lhe o afastamento, e o que conseguiu foi o agravamento do estado de saúde da filha, que prostrou-se em coma. Suplicando o auxílio do mentor, ouviu deste que Angelina estava profundamente unida ao obsessor, desde séculos, tanto quanto ele, e que ele mesmo, em época remota, perturbara-lhe o lar. Agora ambos procuravam-no em busca de equilíbrio. A atitude por eles tomada iria provocar o desencarne da própria filha, a menos que trouxesse a entidade de volta para junto da filha, afetuosamente, orientando-o para o Senhor.

“...ama-o quanto podes...” foi a recomendação, *“...porque só o amor pode curar o ódio...”*.

2 — DESOBSESSÃO

O exemplo de Cláudio é extremamente esclarecedor. Atingido pelo remorso irrefreável de ter sido o estuprador da própria filha, o causador de sua já inevitável morte, como o forra de Aracélia, a mãe

da pobre indigitada, no momento extremo em que, esmagado pelo peso das conseqüências de seus atos, pensa tirar-se a própria vida, eis que se lhe abre no íntimo a brecha pela qual penetraria a sugestão salvadora, alterando-lhe completamente a direção dos próprios pensamentos.

Pois, é nisto que Moreira já não encontra mais eco. Estabelece-se um distanciamento entre ambos, a partir deste momento, pela alteração profunda do mundo íntimo em Cláudio, que já não responde aos estímulos do outro. Obliteram-se-lhe os canais de receptividade aos apelos do obsessivo; altera-se-lhe a faixa de sintonia. Adotando outra ordem de pensamentos, abre-se à recepção de outra ordem de sugestões, de natureza superior; restabelece vias de comunicação com as fontes da vida; reencontra as forças que lhe restituem o poder de enfrentar as vicissitudes, embora amargas, mas com as luzes da esperança reacesas.

Outra é a reação de Moreira. Embora profundamente abalado pelos acontecimentos, sente-se mais defraudado do que o comparsa e um dos causadores da tragédia; roubado nos seus interesses, e não culpado; sentimento este que se lhe agigante no imo do ser, principalmente pelas próprias lamentações da acidentada.

“... Insciente das complicações que gerava... reconstituía na imaginação as aperturas da existência. Acusava a irmã por todos os infortúnios. Exibia-lhe a figura na tela da memória como sendo a inimiga imperdoável... Marina, a furtar-lhe as carícias maternas. Marina, a surrupiar-lhe as oportunidades. Marina, a roubar-lhe as afeições. Marina, a subtrair-lhe o eleito dos sonhos juvenis... ”

... aquela desventurada menina desconhecia os poderes do pensamento. Não sabia que, fora da indulgência e da brandura, invocava desagravo e, assim procedendo, não apenas enredava a família em duras provações, mas igualmente punha a perder o valioso trabalho de recuperação daquele amigo necessitado de afeição e de luz.

O ex-assessor de Cláudio, ao absorver-lhe as confidências mudas, em que relacionava os pesares mais íntimos, dos quais não tivera ele conhecimento, retomava, a pouco e pouco, a brutalidade que, anteriormente, lhe marcava a expressão... ” ([2], 2.^a Parte, Cap. III)

Nogueira voltava-se para as sugestões dos orientadores; Moreira *“... embecendo-se... nos queixumes daquela que classificava como sendo para ele a mulher querida, restaurava em si mesmo a selvageria da fera sequiosa de sangue. Respondendo-nos às petições de calma e tolerância, clamava que não, que não... Ninguém o faria renunciar à guerra pela tranqüilidade daquela que amava; alegava desconhecer, até então, o martírio que a irmã lhe aplicara durante a vida inteira e insistiria no desforço... ”*

Marina se tornaria *“... pasto robusto a nova desorientação... ”*

Nada que se pudesse fazer: nem sustar as lamentações da menina, nem reconduzir a serenidade ao ex-obsessivo.

No exemplo do pai de Marina, encerra-se o significado do poder da oração. Por ela damos abertura aos poderes mediúnicos de que somos portadores, para estabelecer contacto com os emissários do bem. No mecanismo da dor profunda, ela se torna espontânea; no caso da oração, ela resulta do ato voluntário capaz de proporcioná-la, no esforço da concentração.

Fagamos uma analogia. Nós estudamos, em ([3], Cap. V) que a hipontização de certa pessoa pode ser feita iniciando-se com técnicas, não importa quais, a fim de induzir a pessoa à apassivação. E que, com a repetição, qualquer técnica se torna dispensável, tornando-se a pessoa hipnotizável apta ao condicionamento por simples atitude de adesão dela mesma.

O mecanismo da indução do hipnotizador consiste em conduzir o paciente a emitir ondas mentais, que se coadunem com as dele, a fim de estabelecer, entre ambos, corrente mental para a permuta de valores. Trata-se de estabelecer estímulos para facilitar a exteriorização dos recursos da mente para o intercâmbio.

É o mecanismo dos reflexos condicionados.

Da mesma maneira que inventaram técnicas para estabelecer o reflexo condicionado, capaz de induzir a corrente mental entre hipnotizado e hipnotizador e, portanto, o intercâmbio: um, em estado passivo, o outro no ativo, assim, através dos tempos, a fim de estabelecer o reflexo condicionado capaz de exteriorizar os recursos mentais do indivíduo para o intercâmbio com o plano espiritual, num autêntico fenômeno mediúnico, os homens inventaram toda sorte de apetrechos, com o intuito de incentivar o desencadeamento do reflexo condicionado. *“... Talismãs e altares, vestes e paramentos, símbolos e imagens, vasos e perfumes... ”* todos eles constituindo tais apetrechos *“... destinados a incentivar a produção de ondas mentais nesse ou naquele sentido, atraindo forças do mesmo tipo que as arremessadas pelos operado dessa ou daquela cerimônia mágica, ou religiosa, e pelas assembléias que os acompanham, visando a certos fins... ”* ([4], Cap. XXV)

O que importa entender é que, sempre que nos concentramos fortemente numa idéia, estabelecemos esta emissão de ondas mentais, que cria corrente mental com outras semelhantes, e intercâmbio.

Conforme o teor das vibrações emitidas, induzimos nos outros a emissão de energias do mesmo tipo. É comum observar-se *“... o reflexo condicionado (ou ação independente da vontade que se segue, imediatamente, a uma excitação externa, na base das operações da mente, objetivando esse ou aquele gênero de serviço.*

Daí resulta o impositivo da vigilância sobre a nossa própria orientação, de vez que somente a conduta reta sustenta o reto pensa-

mento e, de posse do reto pensamento, a oração, qualquer que seja o nosso grau de cultura intelectual, é o mais elevado toque de indução para que nos coloquemos, para logo, em regime de comunhão com as Esferas Superiores.

De essência divina, a prece será sempre o reflexo positivamente sublime do Espírito, em qualquer posição, para obrigá-lo a despedir de si mesmo os elementos mais puros de que possa dispor. . .” ([4], Cap. 25).

4 — MEDIUNIDADE E ORAÇÃO

“Nisto estão as razões pelas quais o Espiritismo taxa de inúteis, imagens, altares, vestes, paramentos, símbolos, cânticos. . .”, porque não constituem senão “. . .apetrechos de indução para a produção de ondas mentais neste ou naquele sentido. . .”. Se foram úteis, o foram na infância da Humanidade; mas não atualmente, no estágio em que o homem se encontra, ou pelo menos para quem conhece o que seja a mediunidade. A prece não é senão que o ato voluntário de situar-se no estado mediúnic, comum a todos, para o intercâmbio com o Plano Maior.

E esta condição é verdadeira para qualquer fenômeno mediúnic.

E esta condição é verdadeira para qualquer fenômeno mediúnic.

Da mesma forma que o espírito, conhecedor da Doutrina, recém-egresso da ignorância do fenômeno mediúnic, não necessita recorrer a imagens, altares, rituais, cânticos, etc. . . , para se situar no estado mediúnic correspondente à prece, semelhantemente não necessita recorrer a gesticulações, fórmulas ou técnicas quaisquer para realizar o fenômeno mediúnic do passe.

E aí estão, também, as razões de porque é inútil toda prece decorada ou lida, sem a correspondente adesão ao estado de emotividade da pessoa. Porque, em se tratando de fenômeno mediúnic, a pessoa não se situa no toque e emissão das próprias ondas mentais e na passividade apta a captar os benefícios do intercâmbio com as fontes do Bem.

“. . .A mente centralizada na oração pode ser comparada a uma flor estelar, aberta ante o Infinito, absorvendo-lhe o orvalho nutriente de vida e luz. . .”

Aliada à higiene do espírito, a prece representa o comutador das correntes mentais, arrojando-as à sublimação. . .”

Diz ainda, André Luiz, que, do mesmo modo que o homem conta com inúmeros meios de preservar o corpo físico “. . . e no que tange à saúde utiliza a consulta a médicos e nutricionistas, professores e orientadores diversos. . . , analogamente é natural que se

valha da prece para angariar a inspiração de que precisa a fim de afinizar-se com as diretrizes superiores.

“. . .No circuito de forças estabelecido com a oração, a alma não apenas se predispõe a regenerar o equilíbrio das células físicas viciadas ou exaustas, através do influxo das energias renovadoras que incorpora, espontaneamente, assimilando os raios da Vida Mais Alta a que se dirige, mas também reflete as sugestões iluminativas das Inteligências desencarnadas de condição mais nobre, com as quais se coloca em relação. . .”

Mentalmente, o homem se situa num mar de ondas mentais heterogêneas, que o compelem à fadiga e à irritação quanto se constituam de ondas enfermigas, provenientes de “. . .desencarnados em posição de angústia e que lhe partilham o clima psíquico, ou de oscilações desorientadas dos próprios companheiros terrestres desequilibrados a lhe respirarem o ambiente. Todavia, tão logo se envolva nas vibrações balsâmicas da prece, ergue-se-lhe o pensamento aos planos sublimados, de onde recolhe as idéias transformadoras dos Espíritos benévolutos e amigos, convertidos em vanguardeiros de seus passos, na evolução.

Que a prece, na sua mais lídima expressão, não deva ser um simples peditório, ou uma recitação maquinal, sem envolvimento emocional, devendo realizá-la como um ato mediúnic, é o que toda literatura espírita esclarece e André Luiz reafirma em ([idem]).

Diz ele: “. . .A mediunidade, na ordem superior da vida, esteve sempre associada à oração, para converter-se no instrumento da obra iluminativa do mundo.

Entre os egípcios e hindus, chineses e persas, gregos e cipriotas, gauleses e romanos, a prece, expressando iniciação ou louvor, adoração ou meditação, é o agente refletor do Plano Celeste sobre a alma do homem.

Orando, Moisés recolhe, no Sinai, os mandamentos que alicerçam a justiça de todos os tempos e, igualmente, em prece, seja nas margens do Genesaré ou em pleno Tabor, respirando o silêncio do Getsemani ou nos braços da cruz, o Cristo revela na oração o reflexo condicionado de natureza divina, suscetível de facultar a sintonia entre a criatura e o Criador. . .”

a) — BIBLIOGRAFIA

(1) — Irmão X: *Contos e Apólogos*

(2) — André Luiz: *Sexo e Destino*

(3) — Rino Curti: *O Passe*.

(4) — André Luiz: *Mecanismos da Mediunidade*

b) — LEITURAS COMPLEMENTARES

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c) — PERGUNTAS

- 1.^a — Como devemos entender a mediunidade, nos seu sentido mais amplo de faculdade?
- 2.^a — De que depende a evolução do Espírito?
- 3.^a — Como classifica uma boa realização?
- 4.^a — O que se quer dizer com: o homem se torna um desviado nos dois sentidos?
- 5.^a — Por que, em geral, os Espíritos não podem intervir para o rompimento das obsessões?
- 6.^a — Como devemos tratar os obsessores?
- 7.^a — Como Nogueira se desliga de Moreira?
- 8.^a — Como explica a não regeneração de Moreira?
- 9.^a — Na oração, qual o papel das imagens, altares, etc...?
- 10.^a — Dizemos que na prece realizamos um ato mediúnic. Explique
- 11.^a — Dissemos, também, que a prece realiza um reflexo condicionado. Explique.
- 12.^a — Por que a prece não deve ser dita maquinalmente, decorada ou lida?
- 13.^a — Qual o valor da oração?
- 14.^a — Por que a prece não deve resumir-se em simples peditório?

d) — PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel — *Seara dos Médiuns*
Estudar e pôr em prática os capítulos:
"Mediunidade e Doentes", "Sabes".

e) — AULA PRÁTICA — (65 min)

Título: *Por que da Obsessão*

1.^a PARTE: Recomendações para a aula (2 min)

Emmanuel: "Justiça Divina" — *Em Oração e Serviço* (pág. 59)

2.^a PARTE: O Trabalho (30 min)

A obsessão pode nascer de uma sugestão que nos seja feita mentalmente por Espíritos inferiores, mas à qual nos sintonizamos e aceitamos, submetendo-nos ao seu domínio. Não nos tornamos vítimas, mas fascinados, coniventes. Ou então pode resultar de envolvimento em contenda. Não ocorrerá, entretanto, desde que permaneçamos refugiados nos pensamentos de ordem elevada, a nossa defesa.

A rebeldia, o apego às ilusões do mundo, são sempre portas abertas para que as obsessões se insinuem; ou o deleite nas baixas emoções. E, quem quer que seja, pouco ou nada pode fazer, porque os liames entre obsessão e obsediado se estabelecem pela conjugação mental entre ambos.

Todos provimos da animalidade: crescer, evoluir, progredir, consistem em enfrentar as tendências de nossa inferioridade e sublimá-las. Não sufocá-las, abafá-las ou pensar em desconhecê-las; mas dar-lhe curso num labor incessante de aperfeiçoamento, burilamento, à guisa de matéria prima bruta que trabalhamos para transformá-la em qualidades e forças positivas a nos sustentarem a caminhada.

Como fazê-lo? Do mesmo modo que se faz em todas as coisas nas quais nos aperfeiçoamos: estudando, esforçando-nos por compreender e alcan-

çar o conhecimento dos que nos podem orientar, e pôr-lhes em prática os ensinamentos, sem receio dos erros que possamos cometer, nem cair em desânimo pelas tentativas iniciais que possam resultar mal sucedidas. As conquistas se fazem à custo de esforço, perseverança, dênodo, nas quais erros e sucessos constituem a argamassa e os calhaus, de cuja interrelação resulta a edificação.

O pensamento tem poder criador. E necessário aprender a dominá-lo e conduzi-lo no sentido lídimo das conquistas edificantes.

O pensamento desequilibrado não só nos conduz a ação para os insucessos, aduzindo-nos dor e sofrimento; mas contribui à formação dos solos e paisagens, no Plano Espiritual, nos quais iremos nos situar e sanar as injúrias que tenhamos provocado em nossa organização peripiritual.

Apesar de tudo, o Espírito faltoso é sempre auxiliado e amparado, para refazer-se. Sempre é-lhe indicado tratamento que, iniciado, ou no plano físico, ou no espiritual, quase sempre necessita prolongar-se em outra encarnação, complementarmente, mas que é suscetível de não efetivação ou realização incompleta, pelo descaso de nosso livre arbítrio. Poderemos falhar, acrescentar novos elementos de gravame ou retardamento à nossa situação, mas cedo ou tarde, refeitos, sempre reencetaremos a caminhada evolutiva, não existindo situações perenes e irremediáveis. Enquanto isso, traremos sempre, a nos condicionarem a situação íntima, os estigmas das mazelas de que nos fizemos detentores.

A obsessão relaciona-se sempre à mediunidade: a mediunidade de provação. Todo obsediado deve ser considerado um médium doente, intérprete de forças degradadas. Assim como o remédio é a prescrição de medicamento para o enfermo físico, a intervenção moral é a prescrição medicamentosa para o doente psíquico.

Nisto, o papel preponderante para o reequilíbrio é a atividade religiosa. Por ela, estabelecemos os caminhos mais próprios de comunicação com o Mundo Maior, o manancial de todos os bens de que necessitamos. E, nela, a Doutrina Espírita se destaca em especial modo, "... como sendo o recurso mais sólido na assistência às vítimas do desequilíbrio espiritual... por oferecer-lhes, no estudo nobre e no serviço edificante, o clima indispensável da transmutação e harmonização, para assimilarem a influência benéfica dos agentes espirituais da necessária renovação...".

CONCLUSÃO - I

1 — TÉRMINO DO CURSO

Com este capítulo, terminamos o Curso de Educação Mediúnica. Com ele, no que respeita à mediunidade, varreu-se a Literatura Espírita, desde as obras fundamentais de Kardec às obras subseqüentes ditadas por André Luiz; Emmanuel, Humberto de Campos e outros no intuito, inclusive, de dar a conhecer esta Literatura e um dos principais objetivos das escolas.

Certamente, não a perlustramos toda; mas fizemos o suficiente para esclarecer o aluno quanto às lídimas fontes de consulta, sobre as quais possa esclarecer-se, indicando os caminhos pelos quais ele deverá orientar-se, para a continuação do próprio desenvolvimento, que não termina, e irá exigir-lhe contínua dedicação.

Com isto, vários pontos devem ter ficado claro:

- 1.º — o que é a mediunidade e os escolhos para a sua compreensão e seu exercício;
- 2.º — que a Metapsíquica e a Parapsicologia não devem ser confundidas com o aspecto científico da Doutrina; e que o Espiritismo — a doutrina dos Espíritos —, embora lhes valorize o trabalho, difere delas profundamente;
- 3.º — que o desenvolvimento mediúnico é, propriamente, desenvolvimento da personalidade, intelectual e moral.
- 4.º — que a mediunidade é o desabrochar de poderes que o homem alcançará no seu desenvolvimento futuro, no encerramento do ciclo das reencarnações, de maneira semelhante aos possuídos por Jesus, o Ser mais perfeito que a humanidade conheceu; pontos estes que se constituem nos pontos cardeais de orientação do médium.

A título de conclusão, revisemo-lo sucintamente.

2 — O CONCEITO COMUM DE MEDIUNIDADE

A mediunidade é uma faculdade, um aspecto das faculdades de comunicação dos Espíritos, não dos desencarnados, mas dos entes que

constituem a pessoa propriamente dita, o indivíduo verdadeiro, o princípio individualizado que se reveste de um corpo para manifestar-se, pela qual eles estabelecem, entre si, uma corrente mental, entre mentes, em regime de sintonia e afinidade.

De duas mentes, entrosadas numa corrente mental:

- uma é emissora, ativa, dominadora;
- a outra é receptora, passiva, dependente, num grau de subordinação diretamente relacionado ao grau de passividade.

Associados a esta vinculação mental, ocorrem diversos fenômenos, que dependem do receptor, de maneira semelhante à que se verifica num condutor que, quando percorrido por uma corrente elétrica, torna-se sede de vários fenômenos (calor, luz, magnetismo, radiações eletro-magnéticas).

O que denominamos de mediunidade é esta faculdade de comunicação pela qual a pessoa se torna receptora, passiva, subordinada ao comando de outrem, num certo grau de passividade.

Esta noção é mais ampla que a comumente considerada, a inicialmente formada no seu estudo.

De fato:

- 1.º — a noção de médium.

Lê-se em ([1], Cap. XIV): “...*Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que delas não possuam algum rudimento. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensividade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva.*”

É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestação.

2.º — a palavra Espírito, no ítem primeiro, é entendida indicando os desencarnados, enquanto no caso anterior ela é entendida no seu sentido geral de encarnados e desencarnados;

3.º — finalmente, dentro da acepção comum, e relativa ao exposto no ítem primeiro, a mediunidade é essa faculdade que os médiuns têm de comunicar-se com os Espíritos (os desencarnados).

3 — O PROGRESSISMO DA DOCTRINA

Antes de iniciarmos qualquer consideração, é necessário dizer que:

- 1.º — “... Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental...” ([2], Cap. I, n.º 14);
- 2.º — “... que o que caracteriza a revelação espírita é o ser que divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem...” ([2], Cap. I, n.º 13);
- 3.º — Citando um exemplo — o fato de que há Espíritos que não se consideram mortos —, reconheceu-se que “... tal situação é, sobretudo, própria dos Espíritos pouco adiantados moralmente... Foi assim que a teoria nasceu da observação. O mesmo se deu com relação a todos os outros princípios da Doutrina... Isto é, a Doutrina tem estrutura teórica: e constituída de teorias que lhe afirmam os princípios, fundamentadas nos fatos.
- 4.º — Cristo já dissera: “... Muitas das coisas que vos digo ainda não as compreendeis e muitas outras teria a dizer, que não compreenderíeis; por isso é que vos falo por parábolas; mais tarde, porém, enviarei-vos o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vós-las explicará todas...” ([2], Cap. I, n.º 26).

E, ainda, em ([2], Cap. I, n.º 28): “... o Cristo não pôde desenvolver o Seu ensino de maneira completa... faltavam aos homens conhecimentos que eles só podiam adquirir com o tempo e sem os quais não o compreenderiam...”

- 5.º — “... A Doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega...” ([2G], Cap. I, n.º 28). *Pelas condições mesmas, em que ela se produz, ... apoiando-se em fatos, tem que ser e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação...*

... Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará...

- 6.º — Mas, quem se outorgará autoridade para tentar qualquer modificação na Doutrina?

No que concerne às orientações, os Espíritos; no que diz respeito à construção doutrinária, deixada ao homem, o trabalho, o esforço, “... o futuro, a lógica e o bom senso...” ([2], Cap. I, n.º 29), como aliás se faz na ciência.

E, a fim de continuar-lhe o progresso, é necessário estudar, analisar, rever conceitos e teorias, num esforço de constante e contínua revisão, caso contrário a Doutrina estagnar-se-á, transformando-se em nova crença dogmática, igual a tantas outras, tendo-se apenas beneficiado com um pequeno acréscimo de Revelação.

4 — O CONCEITO ATUAL DA MEDIUNIDADE

Feito o preâmbulo, voltemos ao citado conceito comum de mediunidade do parágrafo 2.

- 1.º — Se a mediunidade é uma faculdade, ela é do Espírito, entendido como a pessoa, o indivíduo verdadeiro, uma vez que o corpo é mera veste, e não o desencarnado;
- 2.º — o conceito comum de médium como “... aquele em quem a faculdade se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade...”, não é certamente um conceito científico, mas mera opinião, pois não tem qualquer sentido preciso o “bem caracterizado”, o “efeito patente”, e o “certa intensidade”. Trata-se de idéias puramente subjetivas.

Seria o mesmo que querer caracterizar como corpos eletrizados aqueles que revelassem efeitos de atração e repulsão bem caracterizados, de certa intensidade, patentes ao homem comum. Ou dizer que há uma tensão entre dois pontos somente se, quando tocados, sentirmos um choque.

O que comumente se diz, não constitui acervo teórico, mas somente o resultado primeiro da observação imediata e direta.

Na época de Kardec, os Espíritos não podem oferecer as explicações que podem hoje, nem orientar para uma teoria, como foi realizado através de André Luiz, especialmente em “Mecanismos da Mediunidade”, onde, pela primeira vez, se esboça uma teoria espírita da mediunidade. E isto porque, nada ou pouco, se sabia acerca do sistema nervoso e cérebro, em particular; não se tinha os conhecimentos de Biologia e Fisiologia de nossos dias; não se conhecia o eletromagnetismo, a relatividade, a mecânica quântica, as radiações, a física nuclear, a eletrônica, o computador, a cibernética, todos conhecimentos alcançados nas últimas quatro ou cinco décadas, numa explosão de conquistas que superaram todas as efetuadas nos tempos anteriores.

Pois é com fundamento nestes conhecimentos que os Espíritos, através de André Luiz e outros, mas este em especial modo, revelaram que a faculdade mediúnica não só é comum a todos, e inerente ao homem, como já fora evidenciado a Kardec, mas que é faculdade de comunicação, de receptividade de ondas mentais, que no homem

assume o caráter complexo de captação de idéias originadas no pensamento de outras mentes; é resposta reflexiva, num mecanismo complexo que envolve a razão, a vontade, a sintonia e o desenvolvimento mental e moral.

E, ainda, que ela é o produto evolutivo de faculdade correspondente, inerente à própria mônada, cujas manifestações se efetuam em formas e expressões outras, mas sempre fundamentadas no mesmo princípio de captação e resposta a estímulos mentais.

Aliás, a esse respeito, lemos em ([3], "Segurança Mediúnica"):

"...A mediunidade é um dom, um atributo do espírito, que nasceu juntamente com a mônada, nos primórdios de sua delicada existência..."

As disposições psico-físio-somáticas que os comumente denominados médiuns apresentam, são o resultado de conquistas feitas em reencarnações anteriores e, principalmente, criadas por técnicas especiais de evidenciação no Plano Espiritual, antes da reencarnação, para o cumprimento de uma tarefa ou missão.

Entretanto, sem que nos fixemos nas disposições específicas, há a considerar que todos são possuidores de faculdades de comunicação — seres inferiores e superiores —, com a possibilidade de colocar-se em posição ativa ou passiva em relação a outros.

A célula do corpo humano, como ser vivo, é um ente constituído do espiritual (a mônada), com um princípio mental, através do qual capta os estímulos mentais do Espírito, submetendo-se-lhe às determinações, no cumprimento de suas funções.

Todo ser se encontra na posição de emissor e receptor; comandando e sendo comandado. Nos seres inferiores, estas possibilidades são reduzidas ao nível de sua evolução e a subordinação é compulsória. No homem, cuja evolução lhe está entregue ao livre arbítrio, a subordinação é voluntária, dentro de um certo âmbito de liberdade condicionada, porém sempre indispensável, pois ele encontra os caminhos lúdimos de sua evolução nas orientações do Mundo Maior, que sempre se fazem presentes, quando a elas recorra, ou necessite.

5 — A MEDIUNIDADE NOS SERES INFERIORES

Pelo visto, portanto, a mediunidade é uma faculdade do Espírito, faculdade de comunicação, pela qual o ser, já pertencente ao reino hominal, se torna receptor de idéias de outras mentes, em regime de sintonia e afinidade, submetendo-se-lhes à influência em menor ou maior grau de passividade.

Esta faculdade é o resultado evolutivo de uma característica do Espírito individualizado, criado por Deus, que nasce, em embrião, com a própria mônada.

O Espírito, desde a mônada, necessita, para evoluir, associar-se à matéria — o corpo, pelo qual se manifesta, participando das obras da criação, o modo pelo qual progride. ([4], n.º 32)

O Espírito está sempre associado a um corpo — o corpo espiritual, que se constitui, no Plano Espiritual, "*...de fluido universal de cada globo...*", diferente de um mundo a outro. ([4], n.º 94). No plano físico se reveste de um corpo material, organizado segundo as necessidades de manifestação do Espírito, renovando-o periodicamente e em formas evolutivas, sempre correspondentes ao seu grau de adiantamento.

É a este grau de renovação que, no homem, assumindo aspectos os mais complexos, denominamos desencarnação e reencarnação, segundo princípios que resultam consequência do princípio de evolução.

Assim sendo, todo ser, por mais inferior que seja, deve ser considerado constituído de:

— princípio espiritual individualizado;

— princípio mental;

— corpo espiritual;

— corpo físico, quando encarnado no mundo material, com todas as faculdades a ele inerentes, já imprimidas de forma embrionária na mônada, às faculdades de comunicação, inclusive.

Estas faculdades têm um forma de ser que, ainda, nos é quase que totalmente desconhecida, mesmo nos homens. A ciência está longe de caracterizá-las, mesmo porque desconhece a existência do Espírito. Entre os espíritas, a grande maioria ainda se limita ao terreno da opinião, sem a realização de um estudo sério, num acervo permeado de muitos elementos irracionais, relacionados às muitas credences e superstições da magia e feitiçaria; ou se filiam às tentativas de explicação de experimentadores divorciados de qualquer indicação do Plano Espiritual, o que não lhes permitiu, até o momento, sair do plano de realização da comprovação da existência dos fenômenos, e de hipóteses não comprovadas acerca das faculdades mediúnicas ou "Psi", como preferem chamar.

No âmbito humano, a mediunidade, como dissemos, repousa no estabelecimento de corrente mental, entre mentes, possível em regime de sintonia e afinidade, pela qual uma se torna ativa, outra passiva. Nisto, o agente envia idéias, e senhoreia-se dos recursos mentais do receptor, o médium, segundo o grau de passividade que este atinge na influência.

Sob este enfoque, a mediunidade entre o homem e os seres inferiores não existe, pois não há, nem pode haver, sintonia e muito menos afinidade.

Comando mental sim; este pode existir do superior sobre o inferior. O mais patente é o comando do Espírito sobre as células que

o servem, no corpo. Que possa haver, entre os homens e os animais superiores, e de que forma, é algo que desconhecemos.

No campo das radiações físicas, há imensos intervalos de frequência nos quais as desconhecemos; quanto mais isso, não se dará no campo das radiações mentais, cuja existência, por enquanto, é-nos relatada apenas pelo Mundo Maior, e mal divisamos no fenômeno da telepatia.

Os estudos recentes com animais, especialmente na teoria do comportamento, descortinam um amplo território desconhecido, no terreno das comunicações com e entre os animais, que faz entrever um amplo âmbito de leis desconhecidas.

São Francisco de Assis tinha o poder de amansar animais ferozes, uma forma de influencição ou comando. Nosso desconhecimento, a respeito, está muito relacionado ao nosso atraso moral. Os segredos da Natureza não se desvendam sem um profundo senso de respeito e amor por ela; enquanto matamos, flagelamos os seres inferiores para o nosso repasto, obstruimos as vias que nos permitiriam penetrar nesse domínio, cujo conhecimento, inclusive, poderia enriquecer-nos de imensos outros benefícios.

No "Livro dos Médiuns", Cap. XXII, aborda-se este assunto sob o título: "*Da mediunidade nos Animais*". Nele relata-se uma série de experiências da época e se diz, textualmente:

"...Como quer que seja, no tocante às experiências de que acima falamos, não menos integral permanece, de outro ponto de vista, a questão principal, por isso que, assim como a imitação do sonambulismo, não obsta a que a faculdade exista, também a imitação da mediunidade por meio dos pássaros nada prova contra a possibilidade da existência, neles, ou em outros animais, de uma faculdade análoga..." ([1], n.º 234)

O que não se dá o que é óbvio, e Kardec o afirma, é "*...os animais... servirem de intermediários ao Espíritos, para suas comunicações inteligentes...*"

Em seguida, Kardec coloca uma comunicação do Espírito Erasto, com o fim precípua de explicar porque os animais não podem servir de médiuns aos Espíritos desencarnados.

Nesta comunicação, primeiramente, Erasto se serve da noção comum de médium para apoiar sua argumentação. Recorrendo ao fato de que "*...semelhantes atuam com seus semelhantes...*" afirma a impossibilidade da comunicação mediúnica entre Espíritos e animais, que é o que justamente foi dito com outras palavras, quando dissemos não ser isso possível, com base nas leis de sintonia e afinidade.

Entretanto, para explicar a razão desta "dessemelhança", afirma que o motivo reside no fato de que os animais não estão subordinados à lei do progresso, e que somente nós, os homens, o estamos.

Afirma ainda que, "*...Deus colocou os animais ao vosso lado*

como auxiliares, para vos alimentarem, para vos vestirem, para vos secundarem. Deu-lhes certa dose de inteligência, porque, para vos ajudarem, precisavam compreender, porém lhes outorgou inteligência apenas proporcionada aos serviços que são chamados a prestar. Mas, em sua sabedoria, não quis que estvéssemos sujeitos à mesma lei do progresso. Tais como foram criados, se conservaram e se conservarão até à extinção de suas raças..."

Esta noção, assim exposta por Erasto, é aristotélica, dogmática, não espírita.

Em ([4], n.º 601), lê-se:

601 — Os animais seguem uma lei progressiva como os homens?

— *Pela força das coisas; por isso, para eles não há expiação.*

— *Sim, e é por isso que nos mundos superiores onde os homens são mais avançados, os animais o são também, tendo meios de comunicação mais desenvolvidos. Mas, eles são sempre inferiores e submissos ao homem; são para eles servidores inteligentes.*

602 — Os animais progridem, como o homem, pelo fato de sua vontade ou pelas forças das coisas?

— *Pela força das coisas; por isso, para eles não há expiação.*

O que está no "O Livro dos Espíritos" está de acordo com o princípio da evolução do Espírito, hoje mais compreensível, após a descoberta do Evolucionismo de Darwin, contemporâneo de Kardec, cuja teoria se encontrava em elaboração, no seu tempo.

Kardec, sem dúvida, não era dogmático, o que está explicitamente expresso na "A Gênese" e nas citações anteriormente enunciadas. No que concerne ao Evolucionismo, embora ele se limitasse a considerar somente o do homem, em virtude do não amadurecimento da teoria em sua época, o Codificador assim se exprime: "*...Esta teoria, sem estar admitida ainda, de maneira definitiva, é a que tende evidentemente a predominar na Ciência. Os observadores sérios aceitam-na como a mais racional...*"

O fato de Kardec ter incluído esta mensagem de Erasto, para explicar a mediunidade, entendida no seu sentido comum, somente entre os homens, deve ser considerado apenas como o fato muito comum de quem escreve que, em prosseguindo, só mais tarde se apercebe da necessidade de corrigir escritos anteriores. E se não o fez, como o fez no "O Livro dos Espíritos", no qual introduziu correções posteriores nas sucessivas edições, deverá ter sido seguramente por falta de tempo, ou de oportunidade.

a) — BIBLIOGRAFIA

- (1) — Allan Kardec: *O Livro dos Médiuns*
- (2) — Allan Kardec: *A Gênese*
- (3) — Miramez: *Segurança Mediúnica*
- (4) — Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*

b) — LEITURAS COMPLEMENTARES

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c) — PERGUNTAS

- 1.^a — Qual o conceito comum de mediunidade?
- 2.^a — Por que a Doutrina é progressiva?
- 3.^a — Quem orienta e quem elabora a Doutrina?
- 4.^a — Quem detém autoridade para elaborá-la?
- 5.^a — Qual o conceito atual de mediunidade?
- 6.^a — A mediunidade é uma faculdade; por isto é evolutiva. Explique.
- 7.^a — Resultado de que são as faculdades mediúnicas que, comumente, classificamos de mediúnicas?
- 8.^a — Todos são médiuns. Explique.
- 9.^a — Existe mediunidade nos seres inferiores? Em que sentido?
- 10.^a — Que acha da comunicação de Erasto, em relação à mediunidade, no “Livro dos Médiuns”?
- 11.^a — Compare-a com o que se diz no “Livro dos Espíritos”, n.º 601. O que nota?
- 12.^a — Depois dessa verificação, o que conclue?

d) — PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel — *Seara dos Médiuns*

Estudar e pôr em prática os capítulos:

“Atualidade Espírita e Mediunidade”; e “Dúvida”

e) — AULA PRÁTICA — (65 min)

Título — *Mediunidade e Desobsessão***1.^a PARTE:** Recomendações para a aula (2 min)Emmanuel: “Justiça Divina” — *Na Luz da Reencarnação* (pág. 63).**2.^a PARTE:** O Trabalho (30 min.)

As faculdades do Espírito surgem com ele, em embrião, ao ser criado. A mediunidade, como faculdade, é um aspecto das faculdades de comunicação, já existentes na mônada, evoluindo para o que são no ser humano.

O Espírito progride pela execução de tarefas sobre a matéria, pelas quais participa, em cooperação com os outros, das obras da criação.

A comunicação é a faculdade que estabelece esta cooperação na qual Espíritos similares se associam, os Superiores conduzem os inferiores, e estes subordinam-se àqueles.

Nos seres inferiores, a subordinação é compulsória; nos seres humanos é voluntária, embora sempre necessária.

A associação com outros, em regime de insubordinação às leis vigentes, no ser humano, gera as obsessões que, por se formarem voluntariamente, só podem ser desfeitas, também, pelo livre arbítrio dos que estão nelas envolvidos. Os outros podem aconselhar, influenciar; mas não desfazer.

Um caso em que se evidencia o processo de desligamento entre Espíritos ligados obsessivamente é o relativo a Cláudio e Moreira, narrado no capítulo. A mudança de pensamentos em Cláudio rompe a ligação sustentada antes pelos pensamentos que eram afins, e os dois se afastam.

E esta é a chave do desligamento: a elevação de pensamentos. Daí recomenda-se esta mudança àqueles que, obsediados, procuram o auxílio nos trabalhos de obsessão.

Daí o valor da prece. Por ela, nos ligamos ao Mundo Maior; aos seres que nos indicam os caminhos lícitos do progresso, num processo que é mediúnico e que é sempre melhor efetuado, quando nos entregamos passivamente ao intercâmbio. Para atingir este estado, as Religiões sempre criaram processos de indução: altares, vestes, símbolos, cânticos, etc. . . Eles, entretanto, desde que entendamos o que seja a concentração, são desnecessários.

Pelo fato de o pensamento, ao estabelecer intercâmbio com mentes afins, também estabelece o tônus vibratório que governa nosso corpo, entende-se como a prece, os pensamentos de ordem elevada possam beneficiar-nos a saúde, um fato conhecido e que denominamos de “poder da fé”.

CONCLUSÃO - II

1 — METAPSÍQUICA, PARAPSIKOLOGIA E ESPIRITISMO

A Metapsíquica e a Parapsicologia não devem ser confundidas com o aspecto científico do Espiritismo.

Primeiramente, a Metapsíquica se constituiu na pesquisa dos fenômenos mediúnicos, no século passado e no início deste, por parte dos cientistas, alguns de renome mundial, notadamente entre os europeus e norte-americanos que, com seriedade, se lançaram às investigações utilizando-se dos métodos científicos possíveis naquela época, com total isenção de crença ou dogmatismo, notadamente das crenças populares, imbuídas de credices e superstições da magia e da feitiçaria, na explicação destes fenômenos denunciados desde longa data.

Este é o ponto que deve ser bem entendido para que se compreenda o trabalho científico de investigação: a desconsideração de qualquer crença ou dogma. A ciência se fundamenta na observação e na experiência: todo conhecimento fundamentado na crença e ou no dogmatismo, é destituído de valor.

Entretanto, no Cap. XX, n.º 3, lemos, numa comunicação de e na “A Gênese”, [2], verificamos que esta é também a posição assumida por Kardec. Entretanto, a Metapsíquica e a Parapsicologia negam à Codificação esta característica, porque Kardec não teria elaborado a Doutrina: teria exposto uma Doutrina ditada pelos Espíritos, entendendo elas que isto representa a aceitação de uma nova crença e a criação de outro sistema dogmático.

E, sem dúvida, para isto contribuiu a expressão “dogma da reencarnação” utilizada, primeiro, no “Livro dos Espíritos”, depois, no “Evangelho Segundo o Espiritismo”, [3].

No “Livro dos Espíritos”, ao explicar a reencarnação, na pergunta 166-c está escrito: “. . . Parece resultar, desse princípio, que após. . .”; donde se nota a correta utilização da palavra princípio, por Kardec.

Já na pergunta 171 lê-se: “. . . Sobre o que se funda o dogma da reencarnação? . . ., o que, sem dúvida, é uma contradição. Princí-

pio e dogma são coisas distintas: o princípio resulta da aplicação do método teórico-experimental a fatos ou fenômenos; o dogma se fundamenta na crença, em pressupostos não fundamentados nos fatos.

Essa mesma contradição é encontrada em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Cap. IV, n.º 11. Começa Kardec dizendo: "... Se o *PRINCIPIO* da reencarnação, expresso em São Paulo...", utilizando, portanto, a palavra princípio; no n.º 15 repete: "... O *PRINCIPIO* da pluralidade das existências..." (Os sublinhados são nossos).

No n.º 16: "... Não é, pois, duvidoso, que sob o nome ressurreição, o *PRINCIPIO* da reencarnação fosse uma das crenças fundamentais dos judeus..." E no n.º 17: "... A essa autoridade, de natureza religiosa, virá juntar-se, no plano filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos. Quando dos efeitos se quer remontar às causas, a reencarnação aparece como uma necessidade absoluta, uma condição inerente à própria Humanidade, ou em uma palavra, como uma *lei* da Natureza..."

... Sem o *PRINCIPIO* da preexistência da alma e da pluralidade das existências, a maior parte das máximas do Evangelho são ininteligíveis... Esse *PRINCIPIO* é a chave que deve restituir-lhes o verdadeiro sentido..."

Não pode haver a menor sombra de dúvida de que Kardec tinha a exata noção da reencarnação como *PRINCIPIO científico* e não como *dogma*.

Entretanto, no Cap. XX, n.º 3, lemos, numa comunicação de Henri Heine: "... o belo dogma da reencarnação eterniza..." e no n.º 4, numa comunicação de Erasto (o protetor do médium): "... ides pregar o novo dogma da reencarnação e da elevação dos Espíritos...", o que, certamente, estão em total contradição com o conceito exposto por Kardec, que o coloca como *PRINCIPIO*.

2 — O PORQUE DA PALAVRA DOGMA

O Espiritismo é ciência teórico-experimental, como o atesta "A Gênese" no Cap. I, mas, principalmente, como o demonstra sua estruturação feita sobre a observação e a experiência mediúnicas.

Por isto, não tem dogmas.

O aparecimento da palavra dogma na Codificação, e somente nestas passagens, deve ser entendido como um lapso de natureza semântica; compreensível numa época em que o método teórico-experimental ainda se encontrava em desenvolvimento na física e era entendido apenas nos limites dos 5 princípios de Mill, contemporâneo de Kardec, que lhe estabelecera sua primeira formulação teórica, na Lógica Indutiva. Além de que toda a filosofia, naquela época, era toda dogmática, não fazendo sentido falar em princípios filosóficos, no sentido com que se o pode fazer hoje.

O que importa é que o Espiritismo, por sua natureza teórico-experimental, progressiva, como exposto por Kardec em a "Introdução" ao "Livro dos Espíritos" e na "A Gênese", mais explicitamente no n.º 14, não tem dogmas, fato do qual Kardec tinha clara noção pelo uso constante do termo princípio que faz.

Mas não só: em "O Que é o Espiritismo", [4], no "3.º Diálogo", entre um sacerdote e Kardec, lemos:

S. — *Convenho em que, no que diz respeito às questões em geral, o Espiritismo é conforme as grandes verdades do Cristianismo. Mas ... e os dogmas? Sucede o mesmo no que diz respeito aos dogmas?...*

A.K. — *O Espiritismo é, acima de tudo, uma ciência, e não se ocupa com questões dogmáticas...*

... *Baseia-se, ..., em princípios que independem de toda questão dogmática...*

É de se crer que, se o Mestre Lionês tivesse tido tempo, numa outra revisão teria eliminado o termo dogma e toda comunicação que lhe encerrasse o significado. O próprio Flammarion, ao despedir-se dele, em seu túmulo, pronuncia em discurso: "... *Passou o tempo dos dogmas...*" [8].

E os Espíritos confirmam. Diz Emmanuel em ([9], n.º 360):

360 — *Qual deve ser a ação do espiritista em face dos dogmas religiosos?*

— *Os novos discípulos do Evangelho devem compreender que os dogmas passaram... Dentro das novas expressões evolutivas, porém, os espiritistas devem evitar as expressões dogmáticas, compreendendo que a Doutrina é progressiva, esquivando-se a qualquer pretensão de infalibilidade, em face da grandeza inultrapassável do Evangelho...*

3 — OS METAPSIQUISTAS

Mas, o aparecimento da palavra dogma serviu para que os metapsiquistas, numa apreciação superficial e apressada, considerassem o Espiritismo dogmático; e o rejeitaram por isso.

Haja vista o que diz Aksakof, um dos metapsiquistas do fim do século passado mais divulgado entre nós: "... É claro que a propagação desta doutrina foi matéria de forte predileção. De início, a reencarnação não foi apresentada de forte predileção de estudo, mas como um dogma..." Referindo-se a Kardec, continua: "... Para o sustentar, recorreu com frequência a escritos de médiums (ditados pelo Espírito de Verdade e outros), que, como bem sabemos, facilmente se submetem à influência de idéias preconcebidas..."

Sem dúvida, o Espiritismo é Doutrina dos Espíritos, obtida através da mediunidade, mas não estabelecida em forma de crença.

Kardec, ao reunir as comunicações dos Espíritos, as selecionou, as submeteu ao crivo da observação, da experiência, da razão, com a adoção mais lúdica do método teórico-experimental compatível com a época. Codificou-a, isto é, estruturou-a, construiu-a, em consonância com o exposto em ([3], Cap. I, n.º 13), onde se lê “...o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem...”

Apenas, ela não foi completada; nem o será jamais, porque é evolutiva, progressiva. Kardec iniciou sua construção. Cabe aos seus seguidores tomar o bastão e, sempre em consonância com o Mundo Maior, conduzi-la avante.

4 — METAPSÍQUICA, PARAPSIKOLOGIA E O ASPECTO CIENTÍFICO DO ESPIRITISMO

O que difere entre a Metapsíquica e o Espiritismo é o se apoiarem eles em diferentes filosofias.

O Espiritismo estruturou a sua, sobre os princípios de evolução e reencarnação do Espírito, com base na experiência, de forma não dogmática.

A Metapsíquica, não. Onde resultaram, dela, as concepções materialistas e espiritualistas. Dos espiritualistas originou-se o que passou a ser denominado de “New Spiritualism”, em inglês, e Espiritismo Anglo-Saxônico, em português, totalmente diferente do Espiritismo, não aceitando nem a evolução, nem a reencarnação, embora também termine numa moral cristã, sincrética com o Anglicanismo, dogmática.

A Metapsíquica desapareceu, embora alguns ainda estejam a ela afeiçoados ou a citem pelas obras, principalmente, de Aksakof e Bozzano, e que apontam, equivocadamente, como obras complementares ou suplementares da Codificação Kardequiana.

A Metapsíquica cedeu lugar à Parapsicologia, que difere dela pela utilização dos recursos científicos teóricos e experimentais atuais e pelos pressupostos filosóficos ainda mal definidos e não estruturados em uma filosofia propriamente dita, com a tendência manifesta de tudo querer explicar, a partir dos princípios da Física Moderna (quântica, relativa, nuclear, etc.) uma tendência realista materialista, principalmente avessa a toda e qualquer consideração de conseqüências de ordem moral, ou religiosa.

Isto a afasta do Espiritismo em dois sentidos:

1.º — porque, para este, Espírito e Matéria são dois princípios distintos, obedecendo a leis próprias, irredutíveis entre si: as leis que governam a matéria não explicam o Espírito, como pretendem os realistas; as leis que explicam o Espírito, não explicam a matéria, como querem os idealistas.

2.º — porque não se pode, ao estabelecer qualquer teoria sobre o homem, fazê-lo sem adotar uma filosofia, pois é necessário considerar os valores. Qualquer pesquisador não pode cingir-se à mera experiência ou à consideração de uma simples coleta de fatos, porque, como pessoa, quer queira quer não, tem idéias preconcebidas acerca da vida, da morte, de Deus, de bem viver, etc..., que não pode deixar tão somente na forma de opinião, se quiser fazer ciência. E, para isso, tem que estruturar estas idéias de forma correta, segundo as exigências da filosofia, caso contrário se exporá ao perigo de cometer sérios enganos, na elaboração de teorias, como soe acontecer com os “puros experimentadores”.

Além disso, não se pode esquecer que todo conhecimento acerca do homem tem que imbuir-se de um fim útil que contribua para a edificação de um mundo melhor, para a “...solução dos problemas do destino e da dor, junto da Humanidade, de modo a se esvaziarem penitenciárias e hospícios... orientar o fenômeno a serviço do homem, para que o fenômeno não se reduza a simples curiosidade da inteligência...” ([6], Anté a Mediunidade)

O aspecto científico do Espiritismo, em nossos dias, é pouco ou nada cultivado pelos encarnados, mais voltados que estão aos seus aspectos filosóficos e religiosos. Não há uma experimentação propriamente dita; mas há a preocupação, por parte dos Espíritos, de André Luiz e Emmanuel especialmente, de apontar os caminhos da compatibilização da Doutrina com os conhecimentos científicos atuais, caminhos estes que nos cabe perslustrar, a fim de continuar a edificação doutrinária iniciada por Kardec. Não se pode falar em uma experimentação espírita, sem antes municiar-se dos conhecimentos atualizados da Ciência e da Filosofia atuais.

Daí a necessidade de Escolas e Centros de Estudo Espíritas que, entendendo a Doutrina no seu todo trino de Ciência, Filosofia e Religião, a possam conduzir no seu sentido lúdico de progresso e desenvolvimento, em perfeita sintonia com o Mundo Maior, o condutor da Humanidade, na sua evolução.

5 — DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

Um terceiro ponto, que acreditamos ter ficado bem claro, é que o desenvolvimento mediúnico diz mais respeito à personalidade do médium, do que à sua faculdade.

Antes de tudo o que comumente denominamos de mediunidade, é uma faculdade possuída por certas pessoas que as torna capazes de realizar algum tipo de fenômeno mediúnico, classificados por vários autores.

A classificação devida a Kardec consta do “O Livro dos Médiuns” [7]. Nele, a cada tipo de fenômeno foi associado, convencionalmente, um tipo de mediunidade, de modo que esta, também, resultou classificada em tipos.

A intuição, a indução mental, a sugestão, a reflexão de idéias e sua associação, entretanto, foram relacionadas por André Luiz, à mediunidade, entendida não no sentido comum, mas no mais amplo, resultando disso a explicação do porque todos somos médiuns, num grau correspondente ao nosso estágio evolutivo.

A mediunidade, entendida no sentido comum, raramente é aquisição do Espírito. Geralmente é uma sensibilidade que lhe é outorgada antes da reencarnação, por processos de magnetização a nós desconhecidos, como concessão de recursos para o exercício de uma tarefa, neste plano, relacionada ao intercâmbio entre os dois planos. Digamos que seria algo semelhante ao fornecimento de um binóculo a algum obreiro que necessitasse dele, para desincumbir-se de uma tarefa que lhe atribuíssemos.

Esta sensibilidade, portanto, é tão somente uma ferramenta, um instrumento, que não tem nada a ver com o adiantamento moral e intelectual do favorecido, em si mesmo; mas que o tem quanto ao uso que dela se pretende que se faça. Os recursos não são fornecidos ao acaso. Quando se os fornece, pressupõe-se que:

- 1.º — a pessoa está qualificada para o desempenho da incumbência que lhe é atribuída;
- 2.º — ela é suficientemente responsável para cumpri-la, segundo o esperado.

Assim, uma coisa é fornecer um binóculo a alguém para assistir a uma corrida de cavalos; outra é concedê-lo a um guarda florestal, a fim de manter-se em observação contra possíveis incêndios, ou depredações criminosas.

A mediunidade é uma sensibilidade própria ou outorgada para o exercício de uma tarefa, nos mais diferentes campos de atividade: na Ciência, na Filosofia, na Religião, na Arte, na Política, etc. . . , em qualquer ramo do progresso, por pequeno ou grande que possa ser. É evidente que, a pessoa escolhida, será a qualificada para a tarefa visualizada, e os recursos a ela atribuídos serão aqueles apenas necessários. Isto explica a grande diversidade de mediunidades, em tipo e grau.

Mas, a sensibilidade em si não é o bastante. Ela é como um talento: nasce-se com ele.

Surgimos neste mundo com planos adrede definidos, antes da reencarnação; com compromissos assumidos, planos de realização estipulados, recursos pessoais definidos e outros concedidos que advirão no tempo e no decurso de nossas realizações.

Nasce-se com o dom de desenhar, de fazer música, de ter habilidades manuais, intelectuais, de realização específica num ou outro campo, mas não o desfrutaremos se não o aprendermos a utilizá-lo, pelo estudo, pelo burilamento íntimo, com disciplina e concentração de interesses.

Nascemos com o dom para a Matemática, frutos de conquistas anteriores que necessitamos redespertar por meio do estudo; não nos tornaremos matemáticos, se não a estudarmos. Não nos tornaremos virtuosos no piano, se não tivermos o dom; mas se o tivermos não o seremos também, se não nos dispusermos a um prodigioso esforço de estudo e prática constantes. Somos governados pelas leis do esquecimento e da recapitulação, para progredir.

É a isto que denominamos, impropriamente, de desenvolvimento; melhor é dizer educação. E, para efetuar-la, não há um único método; há-os vários: uns piores, outros melhores. Se uma pessoa tem talento para tornar-se um instrumentista, mas se limita a “tocar de ouvido”, ou a aprender nos “cursos de três meses, sem mestre”, jamais conseguirá fazer aflorar todas as próprias potencialidades.

Com a mediunidade se passa algo semelhante. Para que o médium possa atingir o máximo de suas possibilidades terá que:

- 1.º — entender no que consiste sua faculdade e sua finalidade, o que exige estudo e desenvolvimento intelectual — conhecimento científico e doutrinário, nos limites de sua tarefa.

Certamente podemos nos restringir ao aprendizado “por ouvido”, feito de comentários rápidos e desconexos ou palestras, como se faz em geral, ou dispormo-nos aos “cursos rápidos sem mestre”, nas reuniões em que o médium é posto a “trabalhar”, por apresentar mediunidade à flor da pele. Desperdiçaremos nossos dons e deveremos dar-nos por satisfeitos, quando não incorramos em lamentáveis enganos, engrossando as fileiras daqueles que, ao retornarem à pátria espiritual, se vêm na contingência de declarar não terem cumprido a sua missão.

- 2.º — colocar-se em sintonia com o Plano Maior, assim como o músico necessita conviver com os “Grandes Mestres”, para não permanecer na mediocridade. E isto requer elevação moral e intelectual: renovação interior segundo os padrões evangélicos, pondo-os em prática.

Isto é o que denominamos de educação mediúnica, incorretamente designada de desenvolvimento mediúnico. E o melhor método, para efetuar-la é conhecer e praticar a Doutrina Espírita, a única que oferece uma explicação racional e lógica, isenta de dogmas, acerca da realidade da vida, nos dois planos, do significado e do objetivo da mediunidade.

Isto é o que se deve entender por educação mediúnica: a capacitação do médium em exercitar a própria mediunidade, dentro dos preceitos da Doutrina Espírita, estudando e servindo sempre, em consonância com o novo mandamento: AMAI-VOS E INSTRUI-VOS, que é o que o torna MÉDIUM ESPÍRITA.

6 — DONS MEDIÚNICOS

Ao longo do curso foram feitas várias afirmações:

— a mediunidade é uma faculdade de comunicação comum a todos e desenvolvimento de uma, nascida em embrião com o próprio Espírito; portanto, desde a mônada;

— que, a mediunidade, segundo a concepção comum, é um aspecto desta faculdade de comunicação, geralmente “aumentada”, por processos magnéticos, na pessoa, antes de sua reencarnação. Em termos de analogia, um processo semelhante ao que nós usamos para transformar um pedaço de ferro em um imã: fundimos o metal e o deixamos resfriar sob intensos campos magnéticos, que lhe orientam os domínios de modo a torná-lo, à temperatura normal, um imã;

— e, ainda, que, em pequeno número, há pessoas que possuem certa sensibilidade específica, mais desenvolvida do que em outros, adquirida ao longo das encarnações, por evolução efetuada com esforço e experiência.

É o caso dos gênios, dos que se destacam sobremaneira num campo qualquer de atividade, inclusive a religiosa.

Excetuados os casos em que a pessoa já reencarna em situações penosas de reeducação e continuidade de tratamento do Espírito, a grande maioria permanece num estágio mediúnicos em que é sempre mais fácil de resvalar para a obsessão do que para o aprimoramento.

Entende-se que assim seja, pois o aperfeiçoar-se é subida: requer labor, operosidade, determinação, clareza de objetivos, disciplina, elevação de propósitos; enquanto as quedas se produzem sempre na ausência deles: no ócio, no viver ao léu, no descaso dos bens de que somos portadores.

Os médiuns propriamente ditos são tarefeiros como outros quaisquer. Reencarnando com a missão específica para servirem de ponte entre os dois planos, deixando fluir a orientação, o auxílio, o consolo do Alto, aos semelhantes, uma tarefa que, mais que todas, deve subordinar-se às leis da cooperação e dos auxílios mútuos, detêm esta possibilidade por empréstimo, de forma semelhante à entrega de uma ferramenta que fazemos a um obreiro, a fim de que execute determinada tarefa.

É evidente que, tal recurso, desde que não seja bem utilizado, do mesmo modo que foi concedido, pode ser retirado.

Entretanto, aqueles que se tornaram possuidores do dom por aquisição merecida, estes já se encontram em nível superior, constituem os missionários, cuja passagem por este plano deixa marcas indeléveis pelo progresso de que se fazem portadores.

É este é o ponto que desejamos frisar.

Os dons mediúnicos representam aspectos da personalidade que caracterizarão o homem evoluído. A marcha ascensional do Espírito se realiza no sentido de suas aquisições definitivas. Nossas possibilidades de realização e de comunicação crescem no sentido pelo qual

o homem tornar-se-á possuidor desses dons, tendo por modelo o Cristo.

Jesus, ao reencarnar, teve de reduzir de muito sua grandeza e seus poderes; mas, em termos de comportamento, reduziu-se ao que o homem deverá ser no fim do ciclo de suas reencarnações, como ser humano. E o caminho desta ascensão, em termos de comportamento e aprimoramento íntimo, consiste em automatizar o procedimento evangélico.

Em termos de efeitos físicos, vemos a Jesus “... na exteriorização de energias sublimes... em... Canaã... oferecendo notável demonstração... transformando água em vinho...” Ainda, “... evidenciando a extensão de seus poderes, associados ao concurso dos mensageiros espirituais que, de ordinário, lhe obedeciam às ordens e sugestões... o encontramos... a multiplicar pães e peixes...”

... Ainda ... identificamo-Lo em plena levitação, caminhando sobre as águas, e em prodigiosa ocorrência de materialização... — quando se põe a conversar... com dois varões desencarnados que... apareceram glorificados...

... Em Jerusalém, no templo, desaparece de chofre, desmaterializando-se... e na mesma cidade, perante a multidão, produz-se a voz direta...

... Em cada acontecimento, sentimo-Lo a governar a matéria, dissociando-lhe os agentes e reintegrando-os à vontade, com a colaboração dos servidores espirituais que lhe assessoram o ministério de luz...”

Em termos de efeitos intelectuais, nos quais se “... reconhece a inteligência como possuidora de outras vias de conhecimento, além daquelas que se constituem dos sentidos normais... vaticina os sucessos amargos que culminariam com a morte na cruz. Utilizando a clarividência, antevê Simão Pedro cercado de personalidades inferiores da esfera extrafísica... e o perigo que isso representa para a fraqueza do Apóstolo...”

... demonstra conhecer a perturbação consciencial de Judas...

Na mediunidade curativa, “... Paráliticos estendem-lhe membros mirrados, obtendo socorro. Cegos recuperam a visão. Ulcerados mostram-se limpos. Alienados mentais... recobram equilíbrio.

... Não salienta a confiança por simples ingrediente de natureza mística, mas sim por recurso de ajustamento dos princípios mentais, na direção da cura...”

“... Em Jesus é seus primitivos continuadores... mostram-se os valores mediúnicos a serviço da Religião Cósmica do Amor e da Sabedoria, na qual os regulamentos divinos, em todos os mundos instituem a responsabilidade moral segundo o grau de conhecimento, situando-se, desse modo, a Justiça Perfeita, no íntimo de cada um, para que se outorgue isso ou aquilo, a cada Espírito, de conformidade

com as próprias obras...”, fazendo do Evangelho “...o Código de Princípios Morais do Universo... a carta de conduta para a ascensão da consciência a imortalidade...” ([6], Cap. XXVI).

Em termos de aprendizado, salientou a continuidade da vida e o progresso do homem quando declarou não poder esclarecer tudo; mas que enviaria, mais tarde, o Parácleto, a fim de que este o pudesse fazer.

Resulta evidente que as realizações de Jesus não eram as de um médium no sentido comum de intermediário, como afirma Kardec em ([3], Cap. XV). Eram dele mesmo, pelos dons de que era possuidor e que, inclusive, teve de reduzir muito.

Que, como Espírito, ele seja possuidor de faculdades de comunicação com entidades de planos mais altos, certamente o será; apenas desconhecemos que forma elas possam ter adquirido, porque, tendo Jesus ultrapassado a fase humana, não sabemos de quais novos aspectos elas poderão ter-se revestido.

O que importa para nós, acima de tudo, é compreender que nossa marcha evolutiva dirige-se na aquisição da Sabedoria e do Amor, feita com esforço e denodo, cujo guia é o Evangelho, e cuja meta está simbolizada na figura excelsa de Jesus.

Os dons mediúnicos adquiridos e acrisolados como dons perenes e inalienáveis, em todas as suas modalidades, estaremos aptos a ingressar em novo plano evolutivo e a prosseguir em outras sendas de progresso.

a) — BIBLIOGRAFIA

- (1) — Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*
- (2) — Allan Kardec: *A Gênese*
- (3) — Allan Kardec: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*
- (4) — Allan Kardec: *O Que é o Espiritismo*
- (5) — Rino Curti: *Espiritismo e Sexualidade*
- (6) — André Luiz: *Mecanismos da Mediunidade*
- (7) — Allan Kardec: *O Livro dos Médiuns*
- (8) — Allan Kardec: *Obras Póstumas*
- (9) — Emmanuel: *O Consolador*

b) — LEITURAS COMPLEMENTARES

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c) — PERGUNTAS

- 1.^a — Qual o conceito básico do trabalho científico de investigação?
- 2.^a — Por que a Metapsíquica e a Parapsicologia negam ao Espiritismo estrutura científica?
- 3.^a — É de crer-se que Kardec admitia dogmas, no Espiritismo?
- 4.^a — Qual deve ser a atitude dos espíritas, perante os dogmas?
- 5.^a — O que significa dizer que Kardec codificou a Doutrina?
- 6.^a — Qual o papel dos espíritas, na construção doutrinária?
- 7.^a — Qual a diferença entre Metapsíquica e Espiritismo?
- 8.^a — E entre a Parapsicologia e o Espiritismo?
- 9.^a — Em que consiste o aspecto científico da Doutrina?
- 10.^a — A mediunidade, geralmente, é semelhante a uma ferramenta concedida para o exercício de uma tarefa. Explique.

- 11.^a — A mediunidade, em si, independe do desenvolvimento moral do médium; não o seu uso, porém. Explique.
- 12.^a — O que deve fazer o médium para atingir o máximo de suas possibilidades?
- 13.^a — Os médiuns, na concepção comum, são tarefeiros como outros quaisquer. Explique.
- 14.^a — O que representam os dons mediúnicos?

d) — PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel — *Seara dos Médiuns*

Estudar e pôr em prática os capítulos: “Inspiração”, e “Obsessão e Cura”.

e) — AULA PRÁTICA — (65 min)

Título — Conclusão — I

1.^a PARTE: Recomendações para a aula (2 min)

Emmanuel: “Justiça Divina” — Céu (pág. 65).

2.^a PARTE: O Trabalho (30 min)

Trata-se da conclusão do Curso. Nela salientam-se quatro pontos principais:

- 1.^o — o que é desenvolvimento mediúnic;
- 2.^o — Metapsíquica e Parapsicologia diferem do aspecto científico do Espiritismo;
- 3.^o — o que é desenvolvimento mediúnic;
- 4.^o — o que representa a mediunidade.

No 1.^o, faz-se uma crítica do conceito comum de mediunidade para, em seguida, colocar o conceito próprio, que a define como a evolução de um aspecto das faculdades de comunicação, inerentes ao Espírito, já existentes, em embrião, na própria mônada.

Conclui-se que, no sentido comum, a mediunidade, como meio de comunicação entre encarnados e desencarnados, utilizando como intermediários os animais, não é possível, em virtude das leis que regem o pensamento e a afinidade.

Mas há comando mental e subordinação entre seres superiores e inferiores, fundamentado nas faculdades de comunicação do Espírito.

Nada conhecemos ainda a respeito; e isto, principalmente, devido ao estágio em que nos encontramos.

Mostra-se, ainda, uma contradição entre a comunicação de Erasto, contida no “Livro dos Médiuns”, e o disposto no “Livro dos Espíritos”, a respeito deste assunto, concluindo que devemos permanecer com o enunciado no “Livro dos Espíritos”, mesmo porque a concepção de Erasto é dogmática.

Quanto aos outros itens, eles são tratados no capítulo 13.^o. — CONCLUSÃO — II.

LEIA TAMBÉM:

LENDAS DE OSIRIS

Carlos de Brito Imbassahy

Uma obra que não se restringe a contar apenas belas e míticas histórias de uma cultura tão rica quanto exótica como a egípcia.

Vai além: perscruta-lhe os enigmas, estuda seus conhecimentos e expõe o fundamento filosófico daquele povo reencarnacionista.

O CASTELO DAS AVES FERIDAS

Nancy Puhlmann di Girolamo

A autora escreveu sobre o que conhece e experimenta em seu dia a dia. Produziu, todavia, uma obra para ser lida por todos, e não apenas por pais e parentes de excepcionais.

O leitor, além de ter o seu universo mais ampliado, acaba gratificado: este é um livro lindo.

SEMÍRAMIS

(Rainha da Assíria, da Babilônia do Súmer e Akad)

Camilo Chaves

Romance histórico, extremamente bem escrito, exibindo um impecável trabalho de pesquisa.

O reinado e os conflitos de uma mulher - Semíramis - que viveu há cerca de oito séculos antes de Cristo. Exemplo raro - em vista da época - de mulher e governante.

A GÔNDOLA PRATEADA

M.B. Tamassía

Retorno da boneca Marly, "a pequena estafeta", que viaja com seus amigos numa gôndola espacial para um lugar habitado apenas por animais.

Em meio a muitas aventuras, presenciam o julgamento dos homens pelos animais.

LEIA TAMBÉM:

FRONTEIRAS DO ESPIRITISMO E DA CIÊNCIA

Carlos Toledo Rizzini

Estudo profundo e esclarecedor a respeito da origem e a evolução do pensamento humano, abrangendo a filosofia e o desenvolvimento científico.

Obra indispensável para a compreensão do estágio evolutivo do Homem na atualidade.

ESPIRITISMO E OBSESSÃO

Rino Curti

Trabalho científico sobre a obsessão - seu conceito, causas e intervenções - em que são sintetizados tipos de subjugação, obsessão na sexualidade, efeitos das alucinações nos alcoólatras e nos drogados, vampirismo, etc., em interpretações seguras e valiosas.

O CENTRO ESPÍRITA

J. Herculano Pires

Um dos maiores experts em Doutrina Espírita, o autor produziu uma vasta bibliografia onde despontam obras que já são consideradas verdadeiros clássicos.

Neste livro, ele aborda a função, significação e os serviços do Centro, a comunidade, as raízes africanas, Deus, as almas frágeis, a disciplina, os problemas religiosos, as curas, etc.

SALTO NO ESCURO

Helena Maurício Craveiro Carvalho

Uma obra com compromisso com a originalidade e o novo. Sem abrir mão de uma opção feita há anos, qual seja a de desvelar a mensagem perene da Doutrina Espírita, a autora ousa e se arrisca. E se dá bem. E ganha o leitor.

Enfim, um livro natural e espontâneo, forte e envolvente.

LEIA TAMBÉM:

O PASSE
(Imposição de Mãos)

Rino Curti

O *poder curador* como uma forma de mediunidade que depende, em grande parte, da assistência dos Espíritos. O *passé*, instrumento que manifesta esse *poder*, é descrito na sua essência, mostrando que sua aplicação não depende de técnicas.

Obra que aborda temas polêmicos, centraliza a discussão entre aqueles que negam e os que aceitam a existência do Espírito e a reencarnação.

A VIDA DE MARIA DAS DORES
(Sacrificado Amor)

Amaury Fonseca

O drama de Maria das Dores, uma linda mulher dotada dos mais nobres sentimentos, que conquistava a todos. Jovem viúva, ela se vê entre dois amores, como uma leve pena ao sabor do vento.

Ambientado na São Paulo de fins do século XIX, o romance mostra a paixão, a tentação e a luta moral ante as conveniências sociais daquele tempo.

MARLY,
a pequena estafeta

M. B. Tamassia

A exemplo de "Toinzinho e o anjo Galdino", do mesmo autor, esta é uma obra para todas as idades.

Marly é uma boneca do "outro mundo", ora fadinha ora bruxinha, que envolve-se em situações divertidas e rocambolescas com outras personagens igualmente inescrutáveis.

De suas aventuras, os jovens leitores irão extrair, com certeza, profundas lições de vida, à luz da Doutrina Espírita.

No plano físico, várias são as histórias de pessoas que, dominadas por paixões, abusos, viciações, complexos, conseguem disfarçá-los aparentando normalidade e dignidade. Temos lido, na Literatura Espírita, de vários casos nos quais, pessoas que conseguem ultrapassar a vida, após ter cometido crimes, sem que sejam descobertas, carregam, entretanto, em si, o tormento do remorso e sofrem a perseguição espiritual das próprias vítimas.

Mas por que nos entregamos, freqüentemente, a certos desvios?

Porque, providos da animalidade, guardamos tendências de natureza inferior, que temos de sublimar. Não o fazendo, ou por falta de discernimento, ou por rebeldia, ou por descaso das orientações de ordem moral, laboramos em erro. Pelo pensamento, arremessamos os princípios que nos determinam, por ação e reação com outras mentes afins, encarnadas e desencarnadas, as influências determinadoras de nossos estados psíquicos, caracterizados pelos tipos de emoção e conduta que adotamos. Conseqüentemente, padeceremos, em nós mesmos, o resultado de nossos erros, traduzidos em distúrbios físicos e ou mentais.

Enquanto no corpo físico, a pessoa poderá, até certo ponto, ocultar os efeitos resultantes dos excessos e ultraje a que se submeteu. Desencarnada, entretanto, não mais o pode. *“... Torturada por suas próprias ondas desorientadas, a reagirem, incessantes, sobre os centros e mecanismos do corpo espiritual, cai a mente nas desarmonias e fixações conseqüentes, porque o veículo de células extra-físicas que a serve, depois da morte, é extremamente influenciável, ambienta nas próprias forças os desequilíbrios que a senhoreiam, consolidando-se-lhe, desse modo, as inibições que, em futura existência, dominar-lhe-ão a personalidade, sob a forma de fatores mórbidos, condicionando as disfunções de certos recursos do cérebro físico, por tempo indeterminado...”* ([6], Cap. XXIV)

O pensamento, na sua ação de influenciar e ser influenciado por mentes afins, tem poder criador; elabora imagens sobre as quais se estrutura a comunicação entre mentes e o próprio agir. Simultaneamente, na sua ação de influenciar e ser influenciado por mentes afins, tem poder criador; elabora imagens sobre as quais se estrutura a comunicação entre mentes e o próprio agir. Simultaneamente, emite matéria mental com as mesmas características que, juntando-se às proporcionadas por outras mentes, de mesmo nível, contribui à formação de solos e paisagens nas quais os espíritos, por afinidade, vão se situar.

Quando o Espírito desencarna, revê os atos de sua vida, num perpassar de trás para diante, conseqüentes de suas ideações e elabo-

rações mentais. São estas que, ao serem revistas, recompõem as forças a elas inerentes, destroem o veículo físico e com os materiais resultantes da decomposição, reedificam o corpo espiritual de que se revestirão, materiais estes que, pelas forças em jogo, resultantes do teor de pensamentos cultivados, vão corresponder, em densidade, às forças atuantes. Desta forma, a pessoa irá se situar naqueles sítios espirituais que lhe correspondem, por afinidade, à natureza dos pensamentos.

“Entendendo-se que todos os delinqüentes deitam de si oscilações mentais de terrível caráter, condensando as recordações malignas que albergam no seio, compreenderemos a existência de zonas purgatoriais ou infernais como regiões em que se complementam as temporárias criações do remorso, associando arrependimento e amargura, desespero e rebelião.

Na intimidade dessas províncias de sombra, em que se agrupam multidões de criminosos, segundo a espécie de delito que cometeram, Espíritos culpados, através das ondas mentais com que essencialmente se afinam, se comunicam reciprocamente, gerando, ante seus olhos, quadros vivos de extremo horror, junto dos quais desvairam, recebendo, de retorno, os estranhos padecimentos que criaram no ânimo alheio...” ([6], idem)

Dessas regiões e desses sofrimentos, estudamos vários casos em “Dor e Destino”, escolhidos nos livros “Ação e Reação”, “Libertação”, ambos de André Luiz, como também em “O Céu e o Inferno” de Allan Kardec. Mas toda a Literatura Espírita descreve, com abundância de detalhes, essas regiões denominadas genericamente de Umbral, e a situação, nelas, dos Espíritos.

“... Claro está que, embora comandados por inteligências pervertidas ou bestializadas nas trevas da ignorância, esses antros fazem circunscritos no Espaço, fiscalizados por Espíritos sábios e benfazejos, que dispõem de meios precisos para observar a transformação individual das consciências em processos de purificação ou regeneração, a fim de conduzi-los a providências compatíveis com a melhoria já alcançada...” ([6], idem)

Em toda a Literatura mediúnica, lemos a existência de postos de socorro, instituições de recuperação, equipes assistenciais, que fazem incursões constantes, nas zonas purgatoriais, a fim de retirar aqueles que possuam condições de recuperação, embora tenham de enfrentar perigos e hostilidades por parte dos mais empedernidos, que constituem verdadeiras organizações devotadas ao mal, seviciando desencarnados, obsediando encarnados. Esclarece-se aí, ainda, que por mais degradado que seja o Espírito, por mais cristalizado que esteja nas sendas do mal, podendo nelas permanecer por séculos, senão milhares de anos, tal permanência, entretanto, não é eterna. Sempre o Espírito terá de enfrentar encarnações difíceis, processos de submissão à dor, conseqüência de seu estado, que terminam, mais cedo ou mais

tarde, por estilhaçar os envoltórios da ignorância em que o Espírito está imerso, reconduzindo-o aos caminhos da evolução.

Há criaturas que, envolvendo-se nas obras do mal, se tornam verdadeiros demônios de maldade e viciação, sem que esta condição, entretanto, seja eterna. Há sempre um momento em que o Espírito se rende ao bem e retoma a caminhada, auxiliado pelos obreiros do bem que, incansavelmente, permanecem em constante auxílio e cooperação.

Caso em que um Espírito endurecido, há mil anos, permanece enredado no mal, está narrado em ([7], Cap. VII, 4)

3 — NASCE-SE PSICOPATA

“...Dos abismos expiatórios, voltam à reencarnação quantos se mostrem inclinados à recuperação dos valores morais em si mesmos...”

Em ([8], Cap. XII), vimos vários casos de Espíritos devedores de encarnações passadas, que são acolhidos para encaminhamento a nova oportunidade no plano carnal. Otávio, por exemplo, abraçaria a tarefa mediúnica, tendo-se preparado para isso, 30 anos no Plano Espiritual.

Reencarnando, em geral, os Espíritos reparecem no plano físico entre aqueles que os induziram à queda.

“...Reaparecem desse modo, na arena física. Mas, via de regra, quando não se mostram retardados mentais, desde a infância, são perfeitamente classificáveis entre os psicopatas amorais, segundo o conceito da “moral insanity”, vulgarizado pelos ingleses, demonstrando manifesta perversidade, na qual se revelam constantemente brutalizados e agressivos, petulantes e pérfidos, indiferentes a qualquer noção da dignidade e da honra, continuamente dispostos a mergulhar na criminalidade e no vício.

Aqueles Espíritos, relativamente corrigidos nas escolas de reabilitação da Espiritualidade, desenvolvem-se, no ambiente humano, enquadráveis como representantes de várias doenças e delírios psíquicos, inclusive aberrações sexuais diversas...”

Quer dizer, ao reencarnarem, trazem os estigmas das tendências inferiores, que lhe provocaram as quedas, e ressumam novamente à evidência, diante dos estímulos do meio, que o espírito em reabilitação deve enfrentar para corrigir e sublimar, nas provas de recapitulação que lhe povoam a existência.

Assim, por exemplo, uma pessoa que, na reencarnação passada, tenha cometido suicídio aos quarenta anos, nesta, também aos quarenta, passará por situações que lhe redespertarão o mesmo sentimento de aniquilação da vida. Se, entretanto, ele tiver reconstruído valores, de modo a suportar a fase, ultrapassará o momento sem reincidir, caso contrário, sucumbirá novamente.

O mesmo sucede com todos os deslizes morais de que o Espírito seja portador, sejam eles de qualquer expressão, maior ou menor.

4 — MÊDIUNS DOENTES

“...Tais enfermos da alma...” e todos os portadores de mazelas, pequenas ou grandes, “...tantas vezes submetidos sem resultados satisfatórios, à insulina, à convulsoterapia, quando recomendados ao auxílio dos templos espíritas, são médiuns doentes, afinizados com os fulcros de sentimento desequilibrado de onde ressurgiram para novo aprendizado entre os homens.

Por certa quota de tempo, são intérpretes de forças degradadas, às quais é preciso opor a intervenção moral necessária, do mesmo modo que se prescreve medicação aos enfermos.

Trazendo consigo as seqüelas ocultas da internação na província purgatorial, de que se voltam pela porta do berço terrestre, exteriorizam ondas mentais viciadas que lhes alentam as disfunções dos implementos físicos, ondas essas pelas quais recolhem os pensamentos das entidades inferiores a lhes constituírem a cobertura da retaguarda...”

O que é geral. Quando as tendências a serem sublimadas afloram à mente, elas constituem o material sobre o qual o nosso intelecto vai operar, cujo resultado faz a mente emitir ondas que influenciam outras afins e são por elas influenciadas, ao mesmo tempo que estabelece o tônus vibratório que nos fixa os estados de saúde física e mental. Enquanto tais tendências não sejam aperfeiçoadas, elas produzirão efeitos indesejáveis, tornando-nos emissores e receptores e, portanto, médiuns de forças degradantes.

5 — SOCORRO CELESTE

“...Forçoso é considerar que a atividade religiosa, digna e venerável, em qualquer setor da edificação humana, exprime socorro celeste aos desajustes morais de quantos se demoram na reencarnação, buscando a restauração precisa...” ([6], idem)

Como já dissemos, à Religião cabe o descortínio das leis que nos mantem em comunicação com o Mundo Maior, o que se fundamenta no aperfeiçoamento dos sentimentos, segundo a moral, indicada por ele, mas que cabe ao homem assimilar pela razão.

“...E compreendendo-se que elevada percentagem das personalidades humanas traz, no imo do próprio ser, raízes e brechas de comunhão, com o pretérito de sombra, através das quais são suscetíveis de sofrer os mais estranhos processos de obsessão oculta — a se

reavivarem, constantes, nos diversos períodos etários que correspondem ao tempo de formação dos débitos cármicos que buscam equacionar no corpo terrestre —, é justo encarar, assim, a oportunidade e a excelência do amparo moral da Doutrina Espírita, como sendo o recurso mais sólido na assistência às vítimas do desequilíbrio espiritual de qualquer matiz, por oferecer-lhes, no estudo nobre e no serviço edificante, o clima indispensável de transmutação e harmonização, para assimilarem a influência benéfica dos agentes espirituais da necessária renovação. . .” ([6]; idem)

Como já dissemos, o ser humano ao ingressar neste mundo, recapitula: no útero, a série filogenética da espécie; na infância, a evolução mental desde as primeiras reencarnações; na puberdade, o despertar das próprias tendências, cujo aparecimento dar-se-á nos momentos que correspondem ao seu tempo de formação. O homem que se tenha suicidado aos quarenta anos em encarnação anterior, nesta, aos quarenta, passa pela mesma tentação, à qual sucumbirá ou não, segundo a reconstrução de valores que tenha efetuado. A morte violenta, quando jovem, pode corresponder a uma ocorrência de algumas encarnações passadas.

Hoje, numa sociedade cientificista, sem Deus, é nesses momentos de dor que as pessoas, buscando uma explicação, não a encontram. Deparam-se com uma Ciência que é vazia a este respeito, e religiões estagnadas, divorciadas das fontes lídimas da Revelação, que, desatualizadas, já não oferecem o sustentáculo que se faz necessário nestas ocasiões. Cabe à Doutrina Espírita, no seu recompor a Religião, nas bases lídimas da Revelação renovada e ampliada — a terceira Revelação — constituir-se na Doutrina consoladora, capaz de ofertar os elementos amplos de recompor as forças de quem pensa sucumbir, fazendo-lhe reencontrar os caminhos da esperança e da redenção.

a) — BIBLIOGRAFIA

- (1) — Allan Kardec: *A Gênese*
- (2) — Emmanuel: *Roteiro*
- (3) — Philomeno de Miranda: *Nos Bastidores da Obsessão*
- (4) — Emmanuel: *Pão Nosso*
- (5) — André Luiz: *Mecanismos da Mediunidade*
- (6) — Rino Curti: *Dor e Destino*
- (7) — Rino Curti: *Mediunato*

b) — LEITURAS COMPLEMENTARES

Ler os capítulos das obras citados no texto.

c) — PERGUNTAS

- 1.^a — Como pode começar uma obsessão?
- 2.^a — Podemos nós ser vítimas dos outros, encarnados ou desencarnados, ao bel prazer?
- 3.^a — O que se quer dizer com: a obsessão é sempre bilateral?

- 4.^a — Disserte sobre o princípio da não-violência.
- 5.^a — Como explica a agressividade de Neves contra o genro?
- 6.^a — *Evita contender!* Estude o comentário em “Pão Nosso” e comente-o.
- 7.^a — Por que nos entregamos, freqüentemente, a certos desvios?
- 8.^a — O que são zonas purgatoriais?
- 9.^a — Que tipo de fiscalização exercem nelas os Espíritos sábios e benevolentes?
- 10.^a — Há espíritos endurecidos no mal. Explique.
- 11.^a — O que se quer dizer com “nasce-se psicopata”?
- 12.^a — Por que os que nascem psicopatas devem ser considerados médiuns doentes?
- 13.^a — Qual o papel da Religião no desenvolvimento do Espírito?
- 14.^a — Qual a importância da Doutrina Espírita?

d) — PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel — *Seara dos Médiuns*

Estudar e pôr em prática os capítulos: “Obrigação, Primeiramente”, “Obsessão e Evangelho”.

e) — AULA PRÁTICA — (65 min)

Título: *Embates de Consciência*

1.^a PARTE: Recomendações para a aula (2 min)

Emmanuel: “Justiça Divina” — *Pai* (pág. 57)

2.^a PARTE: O Trabalho (30 min)

Narra-se, no Cap. IX, das conseqüências funestas resultantes da ação de um obsediado sobre pessoas eleitas para seu alvo. No caso, Cláudio ultraja Marita, vindo a saber, depois, tratar-se de sua filha, tida de Aracélia que, em conseqüência de semelhante ultraje, suicidara-se.

Fato semelhante ocorre com Marita: desesperada, em total descontrolo emocional, e após tentativa malograda de suicídio, é vitimada por atropelamento e recolhida a hospital, em situação irremediável.

Todos esses fatos, naturalmente, são relacionados ao despreparo religioso.

Cláudio alcançara, sem dúvida, o objetivo que se propusera, com o auxílio de desencarnados obsessores.

“*Obterás o que pedes!*” conclue-se; mas a que preço. Somos livres na escolha, mas não podemos escapar-lhes às conseqüências.

Cláudio, ao certificar-se da verdade, também degradingola; sem orientação religiosa, o que lhe acarreta o deslize imperdoável, desorienta-se e a idéia de aniquilamento próprio, de suicídio, alberga-se em sua mente: não suporta o mal causado, muito mais por tê-lo feito à própria filha.

Providencialmente, um amigo de Marita, espírita, o coloca em contato com a Doutrina que, sem condenar, lhe aponta caminhos de redenção. Nem tudo estava perdido: poderia redimir-se, se quisesse.

Daí a importância das Escolas Espíritas. Numa época em que a civilização se guia por doutrinas sem Deus, é a elas que cabe instruir aqueles que, nos embates da vida, no sofrimento, descobrem haver necessidade de preencher o vazio que tais doutrinas deixam, quando o espírito cai em falta.

Sacudido pelo sentimento de falido sem esperança, encontra na leitura evangélica, apoiada nos princípios de reencarnação e evolução, a tábua de

salvação à qual se agarra com o desespero do náufrago, imbuído-se de idéias renovadoras, pelas quais haveria de dedicar-se à filha, nos seus estertores finais, com a mais pura das devoções.

Esta renovação como que opera o desligamento total dos laços que o uniam ao obsessor que, embora também atingido pela rudeza dos acontecimentos, não se renova, e não encontra mais, no comparsa de antes, a sintonização que os unia.

A mudança drástica de pensamentos opera a desobsessão, revelando manifesta seu mecanismo, a única forma de desfazê-la, pois sem isto, ela está infensa a qualquer intervenção.

Neste momento, entretanto, revela-se a bondade das leis divinas, pois que, ao consumir-se o desfazimento dos liames obsessivos, encontra o Espírito o socorro espiritual, não importa qual tenha sido a causa que o impedia, renovando benéfico o regozijo que se estabelece pela recuperação de mais uma alma que se desviara, ao som de:

“Coragem, meu filho! O Senhor não te desampara.”

MEDIUNIDADE E DESOBSESSÃO

1 — TRATAMENTO DA OBSESSÃO

As faculdades do Espírito têm suas raízes nas faculdades do princípio inteligente individualizado — a mônada — tal como é criada pela Suprema Inteligência, resultando no que são, desde a sua origem até o presente momento, pelo progresso efetuado em função do próprio esforço, aprendizado e experiência adquiridos.

A mediunidade, como faculdade, é um aspecto do desenvolvimento das faculdades de comunicação da mônada. Quando pensamos, emitimos radiações, influenciando mentes afins em posição ativa; ou recebemos delas, em posição passiva, de uma maneira que variará a sugestão até o domínio mais completo, dependendo do grau de passividade.

O que denominamos de mediunidade, no seu sentido mais amplo, é esta faculdade que, no intercâmbio entre mentes, faz uma delas tornar-se receptora. Denominamos médium ao receptor; fenômeno mediúnico, ao resultante desta ligação.

No conceito comum de mediunidade, mais restrito, estão implícitos a transmissão de idéias, a razão, a vontade, a liberdade de escolha de motivos e interesses, tudo importando no conceito de natureza humana. Entretanto, não deixa de ser desenvolvimento de faculdades de comunicação inerentes ao ser vivo, existentes em embrião na própria mônada.

As palavras mônada e Espírito têm sido usadas para diferenciar o espírito individualizado nos seres inferiores e no homem, respectivamente. Trata-se de um cuidado que facilita a clareza do entendimento, mas desnecessário, uma vez que os próprios Espíritos utilizam a palavra Espírito, no “Livro dos Espíritos”, indiferentemente, a partir de sua própria criação, na pergunta 80.

Os Espíritos são criados como princípios ativos; os fluidos constituem os elementos passivos sobre os quais eles exercem sua ação. Desta ação, sobre os entes materiais, depende sua evolução, regida por leis de ordem e harmonia e de cooperação entre todos os espíritos: os de menos, igual ou maior grau evolutivo, leis estas que exprimem os imprescrutáveis desígnios do Senhor.

Enquanto nascituros, os Espíritos não possuem qualquer grau de liberdade expressivo: são conduzidos e comandados pelos que lhes antecedem em crescimento. Com o avanço, entretanto, ampliam-se-lhes os graus de liberdade de ação crescente, iniciando-se no livre arbítrio somente no reino hominal. Em qualquer estágio que se encontrem, entretanto, tornam-se capazes de exercer determinadas funções, que executam ao comando de seres que lhes são superiores; haja vista a célula que, como ser vivo, no corpo humano, desponta como animáculo infinitesimal, comandado pela mente e executando tarefas, ou funções das quais se desempenham como seres capazes de efetuá-las.

O que queremos ressaltar, entretanto, é a posição dos Espíritos, uns em relação aos outros. Empenhados em realizações conjuntas, nas quais o resultado depende diretamente da cooperação entre eles, qualquer que seja o estágio evolutivo de cada um, o superior comanda o inferior; o inferior subordina-se ao superior, e a boa realização é o resultado da ação combinada na edificação do bem geral.

Para os seres inferiores a obediência é compulsória: o mundo superior conduz o inferior ao crescimento espiritual, submetendo-o às experiências necessárias, de forma progressiva. Já na fase humana, seres, tendo a seu cargo a própria evolução, são conduzidos pelo Mundo Maior de uma forma que está condicionada ao exercício de sua livre escolha, ou livre arbítrio. A partir de um certo estágio de sua evolução, para nós indefinível, o Espírito passa a exercer comando sobre outros inferiores, enquanto continua a subordinar-se aos que lhe antecedem a jornada. Por exemplo, todo ser vivo que tem um corpo pluricelular, comanda as células que o servem.

A incompreensão desta posição, no concerto da criação, torna o homem um desviado nos dois sentidos: em relação aos que o seguem, pelos abusos, a matança, a exploração desenfreada, engeguecido na satisfação momentânea dos próprios interesses; em relação aos que o antecedem, desconhecendo-lhes as orientações, sempre avultadas pela Revelação, feita através da mediunidade, própria ou alheia, que despreza, quando o alertam de que o bem almejado se encerra no bem da maioria; que o servir lhe é o fundamento, e que a condição mais propícia do receber está no dar. Nestes desvios, abrem-se as portas da obsessão, através da qual, não se dispende a servir como cooperador nas obras da criação, termina por submeter-se a entidades malévolas que o escravizam, tornando-o de explorador a explorado, no sentido mais penoso do termo.

A não intervenção dos Espíritos Maiores, nos casos de obsessão que nos afligem, não é meramente uma questão de impossibilidade. As leis que regem o Espírito são as de que nele está a possibilidade de escravizar-se ou libertar-se, sem que outros possam intervir contra a vontade dele. Quando nos ligamos a outra mente, a fonte das forças de ligação está em nós e é por elas que nos imantamos

mutuamente. A única forma de desfazermos laços consiste em anular estas forças, criadas por nós, o que depende exclusivamente de nosso arbítrio e que podemos realizar desde que modifiquemos o teor de nossos pensamentos. Os outros só podem oferecer elementos de indução que nos cabe aceitar ou não.

Nem sempre a mudança voluntária é fácil. Há casos em que o Espírito permanece séculos atrelado a uma conjugação mental de baixo nível. Mesmo assim, sempre surge o momento da libertação, pois, em falhando toda sugestão libertadora, o sofrimento comparece como último recurso a remover toda dificuldade.

Conta o Irmão X, em ([1], Cap. 14), de Sinfrônio Lacerda, um eficiente colaborador para os obsediados: solícito e pressuroso com os doentes, porém ríspido e desapiedado com os desencarnados sofredores ou ignorantes. Nos obsediados via sempre vítimas inocentes; nos *“...transviados invisíveis, os verdugos de sempre...”*

Ao que, um de seus mentores, não raro lhe recomendava maior entendimento. *“...Nem sempre o perseguido está isento de culpas. Os que exibem a carne doente podem ser grandes devedores. . . devo esclarecer-te que não nos cabe olvidar a obrigação de repartir os recursos do auxílio com as vítimas e os algozes, em posições iguais. Por vezes . . . o desencarnado desditoso é mais digno de amparo que o encarnado aparentemente sofredor. . . Não te dirijas, pois às pobres entidades da sombra, com descabidas exigências. . . não excludas a fraternidade e a compreensão. . .”*

Lacerda, entretanto, não alterava seu procedimento, até que certo dia, a própria filha Angelina, de quinze anos, foi acometida de sérias perturbações psíquicas. O pai, sem delongas, iniciou tratamento, mas infrutiferamente. Seus métodos, desta vez, faliam. Certa ocasião, na manifestação do sofredor, investiu-lhe contra, ordenando-lhe o afastamento, e o que conseguiu foi o agravamento do estado de saúde da filha, que prostrou-se em coma. Suplicando o auxílio do mentor, ouviu deste que Angelina estava profundamente unida ao obsessor, desde séculos, tanto quanto ele, e que ele mesmo, em época remota, perturbara-lhe o lar. Agora ambos procuravam-no em busca de equilíbrio. A atitude por eles tomada iria provocar o desencarne da própria filha, a menos que trouxesse a entidade de volta para junto da filha, afetuosamente, orientando-o para o Senhor.

“...ama-o quanto podes...” foi a recomendação, *“...porque só o amor pode curar o ódio...”*.

2 — DESOBSESSÃO

O exemplo de Cláudio é extremamente esclarecedor. Atingido pelo remorso irrefreável de ter sido o estuprador da própria filha, o causador de sua já inevitável morte, como o forra de Aracélia, a mãe

da pobre indigitada, no momento extremo em que, esmagado pelo peso das conseqüências de seus atos, pensa tirar-se a própria vida, eis que se lhe abre no íntimo a brecha pela qual penetraria a sugestão salvadora, alterando-lhe completamente a direção dos próprios pensamentos.

Pois, é nisto que Moreira já não encontra mais eco. Estabelece-se um distanciamento entre ambos, a partir deste momento, pela alteração profunda do mundo íntimo em Cláudio, que já não responde aos estímulos do outro. Obliteram-se-lhe os canais de receptividade aos apelos do obsessivo; altera-se-lhe a faixa de sintonia. Adotando outra ordem de pensamentos, abre-se à recepção de outra ordem de sugestões, de natureza superior; restabelece vias de comunicação com as fontes da vida; reencontra as forças que lhe restituem o poder de enfrentar as vicissitudes, embora amargas, mas com as luzes da esperança reacesas.

Outra é a reação de Moreira. Embora profundamente abalado pelos acontecimentos, sente-se mais defraudado do que o comparsa e um dos causadores da tragédia; roubado nos seus interesses, e não culpado; sentimento este que se lhe agigante no imo do ser, principalmente pelas próprias lamentações da acidentada.

“... Insciente das complicações que gerava... reconstituía na imaginação as aperturas da existência. Acusava a irmã por todos os infortúnios. Exibia-lhe a figura na tela da memória como sendo a inimiga imperdoável... Marina, a furtar-lhe as carícias maternas. Marina, a surrupiar-lhe as oportunidades. Marina, a roubar-lhe as afeições. Marina, a subtrair-lhe o eleito dos sonhos juvenis... ”

... aquela desventurada menina desconhecia os poderes do pensamento. Não sabia que, fora da indulgência e da brandura, invocava desagravo e, assim procedendo, não apenas enredava a família em duras provações, mas igualmente punha a perder o valioso trabalho de recuperação daquele amigo necessitado de afeição e de luz.

O ex-assessor de Cláudio, ao absorver-lhe as confidências mudas, em que relacionava os pesares mais íntimos, dos quais não tivera ele conhecimento, retomava, a pouco e pouco, a brutalidade que, anteriormente, lhe marcava a expressão... ” ([2], 2.^a Parte, Cap. III)

Nogueira voltava-se para as sugestões dos orientadores; Moreira *“... embecendo-se... nos queixumes daquela que classificava como sendo para ele a mulher querida, restaurava em si mesmo a selvageria da fera sequiosa de sangue. Respondendo-nos às petições de calma e tolerância, clamava que não, que não... Ninguém o faria renunciar à guerra pela tranqüilidade daquela que amava; alegava desconhecer, até então, o martírio que a irmã lhe aplicara durante a vida inteira e insistiria no desforço... ”*

Marina se tornaria *“... pasto robusto a nova desorientação... ”*

Nada que se pudesse fazer: nem sustar as lamentações da menina, nem reconduzir a serenidade ao ex-obsessivo.

No exemplo do pai de Marina, encerra-se o significado do poder da oração. Por ela damos abertura aos poderes mediúnicos de que somos portadores, para estabelecer contacto com os emissários do bem. No mecanismo da dor profunda, ela se torna espontânea; no caso da oração, ela resulta do ato voluntário capaz de proporcioná-la, no esforço da concentração.

Fagamos uma analogia. Nós estudamos, em ([3], Cap. V) que a hipontização de certa pessoa pode ser feita iniciando-se com técnicas, não importa quais, a fim de induzir a pessoa à apassivação. E que, com a repetição, qualquer técnica se torna dispensável, tornando-se a pessoa hipnotizável apta ao condicionamento por simples atitude de adesão dela mesma.

O mecanismo da indução do hipnotizador consiste em conduzir o paciente a emitir ondas mentais, que se coadunem com as dele, a fim de estabelecer, entre ambos, corrente mental para a permuta de valores. Trata-se de estabelecer estímulos para facilitar a exteriorização dos recursos da mente para o intercâmbio.

É o mecanismo dos reflexos condicionados.

Da mesma maneira que inventaram técnicas para estabelecer o reflexo condicionado, capaz de induzir a corrente mental entre hipnotizado e hipnotizador e, portanto, o intercâmbio: um, em estado passivo, o outro no ativo, assim, através dos tempos, a fim de estabelecer o reflexo condicionado capaz de exteriorizar os recursos mentais do indivíduo para o intercâmbio com o plano espiritual, num autêntico fenômeno mediúnico, os homens inventaram toda sorte de apetrechos, com o intuito de incentivar o desencadeamento do reflexo condicionado. *“... Talismãs e altares, vestes e paramentos, símbolos e imagens, vasos e perfumes... ”* todos eles constituindo tais apetrechos *“... destinados a incentivar a produção de ondas mentais nesse ou naquele sentido, atraindo forças do mesmo tipo que as arremessadas pelos operado dessa ou daquela cerimônia mágica, ou religiosa, e pelas assembléias que os acompanham, visando a certos fins... ”* ([4], Cap. XXV)

O que importa entender é que, sempre que nos concentramos fortemente numa idéia, estabelecemos esta emissão de ondas mentais, que cria corrente mental com outras semelhantes, e intercâmbio.

Conforme o teor das vibrações emitidas, induzimos nos outros a emissão de energias do mesmo tipo. É comum observar-se *“... o reflexo condicionado (ou ação independente da vontade que se segue, imediatamente, a uma excitação externa, na base das operações da mente, objetivando esse ou aquele gênero de serviço.*

Daí resulta o impositivo da vigilância sobre a nossa própria orientação, de vez que somente a conduta reta sustenta o reto pensa-

mento e, de posse do reto pensamento, a oração, qualquer que seja o nosso grau de cultura intelectual, é o mais elevado toque de indução para que nos coloquemos, para logo, em regime de comunhão com as Esferas Superiores.

De essência divina, a prece será sempre o reflexo positivamente sublime do Espírito, em qualquer posição, para obrigá-lo a despedir de si mesmo os elementos mais puros de que possa dispor. . .” ([4], Cap. 25).

4 — MEDIUNIDADE E ORAÇÃO

“Nisto estão as razões pelas quais o Espiritismo taxa de inúteis, imagens, altares, vestes, paramentos, símbolos, cânticos. . .”, porque não constituem senão “. . .apetrechos de indução para a produção de ondas mentais neste ou naquele sentido. . .”. Se foram úteis, o foram na infância da Humanidade; mas não atualmente, no estágio em que o homem se encontra, ou pelo menos para quem conhece o que seja a mediunidade. A prece não é senão que o ato voluntário de situar-se no estado mediúnic, comum a todos, para o intercâmbio com o Plano Maior.

E esta condição é verdadeira para qualquer fenômeno mediúnic.

E esta condição é verdadeira para qualquer fenômeno mediúnic.

Da mesma forma que o espírito, conhecedor da Doutrina, recém-egresso da ignorância do fenômeno mediúnic, não necessita recorrer a imagens, altares, rituais, cânticos, etc. . ., para se situar no estado mediúnic correspondente à prece, semelhantemente não necessita recorrer a gesticulações, fórmulas ou técnicas quaisquer para realizar o fenômeno mediúnic do passe.

E aí estão, também, as razões de porque é inútil toda prece decorada ou lida, sem a correspondente adesão ao estado de emotividade da pessoa. Porque, em se tratando de fenômeno mediúnic, a pessoa não se situa no toque e emissão das próprias ondas mentais e na passividade apta a captar os benefícios do intercâmbio com as fontes do Bem.

“. . .A mente centralizada na oração pode ser comparada a uma flor estelar, aberta ante o Infinito, absorvendo-lhe o orvalho nutriente de vida e luz. . .”

Aliada à higiene do espírito, a prece representa o comutador das correntes mentais, arrojando-as à sublimação. . .”

Diz ainda, André Luiz, que, do mesmo modo que o homem conta com inúmeros meios de preservar o corpo físico “. . . e no que tange à saúde utiliza a consulta a médicos e nutricionistas, professores e orientadores diversos. . .”, analogamente é natural que se

valha da prece para angariar a inspiração de que precisa a fim de afinizar-se com as diretrizes superiores.

“. . .No circuito de forças estabelecido com a oração, a alma não apenas se predispõe a regenerar o equilíbrio das células físicas viciadas ou exaustas, através do influxo das energias renovadoras que incorpora, espontaneamente, assimilando os raios da Vida Mais Alta a que se dirige, mas também reflete as sugestões iluminativas das Inteligências desencarnadas de condição mais nobre, com as quais se coloca em relação. . .”

Mentalmente, o homem se situa num mar de ondas mentais heterogêneas, que o compelem à fadiga e à irritação quanto se constituam de ondas enfermigas, provenientes de “. . .desencarnados em posição de angústia e que lhe partilham o clima psíquico, ou de oscilações desorientadas dos próprios companheiros terrestres desequilibrados a lhe respirarem o ambiente. Todavia, tão logo se envolva nas vibrações balsâmicas da prece, ergue-se-lhe o pensamento aos planos sublimados, de onde recolhe as idéias transformadoras dos Espíritos benévolutos e amigos, convertidos em vanguardeiros de seus passos, na evolução.

Que a prece, na sua mais lídima expressão, não deva ser um simples peditório, ou uma recitação maquinal, sem envolvimento emocional, devendo realizá-la como um ato mediúnic, é o que toda literatura espírita esclarece e André Luiz reafirma em ([idem]).

Diz ele: “. . .A mediunidade, na ordem superior da vida, esteve sempre associada à oração, para converter-se no instrumento da obra iluminativa do mundo.

Entre os egípcios e hindus, chineses e persas, gregos e cipriotas, gauleses e romanos, a prece, expressando iniciação ou louvor, adoração ou meditação, é o agente refletor do Plano Celeste sobre a alma do homem.

Orando, Moisés recolhe, no Sinai, os mandamentos que alicerçam a justiça de todos os tempos e, igualmente, em prece, seja nas margens do Genesaré ou em pleno Tabor, respirando o silêncio do Getsemani ou nos braços da cruz, o Cristo revela na oração o reflexo condicionado de natureza divina, suscetível de facultar a sintonia entre a criatura e o Criador. . .”

a) — BIBLIOGRAFIA

(1) — Irmão X: *Contos e Apólogos*

(2) — André Luiz: *Sexo e Destino*

(3) — Rino Curti: *O Passe*.

(4) — André Luiz: *Mecanismos da Mediunidade*

b) — LEITURAS COMPLEMENTARES

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c) — PERGUNTAS

- 1.^a — Como devemos entender a mediunidade, nos seu sentido mais amplo de faculdade?
- 2.^a — De que depende a evolução do Espírito?
- 3.^a — Como classifica uma boa realização?
- 4.^a — O que se que dizer com: o homem se torna um desviado nos dois sentidos?
- 5.^a — Por que, em geral, os Espíritos não podem intervir para o rompimento das obsessões?
- 6.^a — Como devemos tratar os obsessores?
- 7.^a — Como Nogueira se desliga de Moreira?
- 8.^a — Como explica a não regeneração de Moreira?
- 9.^a — Na oração, qual o papel das imagens, altares, etc...?
- 10.^a — Dizemos que na prece realizamos um ato mediúnicos. Explique
- 11.^a — Dissemos, também, que a prece realiza um reflexo condicionado. Explique.
- 12.^a — Por que a prece não deve ser dita maquinalmente, decorada ou lida?
- 13.^a — Qual o valor da oração?
- 14.^a — Por que a prece não deve resumir-se em simples peditório?

d) — PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel — *Seara dos Médiuns*
Estudar e pôr em prática os capítulos:
"Mediunidade e Doentes", "Sabes".

e) — AULA PRÁTICA — (65 min)

Título: *Por que da Obsessão*

1.^a PARTE: Recomendações para a aula (2 min)

Emmanuel: "Justiça Divina" — *Em Oração e Serviço* (pág. 59)

2.^a PARTE: O Trabalho (30 min)

A obsessão pode nascer de uma sugestão que nos seja feita mentalmente por Espíritos inferiores, mas à qual nos sintonizamos e aceitamos, submetendo-nos ao seu domínio. Não nos tornamos vítimas, mas fascinados, coniventes. Ou então pode resultar de envolvimento em contenda. Não ocorrerá, entretanto, desde que permaneçamos refugiados nos pensamentos de ordem elevada, a nossa defesa.

A rebeldia, o apego às ilusões do mundo, são sempre portas abertas para que as obsessões se insinuem; ou o deleite nas baixas emoções. E, quem quer que seja, pouco ou nada pode fazer, porque os liames entre obsessor e obsediado se estabelecem pela conjugação mental entre ambos.

Todos provimos da animalidade: crescer, evoluir, progredir, consistem em enfrentar as tendências de nossa inferioridade e sublimá-las. Não sufocá-las, abafá-las ou pensar em desconhecê-las; mas dar-lhe curso num labor incessante de aperfeiçoamento, burilamento, à guisa de matéria prima bruta que trabalhamos para transformá-la em qualidades e forças positivas a nos sustentarem a caminhada.

Como fazê-lo? Do mesmo modo que se faz em todas as coisas nas quais nos aperfeiçoamos: estudando, esforçando-nos por compreender e alcan-

çar o conhecimento dos que nos podem orientar, e pôr-lhes em prática os ensinamentos, sem receio dos erros que possamos cometer, nem cair em desânimo pelas tentativas iniciais que possam resultar mal sucedidas. As conquistas se fazem à custo de esforço, perseverança, dênodo, nas quais erros e sucessos constituem a argamassa e os calhaus, de cuja interrelação resulta a edificação.

O pensamento tem poder criador. E necessário aprender a dominá-lo e conduzi-lo no sentido lídimo das conquistas edificantes.

O pensamento desequilibrado não só nos conduz a ação para os insucessos, aduzindo-nos dor e sofrimento; mas contribui à formação dos solos e paisagens, no Plano Espiritual, nos quais iremos nos situar e sanar as injúrias que tenhamos provocado em nossa organização peripiritual.

Apesar de tudo, o Espírito faltoso é sempre auxiliado e amparado, para refazer-se. Sempre é-lhe indicado tratamento que, iniciado, ou no plano físico, ou no espiritual, quase sempre necessita prolongar-se em outra encarnação, complementarmente, mas que é suscetível de não efetivação ou realização incompleta, pelo descaso de nosso livre arbítrio. Poderemos falhar, acrescentar novos elementos de gravame ou retardamento à nossa situação, mas cedo ou tarde, refeitos, sempre reencetaremos a caminhada evolutiva, não existindo situações perenes e irremediáveis. Enquanto isso, traremos sempre, a nos condicionarem a situação íntima, os estigmas das mazelas de que nos fizemos detentores.

A obsessão relaciona-se sempre à mediunidade: a mediunidade de provação. Todo obsediado deve ser considerado um médium doente, intérprete de forças degradadas. Assim como o remédio é a prescrição de medicamento para o enfermo físico, a intervenção moral é a prescrição medicamentosa para o doente psíquico.

Nisto, o papel preponderante para o reequilíbrio é a atividade religiosa. Por ela, estabelecemos os caminhos mais próprios de comunicação com o Mundo Maior, o manancial de todos os bens de que necessitamos. E, nela, a Doutrina Espírita se destaca em especial modo, "... como sendo o recurso mais sólido na assistência às vítimas do desequilíbrio espiritual... por oferecer-lhes, no estudo nobre e no serviço edificante, o clima indispensável da transmutação e harmonização, para assimilarem a influência benéfica dos agentes espirituais da necessária renovação..."

CONCLUSÃO - I

1 — TÉRMINO DO CURSO

Com este capítulo, terminamos o Curso de Educação Mediúnica. Com ele, no que respeita à mediunidade, varreu-se a Literatura Espírita, desde as obras fundamentais de Kardec às obras subseqüentes ditadas por André Luiz; Emmanuel, Humberto de Campos e outros no intuito, inclusive, de dar a conhecer esta Literatura e um dos principais objetivos das escolas.

Certamente, não a perlustramos toda; mas fizemos o suficiente para esclarecer o aluno quanto às lídimas fontes de consulta, sobre as quais possa esclarecer-se, indicando os caminhos pelos quais ele deverá orientar-se, para a continuação do próprio desenvolvimento, que não termina, e irá exigir-lhe contínua dedicação.

Com isto, vários pontos devem ter ficado claro:

- 1.º — o que é a mediunidade e os escolhos para a sua compreensão e seu exercício;
- 2.º — que a Metapsíquica e a Parapsicologia não devem ser confundidas com o aspecto científico da Doutrina; e que o Espiritismo — a doutrina dos Espíritos —, embora lhes valorize o trabalho, difere delas profundamente;
- 3.º — que o desenvolvimento mediúnico é, propriamente, desenvolvimento da personalidade, intelectual e moral.
- 4.º — que a mediunidade é o desabrochar de poderes que o homem alcançará no seu desenvolvimento futuro, no encerramento do ciclo das reencarnações, de maneira semelhante aos possuídos por Jesus, o Ser mais perfeito que a humanidade conheceu; pontos estes que se constituem nos pontos cardeais de orientação do médium.

A título de conclusão, revisemo-lo sucintamente.

2 — O CONCEITO COMUM DE MEDIUNIDADE

A mediunidade é uma faculdade, um aspecto das faculdades de comunicação dos Espíritos, não dos desencarnados, mas dos entes que

constituem a pessoa propriamente dita, o indivíduo verdadeiro, o princípio individualizado que se reveste de um corpo para manifestar-se, pela qual eles estabelecem, entre si, uma corrente mental, entre mentes, em regime de sintonia e afinidade.

De duas mentes, entrosadas numa corrente mental:

- uma é emissora, ativa, dominadora;
- a outra é receptora, passiva, dependente, num grau de subordinação diretamente relacionado ao grau de passividade.

Associados a esta vinculação mental, ocorrem diversos fenômenos, que dependem do receptor, de maneira semelhante à que se verifica num condutor que, quando percorrido por uma corrente elétrica, torna-se sede de vários fenômenos (calor, luz, magnetismo, radiações eletro-magnéticas).

O que denominamos de mediunidade é esta faculdade de comunicação pela qual a pessoa se torna receptora, passiva, subordinada ao comando de outrem, num certo grau de passividade.

Esta noção é mais ampla que a comumente considerada, a inicialmente formada no seu estudo.

De fato:

- 1.º — a noção de médium.

Lê-se em ([1], Cap. XIV): “...*Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que delas não possuam algum rudimento. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensividade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva.*”

É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestação.

2.º — a palavra Espírito, no ítem primeiro, é entendida indicando os desencarnados, enquanto no caso anterior ela é entendida no seu sentido geral de encarnados e desencarnados;

3.º — finalmente, dentro da acepção comum, e relativa ao exposto no ítem primeiro, a mediunidade é essa faculdade que os médiuns têm de comunicar-se com os Espíritos (os desencarnados).

3 — O PROGRESSISMO DA DOCTRINA

Antes de iniciarmos qualquer consideração, é necessário dizer que:

- 1.º — “... Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental...” ([2], Cap. I, n.º 14);
- 2.º — “... que o que caracteriza a revelação espírita é o ser que divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem...” ([2], Cap. I, n.º 13);
- 3.º — Citando um exemplo — o fato de que há Espíritos que não se consideram mortos —, reconheceu-se que “... tal situação é, sobretudo, própria dos Espíritos pouco adiantados moralmente... Foi assim que a teoria nasceu da observação. O mesmo se deu com relação a todos os outros princípios da Doutrina... Isto é, a Doutrina tem estrutura teórica: e constituída de teorias que lhe afirmam os princípios, fundamentadas nos fatos.
- 4.º — Cristo já dissera: “... Muitas das coisas que vos digo ainda não as compreendeis e muitas outras teria a dizer, que não compreenderíeis; por isso é que vos falo por parábolas; mais tarde, porém, enviarei-vos o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vós-las explicará todas...” ([2], Cap. I, n.º 26).

E, ainda, em ([2], Cap. I, n.º 28): “... o Cristo não pôde desenvolver o Seu ensino de maneira completa... faltavam aos homens conhecimentos que eles só podiam adquirir com o tempo e sem os quais não o compreenderiam...”

- 5.º — “... A Doutrina não foi ditada completa, nem imposta à crença cega...” ([2G], Cap. I, n.º 28). *Pelas condições mesmas, em que ela se produz, ... apoiando-se em fatos, tem que ser e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação...*

... Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará...

- 6.º — Mas, quem se outorgará autoridade para tentar qualquer modificação na Doutrina?

No que concerne às orientações, os Espíritos; no que diz respeito à construção doutrinária, deixada ao homem, o trabalho, o esforço, “... o futuro, a lógica e o bom senso...” ([2], Cap. I, n.º 29), como aliás se faz na ciência.

E, a fim de continuar-lhe o progresso, é necessário estudar, analisar, rever conceitos e teorias, num esforço de constante e contínua revisão, caso contrário a Doutrina estagnar-se-á, transformando-se em nova crença dogmática, igual a tantas outras, tendo-se apenas beneficiado com um pequeno acréscimo de Revelação.

4 — O CONCEITO ATUAL DA MEDIUNIDADE

Feito o preâmbulo, voltemos ao citado conceito comum de mediunidade do parágrafo 2.

- 1.º — Se a mediunidade é uma faculdade, ela é do Espírito, entendido como a pessoa, o indivíduo verdadeiro, uma vez que o corpo é mera veste, e não o desencarnado;
- 2.º — o conceito comum de médium como “... aquele em quem a faculdade se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade...”, não é certamente um conceito científico, mas mera opinião, pois não tem qualquer sentido preciso o “bem caracterizado”, o “efeito patente”, e o “certa intensidade”. Trata-se de idéias puramente subjetivas.

Seria o mesmo que querer caracterizar como corpos eletrizados aqueles que revelassem efeitos de atração e repulsão bem caracterizados, de certa intensidade, patentes ao homem comum. Ou dizer que há uma tensão entre dois pontos somente se, quando tocados, sentirmos um choque.

O que comumente se diz, não constitui acervo teórico, mas somente o resultado primeiro da observação imediata e direta.

Na época de Kardec, os Espíritos não podem oferecer as explicações que podem hoje, nem orientar para uma teoria, como foi realizado através de André Luiz, especialmente em “Mecanismos da Mediunidade”, onde, pela primeira vez, se esboça uma teoria espírita da mediunidade. E isto porque, nada ou pouco, se sabia acerca do sistema nervoso e cérebro, em particular; não se tinha os conhecimentos de Biologia e Fisiologia de nossos dias; não se conhecia o eletromagnetismo, a relatividade, a mecânica quântica, as radiações, a física nuclear, a eletrônica, o computador, a cibernética, todos conhecimentos alcançados nas últimas quatro ou cinco décadas, numa explosão de conquistas que superaram todas as efetuadas nos tempos anteriores.

Pois é com fundamento nestes conhecimentos que os Espíritos, através de André Luiz e outros, mas este em especial modo, revelaram que a faculdade mediúnica não só é comum a todos, e inerente ao homem, como já fora evidenciado a Kardec, mas que é faculdade de comunicação, de receptividade de ondas mentais, que no homem

assume o caráter complexo de captação de idéias originadas no pensamento de outras mentes; é resposta reflexiva, num mecanismo complexo que envolve a razão, a vontade, a sintonia e o desenvolvimento mental e moral.

E, ainda, que ela é o produto evolutivo de faculdade correspondente, inerente à própria mônada, cujas manifestações se efetuam em formas e expressões outras, mas sempre fundamentadas no mesmo princípio de captação e resposta a estímulos mentais.

Aliás, a esse respeito, lemos em ([3], "Segurança Mediúnica"):

"...A mediunidade é um dom, um atributo do espírito, que nasceu juntamente com a mônada, nos primórdios de sua delicada existência..."

As disposições psico-físio-somáticas que os comumente denominados médiuns apresentam, são o resultado de conquistas feitas em reencarnações anteriores e, principalmente, criadas por técnicas especiais de evidenciação no Plano Espiritual, antes da reencarnação, para o cumprimento de uma tarefa ou missão.

Entretanto, sem que nos fixemos nas disposições específicas, há a considerar que todos são possuidores de faculdades de comunicação — seres inferiores e superiores —, com a possibilidade de colocar-se em posição ativa ou passiva em relação a outros.

A célula do corpo humano, como ser vivo, é um ente constituído do espiritual (a mônada), com um princípio mental, através do qual capta os estímulos mentais do Espírito, submetendo-se-lhe às determinações, no cumprimento de suas funções.

Todo ser se encontra na posição de emissor e receptor; comandando e sendo comandado. Nos seres inferiores, estas possibilidades são reduzidas ao nível de sua evolução e a subordinação é compulsória. No homem, cuja evolução lhe está entregue ao livre arbítrio, a subordinação é voluntária, dentro de um certo âmbito de liberdade condicionada, porém sempre indispensável, pois ele encontra os caminhos lúdimos de sua evolução nas orientações do Mundo Maior, que sempre se fazem presentes, quando a elas recorra, ou necessite.

5 — A MEDIUNIDADE NOS SERES INFERIORES

Pelo visto, portanto, a mediunidade é uma faculdade do Espírito, faculdade de comunicação, pela qual o ser, já pertencente ao reino hominal, se torna receptor de idéias de outras mentes, em regime de sintonia e afinidade, submetendo-se-lhes à influência em menor ou maior grau de passividade.

Esta faculdade é o resultado evolutivo de uma característica do Espírito individualizado, criado por Deus, que nasce, em embrião, com a própria mônada.

O Espírito, desde a mônada, necessita, para evoluir, associar-se à matéria — o corpo, pelo qual se manifesta, participando das obras da criação, o modo pelo qual progride. ([4], n.º 32)

O Espírito está sempre associado a um corpo — o corpo espiritual, que se constitui, no Plano Espiritual, "*...de fluido universal de cada globo...*", diferente de um mundo a outro. ([4], n.º 94). No plano físico se reveste de um corpo material, organizado segundo as necessidades de manifestação do Espírito, renovando-o periodicamente e em formas evolutivas, sempre correspondentes ao seu grau de adiantamento.

É a este grau de renovação que, no homem, assumindo aspectos os mais complexos, denominamos desencarnação e reencarnação, segundo princípios que resultam consequência do princípio de evolução.

Assim sendo, todo ser, por mais inferior que seja, deve ser considerado constituído de:

— princípio espiritual individualizado;

— princípio mental;

— corpo espiritual;

— corpo físico, quando encarnado no mundo material, com todas as faculdades a ele inerentes, já imprimidas de forma embrionária na mônada, às faculdades de comunicação, inclusive.

Estas faculdades têm um forma de ser que, ainda, nos é quase que totalmente desconhecida, mesmo nos homens. A ciência está longe de caracterizá-las, mesmo porque desconhece a existência do Espírito. Entre os espíritas, a grande maioria ainda se limita ao terreno da opinião, sem a realização de um estudo sério, num acervo permeado de muitos elementos irracionais, relacionados às muitas credences e superstições da magia e feitiçaria; ou se filiam às tentativas de explicação de experimentadores divorciados de qualquer indicação do Plano Espiritual, o que não lhes permitiu, até o momento, sair do plano de realização da comprovação da existência dos fenômenos, e de hipóteses não comprovadas acerca das faculdades mediúnicas ou "Psi", como preferem chamar.

No âmbito humano, a mediunidade, como dissemos, repousa no estabelecimento de corrente mental, entre mentes, possível em regime de sintonia e afinidade, pela qual uma se torna ativa, outra passiva. Nisto, o agente envia idéias, e senhoreia-se dos recursos mentais do receptor, o médium, segundo o grau de passividade que este atinge na influência.

Sob este enfoque, a mediunidade entre o homem e os seres inferiores não existe, pois não há, nem pode haver, sintonia e muito menos afinidade.

Comando mental sim; este pode existir do superior sobre o inferior. O mais patente é o comando do Espírito sobre as células que

o servem, no corpo. Que possa haver, entre os homens e os animais superiores, e de que forma, é algo que desconhecemos.

No campo das radiações físicas, há imensos intervalos de frequência nos quais as desconhecemos; quanto mais isso, não se dará no campo das radiações mentais, cuja existência, por enquanto, é-nos relatada apenas pelo Mundo Maior, e mal divisamos no fenômeno da telepatia.

Os estudos recentes com animais, especialmente na teoria do comportamento, descortinam um amplo território desconhecido, no terreno das comunicações com e entre os animais, que faz entrever um amplo âmbito de leis desconhecidas.

São Francisco de Assis tinha o poder de amansar animais ferozes, uma forma de influencição ou comando. Nosso desconhecimento, a respeito, está muito relacionado ao nosso atraso moral. Os segredos da Natureza não se desvendam sem um profundo senso de respeito e amor por ela; enquanto matamos, flagelamos os seres inferiores para o nosso repasto, obstruímos as vias que nos permitiriam penetrar nesse domínio, cujo conhecimento, inclusive, poderia enriquecer-nos de imensos outros benefícios.

No "Livro dos Médiuns", Cap. XXII, aborda-se este assunto sob o título: "*Da mediunidade nos Animais*". Nele relata-se uma série de experiências da época e se diz, textualmente:

"...Como quer que seja, no tocante às experiências de que acima falamos, não menos integral permanece, de outro ponto de vista, a questão principal, por isso que, assim como a imitação do sonambulismo, não obsta a que a faculdade exista, também a imitação da mediunidade por meio dos pássaros nada prova contra a possibilidade da existência, neles, ou em outros animais, de uma faculdade análoga..." ([1], n.º 234)

O que não se dá o que é óbvio, e Kardec o afirma, é "*...os animais... servirem de intermediários ao Espíritos, para suas comunicações inteligentes...*"

Em seguida, Kardec coloca uma comunicação do Espírito Erasto, com o fim precípua de explicar porque os animais não podem servir de médiuns aos Espíritos desencarnados.

Nesta comunicação, primeiramente, Erasto se serve da noção comum de médium para apoiar sua argumentação. Recorrendo ao fato de que "*...semelhantes atuam com seus semelhantes...*" afirma a impossibilidade da comunicação mediúnica entre Espíritos e animais, que é o que justamente foi dito com outras palavras, quando dissemos não ser isso possível, com base nas leis de sintonia e afinidade.

Entretanto, para explicar a razão desta "dessemelhança", afirma que o motivo reside no fato de que os animais não estão subordinados à lei do progresso, e que somente nós, os homens, o estamos.

Afirma ainda que, "*...Deus colocou os animais ao vosso lado*

como auxiliares, para vos alimentarem, para vos vestirem, para vos secundarem. Deu-lhes certa dose de inteligência, porque, para vos ajudarem, precisavam compreender, porém lhes outorgou inteligência apenas proporcionada aos serviços que são chamados a prestar. Mas, em sua sabedoria, não quis que estvéssemos sujeitos à mesma lei do progresso. Tais como foram criados, se conservaram e se conservarão até à extinção de suas raças..."

Esta noção, assim exposta por Erasto, é aristotélica, dogmática, não espírita.

Em ([4], n.º 601), lê-se:

601 — Os animais seguem uma lei progressiva como os homens?

— *Pela força das coisas; por isso, para eles não há expiação.*

— *Sim, e é por isso que nos mundos superiores onde os homens são mais avançados, os animais o são também, tendo meios de comunicação mais desenvolvidos. Mas, eles são sempre inferiores e submissos ao homem; são para eles servidores inteligentes.*

602 — Os animais progridem, como o homem, pelo fato de sua vontade ou pelas forças das coisas?

— *Pela força das coisas; por isso, para eles não há expiação.*

O que está no "O Livro dos Espíritos" está de acordo com o princípio da evolução do Espírito, hoje mais compreensível, após a descoberta do Evolucionismo de Darwin, contemporâneo de Kardec, cuja teoria se encontrava em elaboração, no seu tempo.

Kardec, sem dúvida, não era dogmático, o que está explicitamente expresso na "A Gênese" e nas citações anteriormente enunciadas. No que concerne ao Evolucionismo, embora ele se limitasse a considerar somente o do homem, em virtude do não amadurecimento da teoria em sua época, o Codificador assim se exprime: "*...Esta teoria, sem estar admitida ainda, de maneira definitiva, é a que tende evidentemente a predominar na Ciência. Os observadores sérios aceitam-na como a mais racional...*"

O fato de Kardec ter incluído esta mensagem de Erasto, para explicar a mediunidade, entendida no seu sentido comum, somente entre os homens, deve ser considerado apenas como o fato muito comum de quem escreve que, em prosseguindo, só mais tarde se apercebe da necessidade de corrigir escritos anteriores. E se não o fez, como o fez no "O Livro dos Espíritos", no qual introduziu correções posteriores nas sucessivas edições, deverá ter sido seguramente por falta de tempo, ou de oportunidade.

a) — BIBLIOGRAFIA

- (1) — Allan Kardec: *O Livro dos Médiuns*
- (2) — Allan Kardec: *A Gênese*
- (3) — Miramez: *Segurança Mediúnica*
- (4) — Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*

b) — LEITURAS COMPLEMENTARES

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c) — PERGUNTAS

- 1.^a — Qual o conceito comum de mediunidade?
- 2.^a — Por que a Doutrina é progressiva?
- 3.^a — Quem orienta e quem elabora a Doutrina?
- 4.^a — Quem detém autoridade para elaborá-la?
- 5.^a — Qual o conceito atual de mediunidade?
- 6.^a — A mediunidade é uma faculdade; por isto é evolutiva. Explique.
- 7.^a — Resultado de que são as faculdades mediúnicas que, comumente, classificamos de mediúnicas?
- 8.^a — Todos são médiuns. Explique.
- 9.^a — Existe mediunidade nos seres inferiores? Em que sentido?
- 10.^a — Que acha da comunicação de Erasto, em relação à mediunidade, no “Livro dos Médiuns”?
- 11.^a — Compare-a com o que se diz no “Livro dos Espíritos”, n.º 601. O que nota?
- 12.^a — Depois dessa verificação, o que conclue?

d) — PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel — *Seara dos Médiuns*

Estudar e pôr em prática os capítulos:

“Atualidade Espírita e Mediunidade”; e “Dúvida”

e) — AULA PRÁTICA — (65 min)

Título — *Mediunidade e Desobsessão*

1.^a PARTE: Recomendações para a aula (2 min)

Emmanuel: “Justiça Divina” — *Na Luz da Reencarnação* (pág. 63).

2.^a PARTE: O Trabalho (30 min.)

As faculdades do Espírito surgem com ele, em embrião, ao ser criado. A mediunidade, como faculdade, é um aspecto das faculdades de comunicação, já existentes na mônada, evoluindo para o que são no ser humano.

O Espírito progride pela execução de tarefas sobre a matéria, pelas quais participa, em cooperação com os outros, das obras da criação.

A comunicação é a faculdade que estabelece esta cooperação na qual Espíritos similares se associam, os Superiores conduzem os inferiores, e estes subordinam-se àqueles.

Nos seres inferiores, a subordinação é compulsória; nos seres humanos é voluntária, embora sempre necessária.

A associação com outros, em regime de insubordinação às leis vigentes, no ser humano, gera as obsessões que, por se formarem voluntariamente, só podem ser desfeitas, também, pelo livre arbítrio dos que estão nelas envolvidos. Os outros podem aconselhar, influenciar; mas não desfazer.

Um caso em que se evidencia o processo de desligamento entre Espíritos ligados obsessivamente é o relativo a Cláudio e Moreira, narrado no capítulo. A mudança de pensamentos em Cláudio rompe a ligação sustentada antes pelos pensamentos que eram afins, e os dois se afastam.

E esta é a chave do desligamento: a elevação de pensamentos. Daí recomenda-se esta mudança àqueles que, obsediados, procuram o auxílio nos trabalhos de obsessão.

Daí o valor da prece. Por ela, nos ligamos ao Mundo Maior; aos seres que nos indicam os caminhos lícitos do progresso, num processo que é mediúnico e que é sempre melhor efetuado, quando nos entregamos passivamente ao intercâmbio. Para atingir este estado, as Religiões sempre criaram processos de indução: altares, vestes, símbolos, cânticos, etc. . . Eles, entretanto, desde que entendamos o que seja a concentração, são desnecessários.

Pelo fato de o pensamento, ao estabelecer intercâmbio com mentes afins, também estabelece o tônus vibratório que governa nosso corpo, entende-se como a prece, os pensamentos de ordem elevada possam beneficiar-nos a saúde, um fato conhecido e que denominamos de “poder da fé”.

CONCLUSÃO - II

1 — METAPSÍQUICA, PARAPSIKOLOGIA E ESPIRITISMO

A Metapsíquica e a Parapsicologia não devem ser confundidas com o aspecto científico do Espiritismo.

Primeiramente, a Metapsíquica se constituiu na pesquisa dos fenômenos mediúnicos, no século passado e no início deste, por parte dos cientistas, alguns de renome mundial, notadamente entre os europeus e norte-americanos que, com seriedade, se lançaram às investigações utilizando-se dos métodos científicos possíveis naquela época, com total isenção de crença ou dogmatismo, notadamente das crenças populares, imbuídas de credices e superstições da magia e da feitiçaria, na explicação destes fenômenos denunciados desde longa data.

Este é o ponto que deve ser bem entendido para que se compreenda o trabalho científico de investigação: a desconsideração de qualquer crença ou dogma. A ciência se fundamenta na observação e na experiência: todo conhecimento fundamentado na crença e ou no dogmatismo, é destituído de valor.

Entretanto, no Cap. XX, n.º 3, lemos, numa comunicação de e na “A Gênese”, [2], verificamos que esta é também a posição assumida por Kardec. Entretanto, a Metapsíquica e a Parapsicologia negam à Codificação esta característica, porque Kardec não teria elaborado a Doutrina: teria exposto uma Doutrina ditada pelos Espíritos, entendendo elas que isto representa a aceitação de uma nova crença e a criação de outro sistema dogmático.

E, sem dúvida, para isto contribuiu a expressão “dogma da reencarnação” utilizada, primeiro, no “Livro dos Espíritos”, depois, no “Evangelho Segundo o Espiritismo”, [3].

No “Livro dos Espíritos”, ao explicar a reencarnação, na pergunta 166-c está escrito: “. . . Parece resultar, desse princípio, que após. . .”; donde se nota a correta utilização da palavra princípio, por Kardec.

Já na pergunta 171 lê-se: “. . . Sobre o que se funda o dogma da reencarnação? . . ., o que, sem dúvida, é uma contradição. Princí-

pio e dogma são coisas distintas: o princípio resulta da aplicação do método teórico-experimental a fatos ou fenômenos; o dogma se fundamenta na crença, em pressupostos não fundamentados nos fatos.

Essa mesma contradição é encontrada em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. IV, n.º 11. Começa Kardec dizendo: “... Se o *PRINCIPIO* da reencarnação, expresso em São Paulo...”, utilizando, portanto, a palavra princípio; no n.º 15 repete: “... O *PRINCIPIO* da pluralidade das existências...” (Os sublinhados são nossos).

No n.º 16: “... Não é, pois, duvidoso, que sob o nome ressurreição, o *PRINCIPIO* da reencarnação fosse uma das crenças fundamentais dos judeus...” E no n.º 17: “... A essa autoridade, de natureza religiosa, virá juntar-se, no plano filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos. Quando dos efeitos se quer remontar às causas, a reencarnação aparece como uma necessidade absoluta, uma condição inerente à própria Humanidade, ou em uma palavra, como uma *lei* da Natureza...”

... Sem o *PRINCIPIO* da preexistência da alma e da pluralidade das existências, a maior parte das máximas do Evangelho são ininteligíveis... Esse *PRINCIPIO* é a chave que deve restituir-lhes o verdadeiro sentido...”

Não pode haver a menor sombra de dúvida de que Kardec tinha a exata noção da reencarnação como *PRINCIPIO científico* e não como *dogma*.

Entretanto, no Cap. XX, n.º 3, lemos, numa comunicação de Henri Heine: “... o belo dogma da reencarnação eterna...” e no n.º 4, numa comunicação de Erasto (o protetor do médium): “... ides pregar o novo dogma da reencarnação e da elevação dos Espíritos...”, o que, certamente, estão em total contradição com o conceito exposto por Kardec, que o coloca como *PRINCIPIO*.

2 — O PORQUE DA PALAVRA DOGMA

O Espiritismo é ciência teórico-experimental, como o atesta “A Gênese” no Cap. I, mas, principalmente, como o demonstra sua estruturação feita sobre a observação e a experiência mediúnicas.

Por isto, não tem dogmas.

O aparecimento da palavra dogma na Codificação, e somente nestas passagens, deve ser entendido como um lapso de natureza semântica; compreensível numa época em que o método teórico-experimental ainda se encontrava em desenvolvimento na física e era entendido apenas nos limites dos 5 princípios de Mill, contemporâneo de Kardec, que lhe estabelecera sua primeira formulação teórica, na Lógica Indutiva. Além de que toda a filosofia, naquela época, era toda dogmática, não fazendo sentido falar em princípios filosóficos, no sentido com que se o pode fazer hoje.

O que importa é que o Espiritismo, por sua natureza teórico-experimental, progressiva, como exposto por Kardec em a “Introdução” ao “Livro dos Espíritos” e na “A Gênese”, mais explicitamente no n.º 14, não tem dogmas, fato do qual Kardec tinha clara noção pelo uso constante do termo princípio que faz.

Mas não só: em “O Que é o Espiritismo”, [4], no “3.º Diálogo”, entre um sacerdote e Kardec, lemos:

S. — *Convenho em que, no que diz respeito às questões em geral, o Espiritismo é conforme as grandes verdades do Cristianismo. Mas ... e os dogmas? Sucede o mesmo no que diz respeito aos dogmas?...*

A.K. — *O Espiritismo é, acima de tudo, uma ciência, e não se ocupa com questões dogmáticas...*

... *Baseia-se, ... em princípios que independem de toda questão dogmática...*

É de se crer que, se o Mestre Lionês tivesse tido tempo, numa outra revisão teria eliminado o termo dogma e toda comunicação que lhe encerrasse o significado. O próprio Flammarion, ao despedir-se dele, em seu túmulo, pronuncia em discurso: “... *Passou o tempo dos dogmas...*” [8].

E os Espíritos confirmam. Diz Emmanuel em ([9], n.º 360):

360 — *Qual deve ser a ação do espiritista em face dos dogmas religiosos?*

— *Os novos discípulos do Evangelho devem compreender que os dogmas passaram... Dentro das novas expressões evolutivas, porém, os espiritistas devem evitar as expressões dogmáticas, compreendendo que a Doutrina é progressiva, esquivando-se a qualquer pretensão de infalibilidade, em face da grandeza inultrapassável do Evangelho...*

3 — OS METAPSIQUISTAS

Mas, o aparecimento da palavra dogma serviu para que os metapsiquistas, numa apreciação superficial e apressada, considerassem o Espiritismo dogmático; e o rejeitaram por isso.

Haja vista o que diz Aksakof, um dos metapsiquistas do fim do século passado mais divulgado entre nós: “... É claro que a propagação desta doutrina foi matéria de forte predileção. De início, a reencarnação não foi apresentada de forte predileção de estudo, mas como um dogma...” Referindo-se a Kardec, continua: “... Para o sustentar, recorreu com frequência a escritos de médiuns (ditados pelo Espírito de Verdade e outros), que, como bem sabemos, facilmente se submetem à influência de idéias preconcebidas...”

Sem dúvida, o Espiritismo é Doutrina dos Espíritos, obtida através da mediunidade, mas não estabelecida em forma de crença.

Kardec, ao reunir as comunicações dos Espíritos, as selecionou, as submeteu ao crivo da observação, da experiência, da razão, com a adoção mais lúdica do método teórico-experimental compatível com a época. Codificou-a, isto é, estruturou-a, construiu-a, em consonância com o exposto em ([3], Cap. I, n.º 13), onde se lê “...o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem...”

Apenas, ela não foi completada; nem o será jamais, porque é evolutiva, progressiva. Kardec iniciou sua construção. Cabe aos seus seguidores tomar o bastão e, sempre em consonância com o Mundo Maior, conduzi-la avante.

4 — METAPSÍQUICA, PARAPSIKOLOGIA E O ASPECTO CIENTÍFICO DO ESPIRITISMO

O que difere entre a Metapsíquica e o Espiritismo é o se apoiarem eles em diferentes filosofias.

O Espiritismo estruturou a sua, sobre os princípios de evolução e reencarnação do Espírito, com base na experiência, de forma não dogmática.

A Metapsíquica, não. Onde resultaram, dela, as concepções materialistas e espiritualistas. Dos espiritualistas originou-se o que passou a ser denominado de “New Spiritualism”, em inglês, e Espiritismo Anglo-Saxônico, em português, totalmente diferente do Espiritismo, não aceitando nem a evolução, nem a reencarnação, embora também termine numa moral cristã, sincrética com o Anglicanismo, dogmática.

A Metapsíquica desapareceu, embora alguns ainda estejam a ela afeiçoados ou a citem pelas obras, principalmente, de Aksakof e Bozzano, e que apontam, equivocadamente, como obras complementares ou suplementares da Codificação Kardequiana.

A Metapsíquica cedeu lugar à Parapsicologia, que difere dela pela utilização dos recursos científicos teóricos e experimentais atuais e pelos pressupostos filosóficos ainda mal definidos e não estruturados em uma filosofia propriamente dita, com a tendência manifesta de tudo querer explicar, a partir dos princípios da Física Moderna (quântica, relativa, nuclear, etc.) uma tendência realista materialista, principalmente avessa a toda e qualquer consideração de conseqüências de ordem moral, ou religiosa.

Isto a afasta do Espiritismo em dois sentidos:

1.º — porque, para este, Espírito e Matéria são dois princípios distintos, obedecendo a leis próprias, irredutíveis entre si: as leis que governam a matéria não explicam o Espírito, como pretendem os realistas; as leis que explicam o Espírito, não explicam a matéria, como querem os idealistas.

2.º — porque não se pode, ao estabelecer qualquer teoria sobre o homem, fazê-lo sem adotar uma filosofia, pois é necessário considerar os valores. Qualquer pesquisador não pode cingir-se à mera experiência ou à consideração de uma simples coleta de fatos, porque, como pessoa, quer queira quer não, tem idéias preconcebidas acerca da vida, da morte, de Deus, de bem viver, etc..., que não pode deixar tão somente na forma de opinião, se quiser fazer ciência. E, para isso, tem que estruturar estas idéias de forma correta, segundo as exigências da filosofia, caso contrário se exporá ao perigo de cometer sérios enganos, na elaboração de teorias, como soe acontecer com os “puros experimentadores”.

Além disso, não se pode esquecer que todo conhecimento acerca do homem tem que imbuir-se de um fim útil que contribua para a edificação de um mundo melhor, para a “...solução dos problemas do destino e da dor, junto da Humanidade, de modo a se esvaziarem penitenciárias e hospícios... orientar o fenômeno a serviço do homem, para que o fenômeno não se reduza a simples curiosidade da inteligência...” ([6], Anté a Mediunidade)

O aspecto científico do Espiritismo, em nossos dias, é pouco ou nada cultivado pelos encarnados, mais voltados que estão aos seus aspectos filosóficos e religiosos. Não há uma experimentação propriamente dita; mas há a preocupação, por parte dos Espíritos, de André Luiz e Emmanuel especialmente, de apontar os caminhos da compatibilização da Doutrina com os conhecimentos científicos atuais, caminhos estes que nos cabe perslustrar, a fim de continuar a edificação doutrinária iniciada por Kardec. Não se pode falar em uma experimentação espírita, sem antes municiar-se dos conhecimentos atualizados da Ciência e da Filosofia atuais.

Daí a necessidade de Escolas e Centros de Estudo Espíritas que, entendendo a Doutrina no seu todo trino de Ciência, Filosofia e Religião, a possam conduzir no seu sentido lúdico de progresso e desenvolvimento, em perfeita sintonia com o Mundo Maior, o condutor da Humanidade, na sua evolução.

5 — DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

Um terceiro ponto, que acreditamos ter ficado bem claro, é que o desenvolvimento mediúxico diz mais respeito à personalidade do médium, do que à sua faculdade.

Antes de tudo o que comumente denominamos de mediunidade, é uma faculdade possuída por certas pessoas que as torna capazes de realizar algum tipo de fenômeno mediúxico, classificados por vários autores.

A classificação devida a Kardec consta do “O Livro dos Médiuns” [7]. Nele, a cada tipo de fenômeno foi associado, convencionalmente, um tipo de mediunidade, de modo que esta, também, resultou classificada em tipos.

A intuição, a indução mental, a sugestão, a reflexão de idéias e sua associação, entretanto, foram relacionadas por André Luiz, à mediunidade, entendida não no sentido comum, mas no mais amplo, resultando disso a explicação do porque todos somos médiuns, num grau correspondente ao nosso estágio evolutivo.

A mediunidade, entendida no sentido comum, raramente é aquisição do Espírito. Geralmente é uma sensibilidade que lhe é outorgada antes da reencarnação, por processos de magnetização a nós desconhecidos, como concessão de recursos para o exercício de uma tarefa, neste plano, relacionada ao intercâmbio entre os dois planos. Digamos que seria algo semelhante ao fornecimento de um binóculo a algum obreiro que necessitasse dele, para desincumbir-se de uma tarefa que lhe atribuíssemos.

Esta sensibilidade, portanto, é tão somente uma ferramenta, um instrumento, que não tem nada a ver com o adiantamento moral e intelectual do favorecido, em si mesmo; mas que o tem quanto ao uso que dela se pretende que se faça. Os recursos não são fornecidos ao acaso. Quando se os fornece, pressupõe-se que:

- 1.º — a pessoa está qualificada para o desempenho da incumbência que lhe é atribuída;
- 2.º — ela é suficientemente responsável para cumpri-la, segundo o esperado.

Assim, uma coisa é fornecer um binóculo a alguém para assistir a uma corrida de cavalos; outra é concedê-lo a um guarda florestal, a fim de manter-se em observação contra possíveis incêndios, ou depredações criminosas.

A mediunidade é uma sensibilidade própria ou outorgada para o exercício de uma tarefa, nos mais diferentes campos de atividade: na Ciência, na Filosofia, na Religião, na Arte, na Política, etc. . . , em qualquer ramo do progresso, por pequeno ou grande que possa ser. É evidente que, a pessoa escolhida, será a qualificada para a tarefa visualizada, e os recursos a ela atribuídos serão aqueles apenas necessários. Isto explica a grande diversidade de mediunidades, em tipo e grau.

Mas, a sensibilidade em si não é o bastante. Ela é como um talento: nasce-se com ele.

Surgimos neste mundo com planos adrede definidos, antes da reencarnação; com compromissos assumidos, planos de realização estipulados, recursos pessoais definidos e outros concedidos que advirão no tempo e no decurso de nossas realizações.

Nasce-se com o dom de desenhar, de fazer música, de ter habilidades manuais, intelectuais, de realização específica num ou outro campo, mas não o desfrutaremos se não o aprendermos a utilizá-lo, pelo estudo, pelo burilamento íntimo, com disciplina e concentração de interesses.

Nascemos com o dom para a Matemática, frutos de conquistas anteriores que necessitamos redespertar por meio do estudo; não nos tornaremos matemáticos, se não a estudarmos. Não nos tornaremos virtuosos no piano, se não tivermos o dom; mas se o tivermos não o seremos também, se não nos dispusermos a um prodigioso esforço de estudo e prática constantes. Somos governados pelas leis do esquecimento e da recapitulação, para progredir.

É a isto que denominamos, impropriamente, de desenvolvimento; melhor é dizer educação. E, para efetuar-la, não há um único método; há-os vários: uns piores, outros melhores. Se uma pessoa tem talento para tornar-se um instrumentista, mas se limita a “tocar de ouvido”, ou a aprender nos “cursos de três meses, sem mestre”, jamais conseguirá fazer aflorar todas as próprias potencialidades.

Com a mediunidade se passa algo semelhante. Para que o médium possa atingir o máximo de suas possibilidades terá que:

- 1.º — entender no que consiste sua faculdade e sua finalidade, o que exige estudo e desenvolvimento intelectual — conhecimento científico e doutrinário, nos limites de sua tarefa.

Certamente podemos nos restringir ao aprendizado “por ouvido”, feito de comentários rápidos e desconexos ou palestras, como se faz em geral, ou dispormo-nos aos “cursos rápidos sem mestre”, nas reuniões em que o médium é posto a “trabalhar”, por apresentar mediunidade à flor da pele. Desperdiçaremos nossos dons e deveremos dar-nos por satisfeitos, quando não incorramos em lamentáveis enganos, engrossando as fileiras daqueles que, ao retornarem à pátria espiritual, se vêm na contingência de declarar não terem cumprido a sua missão.

- 2.º — colocar-se em sintonia com o Plano Maior, assim como o músico necessita conviver com os “Grandes Mestres”, para não permanecer na mediocridade. E isto requer elevação moral e intelectual: renovação interior segundo os padrões evangélicos, pondo-os em prática.

Isto é o que denominamos de educação mediúnica, incorretamente designada de desenvolvimento mediúnico. E o melhor método, para efetuar-la é conhecer e praticar a Doutrina Espírita, a única que oferece uma explicação racional e lógica, isenta de dogmas, acerca da realidade da vida, nos dois planos, do significado e do objetivo da mediunidade.

Isto é o que se deve entender por educação mediúnica: a capacitação do médium em exercitar a própria mediunidade, dentro dos preceitos da Doutrina Espírita, estudando e servindo sempre, em consonância com o novo mandamento: AMAI-VOS E INSTRUI-VOS, que é o que o torna MÉDIUM ESPÍRITA.

6 — DONS MEDIÚNICOS

Ao longo do curso foram feitas várias afirmações:

— a mediunidade é uma faculdade de comunicação comum a todos e desenvolvimento de uma, nascida em embrião com o próprio Espírito; portanto, desde a mônada;

— que, a mediunidade, segundo a concepção comum, é um aspecto desta faculdade de comunicação, geralmente “aumentada”, por processos magnéticos, na pessoa, antes de sua reencarnação. Em termos de analogia, um processo semelhante ao que nós usamos para transformar um pedaço de ferro em um ímã: fundimos o metal e o deixamos resfriar sob intensos campos magnéticos, que lhe orientam os domínios de modo a torná-lo, à temperatura normal, um ímã;

— e, ainda, que, em pequeno número, há pessoas que possuem certa sensibilidade específica, mais desenvolvida do que em outros, adquirida ao longo das encarnações, por evolução efetuada com esforço e experiência.

É o caso dos gênios, dos que se destacam sobremaneira num campo qualquer de atividade, inclusive a religiosa.

Excetuados os casos em que a pessoa já reencarna em situações penosas de reeducação e continuidade de tratamento do Espírito, a grande maioria permanece num estágio mediúnicos em que é sempre mais fácil de resvalar para a obsessão do que para o aprimoramento.

Entende-se que assim seja, pois o aperfeiçoar-se é subida: requer labor, operosidade, determinação, clareza de objetivos, disciplina, elevação de propósitos; enquanto as quedas se produzem sempre na ausência deles: no ócio, no viver ao léu, no descaso dos bens de que somos portadores.

Os médiuns propriamente ditos são tarefeiros como outros quaisquer. Reencarnando com a missão específica para servirem de ponte entre os dois planos, deixando fluir a orientação, o auxílio, o consolo do Alto, aos semelhantes, uma tarefa que, mais que todas, deve subordinar-se às leis da cooperação e dos auxílios mútuos, detêm esta possibilidade por empréstimo, de forma semelhante à entrega de uma ferramenta que fazemos a um obreiro, a fim de que execute determinada tarefa.

É evidente que, tal recurso, desde que não seja bem utilizado, do mesmo modo que foi concedido, pode ser retirado.

Entretanto, aqueles que se tornaram possuidores do dom por aquisição merecida, estes já se encontram em nível superior, constituem os missionários, cuja passagem por este plano deixa marcas indeléveis pelo progresso de que se fazem portadores.

É este é o ponto que desejamos frisar.

Os dons mediúnicos representam aspectos da personalidade que caracterizarão o homem evoluído. A marcha ascensional do Espírito se realiza no sentido de suas aquisições definitivas. Nossas possibilidades de realização e de comunicação crescem no sentido pelo qual

o homem tornar-se-á possuidor desses dons, tendo por modelo o Cristo.

Jesus, ao reencarnar, teve de reduzir de muito sua grandeza e seus poderes; mas, em termos de comportamento, reduziu-se ao que o homem deverá ser no fim do ciclo de suas reencarnações, como ser humano. E o caminho desta ascensão, em termos de comportamento e aprimoramento íntimo, consiste em automatizar o procedimento evangélico.

Em termos de efeitos físicos, vemos a Jesus “... na exteriorização de energias sublimes... em... Canaã... oferecendo notável demonstração... transformando água em vinho...” Ainda, “... evidenciando a extensão de seus poderes, associados ao concurso dos mensageiros espirituais que, de ordinário, lhe obedeciam às ordens e sugestões... o encontramos... a multiplicar pães e peixes...”

... Ainda ... identificamo-Lo em plena levitação, caminhando sobre as águas, e em prodigiosa ocorrência de materialização... — quando se põe a conversar... com dois varões desencarnados que... apareceram glorificados...

... Em Jerusalém, no templo, desaparece de chofre, desmaterializando-se... e na mesma cidade, perante a multidão, produz-se a voz direta...

... Em cada acontecimento, sentimo-Lo a governar a matéria, dissociando-lhe os agentes e reintegrando-os à vontade, com a colaboração dos servidores espirituais que lhe assessoram o ministério de luz...”

Em termos de efeitos intelectuais, nos quais se “... reconhece a inteligência como possuidora de outras vias de conhecimento, além daquelas que se constituem dos sentidos normais... vaticina os sucessos amargos que culminariam com a morte na cruz. Utilizando a clarividência, antevê Simão Pedro cercado de personalidades inferiores da esfera extrafísica... e o perigo que isso representa para a fraqueza do Apóstolo...”

... demonstra conhecer a perturbação consciencial de Judas...

Na mediunidade curativa, “... Paráliticos estendem-lhe membros mirrados, obtendo socorro. Cegos recuperam a visão. Ulcerados mostram-se limpos. Alienados mentais... recobram equilíbrio.

... Não salienta a confiança por simples ingrediente de natureza mística, mas sim por recurso de ajustamento dos princípios mentais, na direção da cura...”

“... Em Jesus é seus primitivos continuadores... mostram-se os valores mediúnicos a serviço da Religião Cósmica do Amor e da Sabedoria, na qual os regulamentos divinos, em todos os mundos instituem a responsabilidade moral segundo o grau de conhecimento, situando-se, desse modo, a Justiça Perfeita, no íntimo de cada um, para que se outorgue isso ou aquilo, a cada Espírito, de conformidade

com as próprias obras...”, fazendo do Evangelho “...o Código de Princípios Morais do Universo... a carta de conduta para a ascensão da consciência a imortalidade...” ([6], Cap. XXVI).

Em termos de aprendizado, salientou a continuidade da vida e o progresso do homem quando declarou não poder esclarecer tudo; mas que enviaria, mais tarde, o Parácleto, a fim de que este o pudesse fazer.

Resulta evidente que as realizações de Jesus não eram as de um médium no sentido comum de intermediário, como afirma Kardec em ([3], Cap. XV). Eram dele mesmo, pelos dons de que era possuidor e que, inclusive, teve de reduzir muito.

Que, como Espírito, ele seja possuidor de faculdades de comunicação com entidades de planos mais altos, certamente o será; apenas desconhecemos que forma elas possam ter adquirido, porque, tendo Jesus ultrapassado a fase humana, não sabemos de quais novos aspectos elas poderão ter-se revestido.

O que importa para nós, acima de tudo, é compreender que nossa marcha evolutiva dirige-se na aquisição da Sabedoria e do Amor, feita com esforço e denodo, cujo guia é o Evangelho, e cuja meta está simbolizada na figura excelsa de Jesus.

Os dons mediúnicos adquiridos e acrisolados como dons perenes e inalienáveis, em todas as suas modalidades, estaremos aptos a ingressar em novo plano evolutivo e a prosseguir em outras sendas de progresso.

a) — BIBLIOGRAFIA

- (1) — Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*
- (2) — Allan Kardec: *A Gênese*
- (3) — Allan Kardec: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*
- (4) — Allan Kardec: *O Que é o Espiritismo*
- (5) — Rino Curti: *Espiritismo e Sexualidade*
- (6) — André Luiz: *Mecanismos da Mediunidade*
- (7) — Allan Kardec: *O Livro dos Médiuns*
- (8) — Allan Kardec: *Obras Póstumas*
- (9) — Emmanuel: *O Consolador*

b) — LEITURAS COMPLEMENTARES

As dos capítulos das obras citadas no texto.

c) — PERGUNTAS

- 1.^a — Qual o conceito básico do trabalho científico de investigação?
- 2.^a — Por que a Metapsíquica e a Parapsicologia negam ao Espiritismo estrutura científica?
- 3.^a — É de crer-se que Kardec admitia dogmas, no Espiritismo?
- 4.^a — Qual deve ser a atitude dos espíritas, perante os dogmas?
- 5.^a — O que significa dizer que Kardec codificou a Doutrina?
- 6.^a — Qual o papel dos espíritas, na construção doutrinária?
- 7.^a — Qual a diferença entre Metapsíquica e Espiritismo?
- 8.^a — E entre a Parapsicologia e o Espiritismo?
- 9.^a — Em que consiste o aspecto científico da Doutrina?
- 10.^a — A mediunidade, geralmente, é semelhante a uma ferramenta concedida para o exercício de uma tarefa. Explique.

- 11.^a — A mediunidade, em si, independe do desenvolvimento moral do médium; não o seu uso, porém. Explique.
- 12.^a — O que deve fazer o médium para atingir o máximo de suas possibilidades?
- 13.^a — Os médiuns, na concepção comum, são tarefeiros como outros quaisquer. Explique.
- 14.^a — O que representam os dons mediúnicos?

d) — PRÁTICA DE RENOVAÇÃO ÍNTIMA

Emmanuel — *Seara dos Médiuns*

Estudar e pôr em prática os capítulos: “Inspiração”, e “Obsessão e Cura”.

e) — AULA PRÁTICA — (65 min)

Título — Conclusão — I

1.^a PARTE: Recomendações para a aula (2 min)

Emmanuel: “Justiça Divina” — Céu (pág. 65).

2.^a PARTE: O Trabalho (30 min)

Trata-se da conclusão do Curso. Nela salientam-se quatro pontos principais:

- 1.^o — o que é desenvolvimento mediúnic;
- 2.^o — Metapsíquica e Parapsicologia diferem do aspecto científico do Espiritismo;
- 3.^o — o que é desenvolvimento mediúnic;
- 4.^o — o que representa a mediunidade.

No 1.^o, faz-se uma crítica do conceito comum de mediunidade para, em seguida, colocar o conceito próprio, que a define como a evolução de um aspecto das faculdades de comunicação, inerentes ao Espírito, já existentes, em embrião, na própria mônada.

Conclui-se que, no sentido comum, a mediunidade, como meio de comunicação entre encarnados e desencarnados, utilizando como intermediários os animais, não é possível, em virtude das leis que regem o pensamento e a afinidade.

Mas há comando mental e subordinação entre seres superiores e inferiores, fundamentado nas faculdades de comunicação do Espírito.

Nada conhecemos ainda a respeito; e isto, principalmente, devido ao estágio em que nos encontramos.

Mostra-se, ainda, uma contradição entre a comunicação de Erasto, contida no “Livro dos Médiuns”, e o disposto no “Livro dos Espíritos”, a respeito deste assunto, concluindo que devemos permanecer com o enunciado no “Livro dos Espíritos”, mesmo porque a concepção de Erasto é dogmática.

Quanto aos outros itens, eles são tratados no capítulo 13.^o. — CONCLUSÃO — II.

LEIA TAMBÉM:

LENDAS DE OSIRIS

Carlos de Brito Imbassahy

Uma obra que não se restringe a contar apenas belas e míticas histórias de uma cultura tão rica quanto exótica como a egípcia.

Vai além: perscruta-lhe os enigmas, estuda seus conhecimentos e expõe o fundamento filosófico daquele povo reencarnacionista.

O CASTELO DAS AVES FERIDAS

Nancy Puhlmann di Girolamo

A autora escreveu sobre o que conhece e experimenta em seu dia a dia. Produziu, todavia, uma obra para ser lida por todos, e não apenas por pais e parentes de excepcionais.

O leitor, além de ter o seu universo mais ampliado, acaba gratificado: este é um livro lindo.

SEMÍRAMIS

(Rainha da Assíria, da Babilônia do Súmer e Akad)

Camilo Chaves

Romance histórico, extremamente bem escrito, exibindo um impecável trabalho de pesquisa.

O reinado e os conflitos de uma mulher - Semíramis - que viveu há cerca de oito séculos antes de Cristo. Exemplo raro - em vista da época - de mulher e governante.

A GÔNDOLA PRATEADA

M.B. Tamassía

Retorno da boneca Marly, "a pequena estafeta", que viaja com seus amigos numa gôndola espacial para um lugar habitado apenas por animais.

Em meio a muitas aventuras, presenciam o julgamento dos homens pelos animais.

LEIA TAMBÉM:

FRONTEIRAS DO ESPIRITISMO E DA CIÊNCIA

Carlos Toledo Rizzini

Estudo profundo e esclarecedor a respeito da origem e a evolução do pensamento humano, abrangendo a filosofia e o desenvolvimento científico.

Obra indispensável para a compreensão do estágio evolutivo do Homem na atualidade.

ESPIRITISMO E OBSESSÃO

Rino Curti

Trabalho científico sobre a obsessão - seu conceito, causas e intervenções - em que são sintetizados tipos de subjugação, obsessão na sexualidade, efeitos das alucinações nos alcoólatras e nos drogados, vampirismo, etc., em interpretações seguras e valiosas.

O CENTRO ESPÍRITA

J. Herculano Pires

Um dos maiores experts em Doutrina Espírita, o autor produziu uma vasta bibliografia onde despontam obras que já são consideradas verdadeiros clássicos.

Neste livro, ele aborda a função, significação e os serviços do Centro, a comunidade, as raízes africanas, Deus, as almas frágeis, a disciplina, os problemas religiosos, as curas, etc.

SALTO NO ESCURO

Helena Maurício Craveiro Carvalho

Uma obra com compromisso com a originalidade e o novo. Sem abrir mão de uma opção feita há anos, qual seja a de desvelar a mensagem perene da Doutrina Espírita, a autora ousa e se arrisca. E se dá bem. E ganha o leitor.

Enfim, um livro natural e espontâneo, forte e envolvente.

LEIA TAMBÉM:

O PASSE
(Imposição de Mãos)

Rino Curti

O *poeder curador* como uma forma de mediunidade que depende, em grande parte, da assistência dos Espíritos. O *passé*, instrumento que manifesta esse *poeder*, é descrito na sua essência, mostrando que sua aplicação não depende de técnicas.

Obra que aborda temas polêmicos, centraliza a discussão entre aqueles que negam e os que aceitam a existência do Espírito e a reencarnação.

A VIDA DE MARIA DAS DORES
(Sacrificado Amor)

Amaury Fonseca

O drama de Maria das Dores, uma linda mulher dotada dos mais nobres sentimentos, que conquistava a todos. Jovem viúva, ela se vê entre dois amores, como uma leve pena ao sabor do vento.

Ambientado na São Paulo de fins do século XIX, o romance mostra a paixão, a tentação e a luta moral ante as conveniências sociais daquele tempo.

MARLY,
a pequena estafeta

M. B. Tamassia

A exemplo de "Toinzinho e o anjo Galdino", do mesmo autor, esta é uma obra para todas as idades.

Marly é uma boneca do "outro mundo", ora fadinha ora bruxinha, que envolve-se em situações divertidas e rocambolescas com outras personagens igualmente inescrutáveis.

De suas aventuras, os jovens leitores irão extrair, com certeza, profundas lições de vida, à luz da Doutrina Espírita.